



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

Carolina da Purificação Costa

“Una resolución, luchar hast’al fin!”: a experiência da Guerra Civil Espanhola nos escritos de George Orwell

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana, 2013.

Carolina da Purificação Costa

“Una resolución, luchar hast’ al fin!”: a experiência da Guerra Civil Espanhola nos escritos de George Orwell

Dissertação do Curso Mestrado em História, apresentado à Banca Examinadora na Universidade Estadual Feira de Santana, como exigência para obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Jacques Depelchin.

Feira de Santana, 2013.

“Una resolución, luchar hast’ al fin!”: a experiência da Guerra Civil Espanhola nos escritos de George Orwell

A banca examinadora considera esta dissertação adequada como requisito para a conclusão do Curso de Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana, 23 de agosto de 2013.

Prof. Dr. Clóvis Frederico Ramaiana M. Oliveira

Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Paulo Santos Silva

Universidade do Estado da Bahia

Prof. Jacques Depelchin

(Orientador)

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

C87 Costa, Carolina da Purificação
“Una resolucion, luchar hast’al fin!”: a experiência da Guerra Civil espanhola nos escritos de George Orwell / Carolina da Purificação Costa. – Feira de Santana, 2013.
111 f.,

Orientador: Jaques Depelchin

Mestrado (dissertação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

1. História. 2. Guerra civil - Espanha. 3. George Orwell. 4. Memória I. Depelchin, Jaques, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 946.0:341.39(460)

Aos lutadores e lutadoras do povo, que suas histórias não sejam
encobertas pelas areias do tempo.

AGRADECIMENTOS

Estes dois últimos anos passaram extremamente rápido, tanto que olhar para trás neste momento me amedronta significativamente. Olho, e tenho ingênuos anseios por contar o tempo que me falta, como se fosse possível saber até aonde a vida vai. Ao mesmo tempo, ao olhar em retrospectiva vejo as pessoas que estiveram comigo e a importância de cada uma me cativa, comove, e consola. Como poderia ter passado pelo mestrado se vocês não estivessem junto a mim? Como escreveria cada linha deste texto se suas vozes otimistas não me motivassem? Como não agradecer por suas presenças e por acreditarem até o fim que eu conseguiria?

Agradeço a minha família com todo meu coração: a minha irmã Tininha por me ensinar amar, mesmo entre os brutos; a minha metade autônoma Itana por ser minha melhor amiga, revisora, meu grilo falante (consciência) e, por vezes, meu maior exemplo; a minha mãe Cristina pela paciência, pelo cafuné no momento certo, pelo amor insuspeito e sempre sincero; a minha caçula Letícia por seu sorriso infantil e simples; a meu pai por me aceitar adulta e confiar que posso viver por mim mesma; a Diego, meu amigo, meu irmão, meu cunhado, que acreditou mais em mim do que eu mesma. Amo todos vocês.

Ao meu amor, Juliana, espero poder te oferecer mais do que palavras de agradecimento; quero poder te entregar todos os dias provas do meu companheirismo, do meu carinho, da minha vontade de te ver bem. Tudo isso para que não esqueças que te amo e que estou aqui por você também.

Aos meus amigos, mais do que um “obrigada”, gostaria de lhes dizer o quanto são importantes nos meus dias, cada um ao seu jeito, à sua maneira.

Paola, Karina, Ludi, Lili, Manu, Neilla vocês são os presentes mais belos que a UEFS poderia ter me dado, não importa as distâncias, as decisões que nos empurram nessa vida burocrática, pois as nossas lembranças e nossos momentos juntas sempre me trazem um fôlego juvenil e uma leveza no espírito que me acalma e me ajuda a seguir em frente; obrigada por estarem comigo, até mesmo quando não estão.

João (das metáforas), Chin, Nay, Yole, Danilo, Tiago, Aline, Tami, Rafa, Flavinha, André, Lívia, Coelho, obrigada pelas conversas, desabafos, risadas, abraços, cervejas, por não me deixarem dormir, por me deixar acordá-los, por me

acompanharem, por cuidarem de mim. Vocês, definitivamente de longe, foram a melhor companhia que eu poderia ter tido esses anos; e espero poder aproveitar de suas presenças ainda bem mais.

Italva, Luana, Milena, Ana, Mari, Isa, Yo, Márlon, obrigada pelos temperos de carinho, solidariedade e cuidado que sempre tiveram comigo. Nossos breves encontros são tão repletos de uma energia cativante, que mesmo momentâneos, isso não os torna menos especiais.

Agradeço muito aos amigos que pude fazer no SESC: suas vidas, suas formas de encarar o mundo, a simplicidade do carinho que me dedicaram, ensinaram-me muito sobre viver e ser feliz; não te esqueci, Moisés Muela. Aos professores e meus alunos do Colégio Estadual Agostinho Fróes da Mota, meu humilde obrigada, pois apesar de todas as dificuldades que assolam a educação pública vocês me ensinam todos os dias como ser uma professora melhor.

Gostaria de agradecer ainda a Clóvis, não somente por aceitar meus convites para a banca tanto de qualificação quanto de defesa, mas por me estender a mão, mesmo quando eu não quis, e repetir esse gesto por várias vezes, à revelia de meu orgulho idiota que dizia sempre não. Obrigada por sua sensibilidade e carinho, e por estar por perto para me ajudar. Obrigada a Jacques por acreditar até o fim em mim, e na minha capacidade de realizar. Mesmo quando eu me colocava para baixo, ou eu duvidava de minha competência, você só dizia “no, no, no, Carolina, não desista, você irá escrever um belo texto”, espero de verdade ter feito jus às suas palavras.

Agradeço também a Paulo Santos, a Elizete e a Julival. Pode não soar bonito dizer, mas juntos vocês formaram a minha Liga do Mestrado: cuidadosos comigo, preocupados com o meu desenvolvimento, importantíssimos na hora de encarar os trâmites burocráticos do programa. Muito obrigada.

Talvez haja frases melhores para descrever esse grande sentimento de gratidão que sinto agora, no entanto, essas, mesmo brutas, são as mais sinceras e gentis que neste momento posso dedicar a todos vocês, que foram meu fio de Ariadne quando estive perdida neste labirinto pessoal que foi o mestrado. Somente devido a vocês pude chegar até a saída, e agora que ergo minha mão em direção à porta, o faço de cabeça erguida. Obrigada.

*“Não existem, nas vozes que escutamos,
ecos das vozes que emudeceram?”*

(Walter Benjamin)

RESUMO

Este trabalho tem por objeto analisar a experiência da Guerra Civil Espanhola (1936-1937) através dos escritos do inglês George Orwell, buscando perceber, em sua compreensão sobre o evento, o olhar que sua condição de estrangeiro imprimiu ao conflito e as modificações que a realidade do *front* efetuaram na visão que possuía sobre seu próprio país, a Inglaterra. Para isso, procurou-se examinar suas experiências anteriores à Guerra com o objetivo de caracterizar sua visão de mundo forjada em consonância a sua identidade; e considerar sua atuação escrita após o confronto na tentativa de apreender a profundidade da modificação efetuada pela experiência durante sua estadia na Espanha, entendendo-a dentro de um contexto de disputa de memórias.

Palavras-chave: Guerra Civil Espanhola; George Orwell; Memória.

ABSTRACT

This paper has for object analyze the experience of the Spanish Civil War (1936-1937) through the writings of English George Orwell, seeking to understand, in their comprehension about the event, the gaze that their condition of foreigner printed to the conflict and the modifications that the reality of the front has made in the vision that he had about his own country, England. For this reason, this study aimed to examine their previous experiences the War with the objective of characterizing their worldview forged in accord with their identity; and consider its performance writing after the confrontation in an attempt to grasp the depth of the modification effected by experience during his stay in Spain, understanding it within a context of dispute of memories.

Keywords: Spanish Civil War; George Orwell; Memorie.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
Introdução.....	12
Capítulo I – Em direção ao <i>front</i>	17
Tamanhas eram as alegrias.....	20
O fardo do homem branco.....	30
Experimentando a indignância.....	40
Capítulo II – Lutando na Espanha.....	50
Por que ir a Espanha?.....	54
Como chegar a Espanha?.....	58
<i>Homenagem à Catalunha</i> (1938).....	61
Apêndices: construindo uma explicação sobre os fatos.....	73
Capítulo III – Nas trincheiras da escrita, uma luta pela memória.....	82
Os intelectuais e a Guerra Civil Espanhola.....	84
Hemingway e a Guerra Civil Espanhola	90
As memórias orwellianas.....	96
Considerações Finais.....	104
Fontes.....	108
Referências Bibliográficas.....	109

Introdução

“Para começar, pára sobre a rosa
Pura e partida, pára sobre a origem
De céu e ar e terra, a vontade de um canto
Com explosões, o desejo
De um vento imenso, de um metal que recolha
Guerra e desnude o sangue.”¹

George Orwell, autor, cujos escritos impulsionaram esta presente pesquisa, acreditava que todo escritor deveria se posicionar politicamente de maneira honesta a época que vivia. Dessa maneira de encarar o seu próprio tempo, assumi-lo e querer transformá-lo o homem alcançaria redes de solidariedade entrelaçadas pela decência. Esse pensamento matizou os seus livros em uma coloração próxima ao tom do compromisso político que o escritor havia assumido para com os homens e mulheres da Inglaterra: o compromisso de não ser neutro diante das injustiças, desigualdades e opressões características de seu tempo que se alimentavam, principalmente, dos pedaços de coerência humana esmigalhada pelas guerras.

Ler *1984*, longe de ser uma agradável leitura para o fim de semana, pode propiciar um incômodo tão grande, ao ponto de levar os leitores a reflexões sobre os nossos atuais mecanismos de controle dos comportamentos e sistemas de crença. Esse “mal-estar” gerou uma experiência de monografia², que se desdobrou na configuração do atual texto, orientado pelo objetivo de trazer, associado ao seu objeto da pesquisa, uma reflexão política sobre o quê e porquê se escreve na academia. Seria possível responsabilizar as palavras, debates, ensaios, *paper's*, monografias para além de uma obtenção de nota?

Através da trajetória de George Orwell pode-se observar que o compromisso político de escrita assumido pelo mesmo decorreu de uma marcante experiência vivenciada na Espanha, durante a Guerra Civil, gerando questionamentos acerca do impacto e das transformações encetadas na vida do escritor.

A Guerra Civil da Espanha (1936-1939) não havia transformado somente a vida de Orwell, mas também a de uma geração de intelectuais que compartilharam os

¹ NERUDA, Pablo. **Terceira residência**. Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 59.

² COSTA, Carolina da Purificação. **“Bons romances são escritos por pessoas sem medo”**: nos caminhos das distopias, a denúncia política de George Orwell. Feira de Santana: Monografia, UEFS, 2009.

dilemas que envolviam o conflito espanhol. Suas vivências produziram um vasto material documental de testemunhos, romances, pinturas, músicas e filmes, cujo objetivo era dar a conhecer as suas versões da história, mesmo sem se propor a ser historiografia. Através das narrativas elaboradas sobre o fato histórico se consolidava um desejo de perpetuar uma memória sobre a guerra, que fosse apreendida por aqueles que acompanharam de longe ou só puderam experimentar a Espanha através do relato de outrem.

O embate entre os rebeldes reacionários de Franco, que se levantaram em julho de 1936, contra uma imensa população cansada de ser oprimida, gerou inúmeras considerações historiográficas que ocasionou por vezes o silenciamento e o esquecimento da atuação e interesses de alguns grupos. Quem controla a história escolhe quem comporá o elenco em termos principais e coadjuvantes, negando a outros participantes a oportunidade de aparecer na cena. Nesse sentido, elaborar um trabalho que possui a Guerra Civil como elemento constitutivo do objeto permite divulgar e expor os conflitos que envolvem a produção historiográfica e compartilhar, senão novas, então ao menos “escondidas” versões do acontecimento. Para isso, o caminho escolhido pela presente pesquisa foi através da análise da experiência do escritor George Orwell no conflito, que já superficialmente se mostrava diferente das relatadas por outros intelectuais que experimentaram a Espanha nesse período.

A Guerra Civil Espanhola, segundo Jorge Nóvoa ao citar Pierre Broué³, não pode ser considerada a centelha de um incêndio que se espalhava pela Europa, mas uma chama que ainda teimava em queimar, a última revolução do entreguerras. Para tanto, é preciso perceber que o processo revolucionário construído na Espanha antecede o ano de 1936. O espírito de transformação se inicia na Espanha já no século XIX, mesmo sem essa ter realizado seu processo de unificação; nos anos 30 do século XX, essa identidade nacional ainda não está forjada, mas os diferentes sujeitos espanhóis se articulam através de outros aspectos e princípios, capazes de abarcar um grande grupo de estrangeiros na luta.

Em 1931, institui-se a República espanhola, mas essa ainda ligada às classes dominantes, busca realizar modificações modernizantes na Espanha, sem que haja uma

³ NÓVOA, Jorge. **A Espanha incandescente.** Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/02novoa.html> Acesso em: 01 de out de 2010.

mudança na equivalência de poderes. No entanto, isso não significa a ausência de manifestações populares no campo e na cidade no período de 1931-33, expressadas através de ocupações de grandes latifúndios e embates com a Guarda Civil. A população continuou tencionando por direitos mesmo após a vitória da direita representada por José Maria Gil Robles em 1933, como aponta o historiador E. Mompó ao escrever sobre a participação popular na revolução espanhola: o Outubro Asturiano (1934) e o período compreendido entre o triunfo eleitoral da Frente Popular e o início da Guerra Civil (de fevereiro a julho de 1936), são os momentos pré-revolucionários de maior embate e luta antes da guerra⁴. A formação da Frente Popular conseguiu aglutinar em 1936 grupos ideológicos diversos, como comunistas, socialistas e anarquistas, com o intuito de ganhar as eleições republicanas, sendo que para os últimos as eleições longe de representarem sua adesão a uma organização estatal, eram compreendidas como tática para a libertação de centenas de anarquistas presos durante as sublevações de 1934.

A grande diversidade ideológica presente não só nos grupos de esquerda, mas também de direita espanhóis, refletiu nas variadas divergências sobre o futuro da República durante a guerra. Alguns grupos defendiam a revolução social na Espanha, culminando na destruição do Estado, outros acreditavam que o conflito só deveria durar o suficiente para a implantação de uma república democrática e uma modernização ordenada do país sem riscos à propriedade privada, proposta defendida inclusive pelo Komintern. Tais posicionamentos propiciaram situações em que grupos, que antes lutavam na mesma linha de frente, tivessem que se identificar como inimigos alguns meses depois.

Além de ser um conflito claramente espanhol, regionalizado, e motivado pelas necessidades do povo espanhol, a Guerra Civil Espanhola consegue se internacionalizar e angariar voluntários estrangeiros em suas linhas de frente, além de produzir uma grande propaganda mundial de solidariedade, ainda que limitada sob certos aspectos. Os voluntários que chegavam à Espanha, em sua maioria, estavam dispostos a lutar pelo país como se estivessem defendendo os seus próprios: são nesses termos, como um miliciano, que assiste-se a integração de Orwell nos fronts na região de Barcelona.

⁴ MOMPÓ, Enrique. **A espontaneidade na revolução espanhola**. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/02mompó.html> Acesso em: 03 de out de 2010.

Para melhor compreensão dos objetivos da pesquisa, a dissertação foi estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado *Em direção ao front*, busca-se, através da análise das experiências de Orwell anteriores a Guerra Civil, caracterizar o olhar que o mesmo imprimiria sobre o conflito espanhol, baseado em sua visão de mundo forjada em consonância a sua identidade moldada por sua vivência como estudante bolsista em uma escola para meninos ricos, mais tarde como policial na Birmânia, e suas tentativas de compreender a realidade dos trabalhadores mineiros e dos pobres nas ruas de Paris e Londres. Nesse sentido, a preocupação que norteia o primeiro capítulo não gira em torno do que Orwell viu na Espanha, mas em quais parâmetros de avaliação ele levou consigo na tentativa de compreender o que via.

O segundo capítulo, *Lutando na Espanha*, ao considerar o conflito espanhol como aspecto possível para inúmeras interpretações dos voluntários estrangeiros, objetiva analisar o relato de experiência orwelliana em terras espanholas, com o intuito de desvendar os significados históricos de interpretação engedrada pelo escritor. Para isso, o texto se sustenta em um primeiro momento em uma breve exposição sobre o desenrolar do confronto, e, posteriormente, explorar o testemunho do escritor em seu relato mais definido, o *Homenagem à Catalunha* (1938).

Nas trincheiras da escrita, uma luta pela memória, o terceiro capítulo desta dissertação, ao considerar que as obras literárias escritas por estrangeiros ganharam diversos formatos, sendo produzidas em formas de poemas, novelas, romances, peças e, principalmente, em relatos de guerra; e que todas as suas produções refletiam o espaço social no qual foram concebidas atrelado à experiência pessoal de cada autor em relação ao conflito, a presente pesquisa tenta dimensionar a obra de George Orwell sobre a Guerra Civil Espanhola, em um contexto de produção e disputas de memórias, entendendo-a como uma alternativa consciente de contestar uma memória oficial que marginalizou determinados grupos políticos.

Albert Camus dizia que os escritores deveriam ter como ambição gritar e denunciar, sempre que surgisse a oportunidade, na medida do talento de cada um deles, em favor daqueles que eram subjugados. Em suas palavras, é possível enxergar um compromisso com o outro, e uma tentativa de construir solidariedade dentro daquilo que cada um pode oferecer. Nesse sentido, a experiência de Orwell transformada em testemunho é colocada no horizonte da pesquisa como prática denunciativa sobre os

acontecimentos que envolviam a Guerra Civil da Espanha, e como contestação a uma história que se desenhava acerca do conflito capaz de silenciar sujeitos históricos que tiveram papel importante na dinâmica das batalhas espanholas.

Capítulo I

Em direção ao *front*

George Orwell, notório por textos famosos de crítica severa ao stalinismo⁵, era um escritor que abertamente transformava seus escritos em opiniões políticas. Mesmo quando dissertava sobre a culinária inglesa, deixava ali na simplicidade do texto o apego que sentia pela terra que tanto lhe tomou, mas que mais tarde lhe reverenciou. Autor polêmico acreditava que no tempo em que vivia - nasceu em 1903 e morreu em 1950 – era necessário tomar uma posição política explícita frente à realidade cotidiana.

Orwell testemunhou os efeitos da Primeira Guerra Mundial para uma geração mais velha que a sua, experimentou a condição de ser serviçal da armada do império britânico na Índia, sentiu o impacto da depressão econômica através da mendicância, assistiu o sonho da transformação social ser esmagado na Espanha sob olhos ingleses coniventes, amedrontou-se com o avanço do fascismo pelo mundo, e se revoltou com uma esquerda inglesa bitolada com o discurso stalinista, a ponto de não ser capaz de avaliá-lo com a preocupação e seriedade que deveria. Todos esses acontecimentos somados, em sua concepção, lhe davam autoridade para dizer que ele vivia numa época política, em que não cabiam omissões e não havia como produzir literatura sem existir inerente a ela uma opinião política. Isso não significava que o político fosse algo restrito a esse período, mas que a realidade europeia da primeira metade do século XX gritava rasgando-se em um horror difícil de não ser notado. Em *Escritores e Leviatã* (1948), afirma que: “a guerra, o fascismo, os campos de concentração, os cassetetes de borracha, as bombas atômicas etc., são no que pensamos todos os dias, e portanto são, em grande parte, sobre o que escrevemos, mesmo quando não os mencionamos abertamente. Não podemos evitar”⁶. A relação da política com a literatura seria inevitável, porque para o autor era impossível ter uma atitude puramente estética em relação à vida, se eximir ou não ter uma posição política, pois mesmo na omissão os escritores diziam “aceito” à realidade que eles conheciam.

⁵Ver: ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁶ ORWELL, George. **Dentro da Baleia e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 155-6.

Essa relação que possuía com seu trabalho e a noção de que se posicionar politicamente não significava se alinhar com os princípios de algum partido, ou com alguma abstração teórica castradora da criatividade e autonomia dos sujeitos, permitiu que Orwell tivesse firmeza ao tecer suas críticas ao comunismo soviético e defendesse o que chamou de honestidade intelectual. Por tais características, os textos de George Orwell conquistaram admiradores de diferentes posicionamentos políticos, desde a direita conservadora que via em suas reflexões sobre URSS uma crítica a qualquer forma de socialismo, até anarquistas libertários que viam em sua *Homenagem à Catalunha* (1938) um relato sincero em favorecimento da luta social espanhola.

Segundo Antonio Ozaí, Orwell era o escritor da dissidência dentro da dissidência⁷, isto é, um intelectual capaz de analisar tanto os equívocos e estratégias de manutenção de *status* da direita inglesa, quanto o socialismo stalinista que insistia em se disfarçar de igualitário e revolucionário. Para Ozaí, o fato de Orwell ser capaz de criticar tanto o capitalismo quanto o socialismo real, coloca-o numa situação em que a esquerda ligada ao *Komintern* repudiava e condenava suas críticas, e a direita liberal manipulava seus escritos tornando-o um de seus heróis. O presente texto coaduna com Ozaí ao perceber Orwell como um intelectual, que longe de se afirmar como um conservador ou um liberal indiferente à causa dos oprimidos, se vê como um socialista preocupado com a exploração e com os rumos da humanidade diante das ameaças totalitárias, postura que assumiu principalmente após sua experiência na Guerra Civil Espanhola (1936-1939). No entanto, mais do que enxergar no escritor a representação da dissidência dentro da própria esquerda, é possível em seus escritos encontrar evidências de uma identidade fronteiriça traçada através de experiências que vão além de como ele interpretava as relações políticas dentro da Inglaterra e fora dela: inglês, com identificações indianas; bolsista numa escola para ricos; um adolescente que se dizia socialista assumido, mas que também não negava sua grande aversão aos pobres; nacionalista convicto, mas miliciano na Espanha.

Orwell, que se tornou referência por defender a honestidade intelectual, essa que não podia ser refém de partidos ou conveniências políticas, se diferenciava não só pela capacidade de sustentar suas opiniões políticas, mas também por ser capaz de expressar sinceramente todas as suas “contradições” identitárias, por vezes refletidas em seus

⁷SILVA, Antonio Ozaí. **Os dilemas do intelectual militante de esquerda**. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/026/26pol_orwell.htm. Acesso em: 11 de mar de 2009.

escritos, e ocasionalmente interpretadas como incoerências por alguns de seus leitores. São essas contradições que revestem os textos do escritor de uma atmosfera magnética capaz de atrair diferentes públicos e, conseqüentemente, diversas interpretações acerca de suas intenções, anseios e necessidades.

A postura de crítica à hipocrisia foi destacada por Raymond Williams como o principal fator de destaque em Orwell, em detrimento aos debates sobre a qualidade ou excepcionalidade de seus textos: “desde sua morte, o temos usado como fundamento para um argumento geral, mas não se trata principalmente de um argumento sobre ideias, é um argumento sobre estados de espírito. (...) O interesse que Orwell desperta reside quase que exclusivamente em sua franqueza”⁸. Para Williams, ainda, a sinceridade com a qual Orwell expõe suas opiniões embebe sua obra em uma atmosfera paradoxal em que o escritor se torna premeditadamente um exilado, obscurecendo assim os usos morais que faz da própria sociedade que uma vez condenou. Williams situa Orwell, a partir de tal percepção, dentro de uma tradição intelectual inglesa na qual ele é somente um exemplo entre vários, tradição que:

atrai para si muitas das virtudes liberais: o empirismo, uma certa integridade, honestidade. Ela tem também, como a virtude normalmente contingente do exilado, certas qualidades de percepção: em particular a habilidade de distinguir inadequações nos grupos que foram rejeitados. Ela dá, também uma aparência de força, embora isso seja em grande parte ilusório. As qualidades, embora salutares, são em grande parte negativas; há uma aparência de dureza (a crítica austera da hipocrisia, da complacência, do autoengano), mas isso é normalmente frágil e às vezes histérico: a substância da comunidade está faltando e a tensão, em homens de alta qualidade, é muito grande. Junto com a dura rejeição da transigência, que dá à tradição sua virtude, está a sentida impotência social, a incapacidade de formar relacionamentos prolongados.⁹

Como exilado na concepção de Williams, Orwell, apesar da dimensão obtida por suas críticas, não se comprometeria realmente com a sociedade e sua transformação, o que geraria um estado de tensão tão extremo e irresoluto tal qual foi metaforizado em *1984*. É interessante notar que Williams não atribui a Orwell o qualitativo de manipulador e hipócrita, sua intenção é dimensionar o escritor historicamente e assim desconstruir suas críticas formuladas contra o socialismo, ponto sensível para o autor que demonstra um leve tom ressentido contra os críticos favoráveis a um escritor que ao

⁸ WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 310.

⁹ Idem, p. 314-5.

assumir a condição de exilado interpretaria qualquer organização social humana como totalitária.

A crítica do marxista foi rechaçada com grande veemência pelo crítico literário Christopher Hitchens, ao ponto deste enxergar em Raymond Williams seu principal agressor ¹⁰, participante da comunidade de Stálin ¹¹. Para Hitchens, quando Williams trata a crítica de Orwell ao totalitarismo como uma crítica a qualquer formato de sociedade que possuam seu complexo de disciplinas, ele “está convidando Orwell e todos nós a reentrar na baleia!” ¹².

Em sua obra, *A vitória de Orwell*, é possível observar um grande esforço da parte de Hitchens de revestir George Orwell com a mítica de livre pensador que não se deixou abater pelo seu tempo demonstrando uma clareza de visão que o tornaria exemplo para as gerações além dele, sendo sem sombras de dúvidas um escritor sempre lembrado e lido, enquanto aos seus críticos (Williams) só restaria a possibilidade do esquecimento ¹³. O discurso moldado assim por Hitchens incomoda por suas atribuições exageradamente contemporâneas aos escritos de Orwell fazendo-o esquecer, e induzindo o leitor pelo mesmo caminho, de que o escritor carrega consigo as contradições de seu próprio tempo para além dos maniqueísmos.

Nesse sentido, a proposta deste capítulo não é fazer um balanço dos acertos e erros do autor, avaliar sua contemporaneidade ou situá-lo em uma escala de moralidade; é, sobretudo, evidenciar parte das experiências de Orwell anteriores a Guerra Civil com o intuito não de minimizar a amplitude da recepção de seus escritos, nem tampouco lhe atribuir qualidades extratemporais, mas caracterizar o olhar que imprimiu sobre o conflito espanhol, baseado em sua visão de mundo forjada em consonância a sua identidade, essa aparentemente tão dissonante e dinâmica, quanto à própria vida pode ser. Assim, a grande questão que se faz para este capítulo é: quem é esse sujeito que chega a Espanha disposto a pegar em armas?

Tamanhas eram as alegrias

¹⁰ HITCHENS, Christopher. *A vitória de Orwell*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010, p. 52.

¹¹ *Ibidem*, p. 60.

¹² *Idem*.

¹³ *Ibidem*, p. 64.

Em 1903, no Império Britânico Oriental, na cidade indiana Motihari, nasceu Eric Arthur Blair, ou George Orwell, pseudônimo que ficou mais famoso. Ele se considerava parte de uma família que definiu como “baixa classe média alta”, demarcação que objetivava caracterizar uma parte da sociedade inglesa que antes vivia um período de prosperidade, mas que, principalmente, no início do século XX, passava por um momento de decadência social, amenizada pela tentativa de incorporação em cargos militares nas colônias inglesas. Seu pai, Richard Walmesley Blair, possuía estreita ligação com a parte burocrática do projeto imperialista inglês, e seu avô paterno Thomas Richard Arthur Blair havia vivido um tempo na África e servido no exército indiano.

Apesar de ter nascido na Índia, Orwell passou a maior parte de sua infância na Inglaterra, onde foi educado na aristocrática escola de *Eton*, separado de seus familiares, depois da passagem traumática pela *Saint Cyprian's*, onde fora castigado fisicamente. Para uma família anglo-indiana retornar à Inglaterra depois de anos nas colônias era uma experiência delicada, já que o que a mobilizava em direção à Índia era a possibilidade de manutenção de um status social, que na Inglaterra era medido principalmente pela totalização da renda, quesito que não sofria alteração com o deslocamento familiar das colônias para a metrópole. A questão financeira, além de ser elemento de distinção social na Inglaterra, impunha a família restrições econômicas cotidianas exemplificadas na ausência de uma vida social mais ativa em teatros e reuniões particulares, como também no custo educacional dos filhos.

Em *A filha do reverendo* (1935), Orwell dedicou a primeira parte de seu romance a narrar o dia-a-dia da personagem Dorothy Hare, filha de um pároco de uma pequena comunidade, que passava seus dias lidando com as dívidas acumuladas pelo reverendo e a manutenção da igreja. O pai de Dorothy é um sujeito conservador com ares elitistas que buscava manter alguma espécie de conforto, porém despreocupado sobre a quem devia ou quanto devia, deixando à filha a responsabilidade de encarar e explicar aos credores a falta dos pagamentos:

Com esse terrível choque que se sente ao recordar pela primeira vez no dia algo desagradável, ela se lembrara da conta do açougueiro Cargill, já vencida há sete meses. Essa medonha conta – umas dezenove ou talvez vinte libras, e sem mais a remota esperança de pagá-la – era um dos principais tormentos de sua vida. A qualquer hora do dia ou da noite, ali estava espiando-a desde um recanto de sua mente, pronta a assaltá-la, a martirizá-la; e com a lembrança

dessa dívida, veio a de outras menos vultosas, cujo total não se atrevia sequer a avaliar.¹⁴

Como representante dessa geração que não possuía mais o acesso aos benefícios de tempos idos, Dorothy é a única que lida, mais cruamente, com os fantasmas das cobranças, dívidas e vergonha; sensação que provavelmente Orwell acreditava ser mais exacerbada para a sua geração, que, de fato, teria que lidar com as problemáticas práticas de seu novo redimensionamento social.

Na primeira parte de *A filha do reverendo* há uma forte sensação de decrepitude que vai desde a descrição das refeições de pai e filha, o abandono físico da igreja, a situação das roupas de Dorothy e a sua falta de perspectivas diante da vida. A família Blair não era reconhecida por ocupar cargos religiosos, no entanto, as dificuldades sócio-econômicas atreladas àqueles que assumiam funções eclesiásticas de destaque eram bastante próximas daqueles que exerciam cargos militares no final do século XIX e início do XX. É possível inferir assim, que tal proximidade tenha estimulado o escritor a narrar a história de uma família às voltas com as dificuldades financeiras, mas que na figura do pastor buscava ainda a manutenção de algum tipo de privilégio.

A família de Orwell não possuía grandes rendimentos, tanto que seu tio Charles Limouzin, ex-estudante da *Saint Cyprian's*, precisou intervir pelo sobrinho junto ao diretor Vaughan Wilkes, para que o menino conseguisse estudar em uma escola preparatória¹⁵ de importância. Segundo Bonalume Neto, “a educação de elite era uma das ambições mais prezadas, pois o sistema educacional inglês era profundamente aristocrático, com uma rígida distinção entre classes como característica maior”¹⁶, só o fato de passar por uma das *public schools*, como *Eton*, já se tornava uma referência social positiva, já que grande parte da elite inglesa passava por elas. E o caminho para *Eton* estava em passar pela *Saint Cyprian's*. A família de Orwell conseguiu a vaga com mensalidades bastante reduzidas, pois era hábito comum nas escolas preparatórias enxergar em meninos pobres, mas inteligentes, um meio para alcançar prestígio através das seleções de bolsas para as *public schools*. Todavia, o que a família de Orwell não pagou em dinheiro, o autor sentiu saldar sua dívida em humilhações que colocariam

¹⁴ ORWELL, George. **A filha do reverendo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 10.

¹⁵ Segundo Pedro Maia Soares, tradutor de *Como morrem os pobres, Saint Cyprian's* “era uma escola preparatória (equivalente ao ensino fundamental) para a public school [escola de elite] que, na Inglaterra, são escolas de ensino médio particulares mantidas por doações”. In: ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 398.

¹⁶ BONALUME NETO, Ricardo. **George Orwell**. Série Encanto Radical. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 17.

sempre em evidência suas origens, mas também em um prestígio até hoje reivindicado apesar de a escola ter parado de funcionar em 1939, por causa de um incêndio.¹⁷

Sobre sua experiência escolar no *Saint Cyprian's*, o escritor dedicou um denso ensaio chamado *Tamanhas eram alegrias*, de ano de publicação incerto entre 1939 e 1948. Quando Orwell chegou à escola preparatória ele tinha oito anos, nela havia o regime de internato, que separou o menino da família por um grande período de tempo, algo novo do qual teria que se acostumar. Retirado do seio familiar conhecido e seguro, Orwell se sentiu jogado em um ambiente estranho e hostil, onde sua condição de meio bolsista era o tempo todo evidenciado pelos professores através de humilhações em sala ou manutenção de certos privilégios exclusivos aos alunos ricos, para que a ele ficasse claro de que não era um aluno como os outros.

A ausência da família e a sensação de solidão, mesmo havendo outros alunos de condição próxima a sua, refletiu em Orwell um retorno ao hábito de urinar nas calças, que em *Saint Cyprian's* só pode ser curado a base de muitas surras em uma abordagem em que tal descontrole se assemelhava a uma espécie de aberração, resultado da personalidade de um sujeito inferior. Em seu texto, tal pedagogia lhe permitiu cultivar um complexo de culpa que o fez olhar para qualquer decisão que tomasse ou para seu próprio futuro como causa e resultado óbvios de fracasso, tanto que tudo o que ele esperava ao sair de *St. Cyprian's* era

(...) um pouco de tranqüilidade, um pouco de satisfação, um pouco de folga do estudo excessivo – e, depois, a ruína. Que espécie de ruína, eu não sabia: talvez as colônias, ou o banco de uma repartição, talvez a prisão ou uma morte prematura.¹⁸

No seu relato de memória, é possível perceber que a vida planejada dentro das colônias carrega um desprezo social construído educacionalmente, para Orwell o esnobismo contra a classe trabalhadora e a média, oriundos de cargos nas colônias ou religiosos, foi ensinado e se enraizava como um preconceito de classe difícil de extinguir.

O relato de Orwell sobre *Cyprian* parece um ajuste de contas pela experiência traumática que sofreu, divulgar esse texto numa época em que já tinha certo

¹⁷ Ver nota do tradutor. In: ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 402.

¹⁸ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 296.

reconhecimento intelectual, era movimentar um ponto sensível das escolas preparatórias inglesas: o prestígio. Suas críticas acerca das punições físicas e limpeza das instalações não impediram, no entanto, de colocarem seu nome em uma placa na entrada da casa do diretor Wilkes, que reconhecia Orwell entre os cinco alunos mais notáveis que a escola possuiu.

O escritor inglês dedicou também um considerável número de páginas em *A filha do reverendo* para pensar o significado da docência e o papel da escola na vida das crianças. Na terceira parte do livro, Dorothy é empregada em uma escola para meninas de pouco prestígio sem necessitar de nenhuma formação profissional para isso; suas impressões iniciais são extremamente negativas em relação às instalações físicas da escola, mas principalmente na forma que descreve a diretora da escola:

A Sra. Creevy era uma mulher de seus quarenta e poucos anos, empertigada, seca e angulosa, de movimentos bruscos e decididos que denotavam uma vontade férrea e, provavelmente, um caráter temível. Embora não se pudesse dizer, em absoluto, que estivesse suja ou desalinhada, havia algo de descolorido em seu aspecto geral, como se ela vivesse permanentemente no escuro; e a expressão rancorosa de sua boca mal desenhada, com o lábio inferior caído, lembrava a de um sapo. Falava com voz aguda e autoritária, e sotaque e expressões vulgares.¹⁹

Semelhante descrição Orwell fez da Sra Wilkes, esposa do diretor Vaughan Wilkes da St. Cyprian's, em seu artigo *Tamanhas eram as alegrias*:

Era uma mulher atarracada e robusta, de bochechas vermelhas, cabelos achatados, sobrancelhas proeminentes e olhos fundos e suspeitosos. Embora durante boa parte do tempo estivesse cheia de falsa cordialidade, animando a gente com gíria masculina (“Vamos em frente, companheiro!”, e assim por diante), e até usando o nosso prenome, seus olhos nunca perdiam a expressão ansiosa e acusadora. Era muito difícil encará-la sem se sentir culpado, até mesmo nos momentos em que não se era culpado de nada em particular.²⁰

Se ambas não podem ser aproximadas por suas características físicas, é visível que elas dividem o mesmo tom utilizado por Orwell em suas descrições, onde em nenhum momento é evidenciado um aspecto positivo de suas personalidades, pelo contrário, o escritor busca retratar o falseamento no comportamento de ambas, e, conseqüentemente, a mentira de todo o sistema educacional inglês.

Voltando *A filha do reverendo*, a diretora Creevy demonstra uma total despreocupação com o exercício educativo avaliando o colégio sempre de um ponto de vista mercadológico, em que ela figura unicamente como uma administradora.

¹⁹ ORWELL, George. *A filha...*, op.cit., p.214.

²⁰ ORWELL, George. *Como morrem...*, op. cit., p. 252.

Questionada por Dorothy se ela dava alguma aula às crianças, ela responde horrorizada: “- Ah, não, por Deus! – exclamou a Sra. Creevy, quase com desdém. – Tenho coisas demais a fazer para perder meu tempo *dando aulas*. (...) já perco o tempo todo para arrancar dos pais as mensalidades. Afinal, o que mais importa *são* as mensalidades, não lhe parece?”²¹ (grifo do autor).

Dentro da perspectiva da diretora, se o único fim da escola é a geração de lucro advinda das mensalidades, tal sistema, então, só funcionaria com tratamentos diferenciados às alunas que podiam ou não pagar mais, hábitos de distinção que perpassavam as orientações da nova professora. Em *St. Cyprian's*, como já foi dito, o dinheiro era também um discriminante ao ponto de cultivar espaços delimitados e práticas sociais que permitiam humilhar os alunos menos abastados:

Com efeito, havia três castas na escola. Havia a minoria, de família aristocrática ou milionária, havia os filhos dos ricos suburbanos comuns, que compunham o grosso da escola, e havia uns poucos subalternos como eu, filhos de clérigos, servidores civis indianos, viúvas lutadoras e assemelhados. Esses pobres eram desestimulados a buscar “extras”, como tiro ao alvo ou carpintaria, e eram humilhados por causa de roupas e pequenas posses.²²

Inicialmente insegura, porém descontente com o modelo de ensino que lhe foi apresentado, resumido a aulas de cópias de texto, exercícios de caligrafia e ocasionalmente tabuada, a falsa professora passa seus dias lendo sobre práticas pedagógicas e introduzindo em aula outros tipos de abordagens educativas que conquistam as alunas fazendo-as avançar pouco a pouco. No entanto, Dorothy não esperava se deparar com a própria ignorância dos pais, que mediante a ausência dos textos de caligrafia e diante de um Shakespeare, se sentem contrariados sobre o que realmente significa a educação de suas filhas. As reclamações paternas e a preservação de seu emprego obrigaram Dorothy a retornar ao currículo anterior, mas também tal desfecho proporciona uma via de reflexão em que se conclui que não era como se ensinava e como se aprendia que importavam afinal, mas sim o fato de se poder freqüentar uma escola, e quanto mais reconhecida era a instituição, melhor.

Segundo Orwell em *St. Cyprian's* as disciplinas que não eram importantes nos testes de bolsas para *Eton* era com efeito negligenciadas, todas as aulas eram voltadas para ensinar as respostas para as possíveis perguntas dos testes, e atrelado a este

²¹ ORWELL, George. **A filha...**, op.cit., p. 217.

²² ORWELL, George. **Como morrem...**, op. cit., p. 262.

conteúdo havia uma forte cobrança de professores e pais sobre a importância de se passar para uma *public school*:

desde muito cedo, foi-me inculcado que eu não teria chance de um futuro decente se não ganhasse uma bolsa de estudos de uma escola de elite. (...) Em minhas circunstâncias, era natural que eu acreditasse nisso. Com efeito, presumia-se universalmente na São Cipriano que, se a gente não fosse uma “boa” escola de elite (e somente cerca de quinze escolas entravam nessa categoria), estava arruinado para o resto da vida.²³

George Orwell começou o ano de 1917, o primeiro longe de *Saint Cyprian's*, no *Wellington College*, nove semanas depois é chamado para ocupar a vaga proporcionada pela bolsa no *Eton College*. Segundo Bernard Crick, biógrafo autorizado da família, o escritor “não gostou nada de *Wellington*. Achou abominável o espírito militarista dessa famosa escola do Exército”.²⁴ Na segunda parte de *A caminho para Wigan* (1937), Orwell relata um pouco sobre a educação que recebeu em *Eton*, que apesar da liberdade oportunizada pela idade, não se diferenciava de *St Cyprian's* na reprodução do que chamava de preconceitos de classe. Em *Eton*, ele também sofria humilhações por ser pobre, contudo mais velho, desenvolveu um pensamento que o permitia desprezar as classes subalternas como havia aprendido e todos os ricos que não eram bem nascidos, isto é, a marca da distinção não seria o dinheiro, mas uma origem nobre, ligada a uma família e valores tradicionais. Esse status nobiliárquico remete à força de uma tradição de Corte na qual o capitalismo Inglês não conseguiria reduzir meramente a uma condição de classe, conviveria de forma organizadora da cultura, da política e da economia inglesa, de um o lado a tradição nobre, de outro, a dita modernização burguesa. Para Arno J. Mayer,

Assim como a industrialização se enxertou sobre estruturas societárias e políticas preestabelecidas, da mesma forma os elementos feudais conciliaram seu comportamento burocrático e econômico racionalizado com sua práxis e mentalidade sociais e culturais preexistentes. Em outras palavras, as velhas elites primaram por ingerir, a adaptar e assimilar, de maneira seletiva, novas idéias e práticas, sem ameaçar seriamente seu status, temperamento e perspectiva tradicionais.²⁵

Dessa forma, Orwell tocava em um ponto sensível dos novos ricos que ainda ansiavam pela educação, hábitos e costumes próprios da aristocracia inglesa; buscavam nas escolas de elite a absorção dos comportamentos aristocratas ensinados. Segundo

²³ *Ibidem*, p. 263-4

²⁴ Ver nota do tradutor. In: ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 402.

²⁵ MAYER, Arno J. **A Força da Tradição**: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Companhia das. Letras, 1990, p. 22-3.

Mayer, as escolas de elite funcionavam como peneiras, em que os recém-chegados tinham de ingerir o espírito corporativo e demonstrar fidelidade à antiga ordem para poderem avançar socialmente ²⁶. Nesse sentido, a *public school* não se diferenciava das escolas preparatórias ou dos centros de ensino superior, no tocante ao conservadorismo dos currículos, onde residiam os valores aristocráticos ansiados pelos pais em benefício social de seus filhos.

Os administradores e professores das instituições educacionais eram, eles mesmos, paladinos fervorosos do ensino clássico. Contudo, seu conservadorismo pedagógico estava radicado não só na vida interna de suas instituições e disciplinas, mas também em seus próprios valores sociais, políticos e pessoais. ²⁷

Dorothy, a personagem d' *A filha do reverendo*, foi coagida a não mexer no currículo de sua escola, porque a introdução de novos elementos pedagógicos podia subverter a manutenção social objetivada por determinadas instituições de ensino. A escola em que trabalhava não era uma escola para as elites, sendo uma escola para meninas de famílias menos abastadas, ela só deveria oferecer o prestígio de uma diplomação, e não a instrução dos caros valores aristocráticos. Com isso, é possível inferir sobre a percepção de Orwell acerca do papel social da educação na Inglaterra.

Em diferentes textos, George Orwell ao se referir aos trabalhadores ingleses, menciona os preconceitos de classe que aprendeu na escola e o desprezo que sofreu por ser bolsista; essa realidade experimentada por ele permite uma reflexão sobre a ação pedagógica orientada por uma classe. Primeiro é necessário destacar que o *Eton College* foi uma das escolas mais tradicionais da Inglaterra, nela se formaram escritores, intelectuais, empresários e políticos, nomes como Aldous Huxley, John Maynard Kenes, Whiston Churchil, o que além de excluir grande parte da sociedade inglesa de fazer parte do seu quadro discente, demonstra que lá se formaram grandes dirigentes da cultura e da política. No período que Orwell lá estudou, o movimento dos trabalhadores se encontrava mais organizado e crítico às promessas feitas durante o alistamento para a guerra, desde o final do século XIX já apresentava um crescimento bastante significativo de organizações de caráter sindical, principalmente, entre 1911-13, além de se articular do ponto de vista político na formação de partidos, a fim de disputar representação no Parlamento Inglês. Levando esses fatores em consideração é possível pensar esse currículo de *Eton* como elemento não só de conservação das tradições

²⁶ **Ibidem**, p. 22.

²⁷ **Ibidem**, p. 247.

aristocráticas como expõe Orwell, mas também como forma de delimitar espaços, que já no início do século XX estavam em constantes disputas. O internato de *Eton* não poderia isolar os alunos ao ponto de não conseguirem produzir uma leitura sobre a Inglaterra que presenciavam, todavia podia criar mecanismos de influência ao interpor entre os estudantes e a realidade determinados filtros sociais.

A própria historiografia, segundo Paulo Santos Silva, tem apresentado o período anterior a Grande Guerra como “uma fase de tranquilidade política, prosperidade nos negócios e glamour na vida social”²⁸ sem discriminar quem usufruiu de tão faustoso momento. No caso dos trabalhadores, esta realidade descrita não os contemplava em seu cotidiano, este permeado sim por péssimas condições de trabalho, em que “a vida era marcada pela crueza de uma etapa do modo de produção capitalista em que a exploração da força de trabalho não se baseava em métodos racionais”²⁹.

Santos Silva, ao analisar o romance *O amante de Lady Chatterley*, na tentativa de perceber como um grupo de indivíduos havia experimentado a Primeira Guerra, expõe através da composição de personagens da obra três reações diferentes ao conflito: ansiedade, frustração e ressentimento.

Os indivíduos se mostravam ansiosos, porque pareciam viver à espera de que algo novo ocorresse para retirá-los de certo tédio que a própria paz experimentada nos últimos anos do século XIX parecia proporcionar. Uma paz que repousava, porém, sobre uma situação de crescente tensão. Era necessário considerar as ameaças que partiam tanto dos desconchavos que começaram a ocorrer entre as nações européias quanto das atitudes de desobediência dos povos submetidos à dominação colonial. Contribuíam ainda para o clima de ansiedade uma ameaça mais próxima: as expressões das lutas de classe (greves e atentados terroristas), acentuadas pela exploração capitalista e pelo despotismo de alguns monarcas, o que colocava em campos opostos as classes médias e altas, de um lado, e o proletariado descontente e rebelde, de outro. Considerável parcela da população se sentia frustrada, pois os benefícios esperados no pré-guerra não se realizaram no pós-guerra, nem para os setores médios nem para as classes trabalhadoras. Muitos manifestavam-se ressentidos porque se julgavam traídos por compatriotas e líderes governamentais, tanto antes quanto durante e depois da guerra.³⁰

Após a Primeira Guerra Mundial, a Europa vivenciou uma série de manifestações de aversão à guerra e de preocupação com rumos da humanidade depois do conflito. Havia uma preocupação logo depois do fim da Primeira Guerra em explicá-la.

²⁸ SILVA, Paulo Santos. **Uma história da Primeira Guerra Mundial**. Salvador: Quarteto, 2003, p. 30.

²⁹ **Idem**.

³⁰ **Idem**, p. 15-6

Buscava-se o meio de entender como a humanidade pode chegar ao ponto de se colocar em alto risco e tornar como centro de vivência a guerra. Entender a guerra não era uma questão somente de teorização, era o caminho na busca de soluções e precauções contra o advento de um novo conflito.³¹

Afinal, as feridas ainda estavam abertas, choravam-se os mortos, e assistiam-se os mutilados. George Orwell em *Eton* partilhava desse repúdio através de um movimento juvenil que responsabilizou os velhos por má condução do conflito e um patriotismo vazio:

(...) na guerra, os jovens tinham sido sacrificados, e os velhos se haviam comportado de um modo que, mesmo tanto tempo depois, ainda provoca repulsa. Manifestavam um patriotismo implacável sem se expor ao perigo, enquanto seus filhos caíam como feixes de feno ante as metralhadoras alemãs. Além disso, a guerra foi comandada, acima de tudo, por homens velhos, e com suprema incompetência.³²

Além da Grande Guerra, a Revolução Russa e a Terceira Internacional causaram um impacto significativo no imaginário inglês da época. Apesar de todas as suas limitações organizativas, elas viraram referência de um novo arranjo político, e sua aparente imunidade à grande depressão, ampliou sua força de convencimento e difusão quando pode ser percebida como uma alternativa ao capitalismo. Conservando o que Orwell chamava de esnobismo, sem questionar suas riquezas ou seus acessos fáceis a empregos, os alunos de *Eton* reagiram a esses acontecimentos bradando contra o treinamento militar para estudantes, a Família Real e a religião cristã, em uma espécie de moda “bolchevique”. Para exemplificar o espírito compartilhado por eles, o escritor lembra uma ocasião em que o professor de Inglês perguntou em sua classe de dezesseis alunos quais eram os dez maiores homens vivos; dos dezesseis, quinze haviam colocado Lenin em sua lista. Orwell não diz se ele colocou o nome de Lenin em sua lista, mas pela metáfora positiva que produziu dele e de Karl Marx como o porco Major n’*A Revolução dos Bichos* (1945)³³, é credível pensar que sim.

Apesar de a Revolução Russa ter virado referência para esses jovens, Orwell se considerava nesse momento como um “socialista esnobe, que detestava o sotaque, os hábitos e quase todo o resto da classe trabalhadora, com quem, aliás, não tinha contato”

³¹COSTA, Carolina da Purificação. **“Bons romances são escritos por pessoas sem medo”**: nos caminhos das distopias, a denúncia política de George Orwell. Feira de Santana: Monografia, UEFS, 2009, p. 22.

³² ORWELL, George. **A caminho de Wigan**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 136.

³³ ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 10.

³⁴, o que permite inferir que mais do que buscar no socialismo soviético elementos para uma mudança social radical na Inglaterra, Orwell e a juventude da qual fazia parte enxergavam nas palavras socialistas uma maneira de engrossar o discurso de insatisfação com os resultados da guerra; falar do socialismo russo era mais uma consequência dos sentimentos em relação à Grande Guerra, do que uma expressão de adesão ideológica. Mas o que para os estudantes de *Eton* seria apenas provocação, para o Estado capitalista inglês as ideias socialistas passaram figurar no plano do real. Segundo Silva, “as ideias socialistas e comunistas deixaram de figurar na condição de “espectro” para aparecer no horizonte das classes dominantes e dirigentes como uma experiência real e ameaçadora” ³⁵.

No corpo docente de *Eton* se destacava o autor distópico Aldous Huxley, todavia mesmo essa presença não influenciou Orwell em relação à vida acadêmica, em projetos de cursar uma universidade. Talvez essa aversão ao espaço acadêmico encontre sentido nas experiências escolares traumáticas que teve e de nunca se sentir à vontade nesses ambientes. Assim, ao concluir seus estudos, Orwell se alistou na Polícia Imperial Indiana na Birmânia, onde permaneceu até 1927.

*O fardo do homem branco*³⁶

O que poderia ter motivado George Orwell a percorrer o mesmo caminho que seus familiares na Índia, apesar das suas boas notas e a grande possibilidade de adentrar uma universidade, é algo que não pode ser dito com absoluta certeza, nem mesmo Orwell produziu algum escrito sobre seus motivos, mas apesar de ser verdadeiro para o historiador que “grande parte das coisas escapa para morrer em silêncio” ³⁷, como disse o escritor Amós Oz, podemos inferir através de certos indícios o que impulsionou o escritor ao Oriente.

Cabe primeiro destacar seu histórico familiar. Tanto parentes paternos como maternos fizeram carreira na colônia indiana o que provavelmente colocava a pessoa de

³⁴ BONALUME NETO, **op. cit.**, p. 20.

³⁵ SILVA, Paulo Santos. **Op. Cit.**, p. 105.

³⁶ Referência ao famoso poema de Ruydar Kipling.

³⁷ OZ, Amós. APUD: TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Narrativa e fronteira cultural**. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF3/Artigo%20Felipe%20Charbel%20Teixeira.pdf> Acessado em: 06 de jun de 2012

Orwell em contato com uma diversidade de histórias e memórias sobre o Oriente. Segundo o autor, as famílias anglo-indianas que retornavam a metrópole, criavam um mundo à parte fruto de suas experiências coloniais: “É quase impossível, quando você entra nas casas dessa gente, se lembrar que lá na rua estão a Inglaterra e o século XX. Assim que você coloca o pé na porta da frente você está na Índia dos anos 1880” .³⁸ Além dessa relação familiar, havia também a grande admiração de Orwell pelo escritor Rudyard Kipling, cujos escritos marcaram sua infância em *Saint Cyprian's*. Segundo Mayer, as disciplinas escolares destacavam a importância do imperialismo inglês, e ensinavam através dos estudos clássicos exercícios ideais aos futuros administradores coloniais:

Em suma, no final do século XIX, a exaltação do império e do país permitiu uma auto-revitalização das escolas de elite. Seus diretores e alunos defendiam fervorosamente o imperialismo ultramarino que fortalecia a causa da defesa social e favorecia a pretensão, o espírito e o exercício do governo mais por uma elite prescritiva do que por uma meritocracia. Além disso, os mestres e tutores da instrução superior estavam prontos para enaltecer a aura romântica e desafiadora não do mundo dos negócios, mas sim do império, do serviço público, do exército e da marinha.³⁹

Dessa maneira, a visão romântica de Kipling, apreendida na escola, sobre as adversidades enfrentadas pelo homem branco em favor da construção do Império e por uma missão civilizadora, poderia remeter a Orwell as próprias histórias de seus familiares na afirmação de um orgulho pessoal.

É preciso dizer ainda, como Edward Said aponta em seus estudos sobre orientalismo, que o Imperialismo foi algo que moldou toda a sociedade inglesa não só em relação àquilo que ela pensava sobre o Oriente e as colônias, como também àquilo que pensava sobre si mesma, mesmo aqueles que nunca estiveram nas colônias possuíam uma opinião sobre o império, e o apoiavam. Mesmo que Orwell tenha sofrido preconceitos na escola por sua origem, as humilhações estavam mais ligadas ao fato de não possuir muito dinheiro, do que necessariamente sua família ter vindo da Índia. Trabalhar para o Império, ajudar em seu engrandecimento carregava em si um *status* social significativo, em fins do século XIX e início do XX o imperialismo significava um empreendimento de toda nação e não somente de particulares. Em *A caminho de Wigan*, Orwell relata o que significava para ele estar na Birmânia

³⁸ ORWELL, George. Apud: BONALUME NETO, *op. cit.*, p. 24.

³⁹ MAYER, Arno J. *Op. Cit.*, p. 253-4.

(...) num “posto avançado do Império” como a Birmânia, a questão das classes parecia, à primeira vista, ter sido posta de lado. Lá não havia nenhum atrito de classe evidente, pois o importante não era o fato de uma pessoa ter freqüentado uma boa escola, e sim ter a pele teoricamente branca. Na verdade, a maioria dos brancos na Birmânia não era do tipo que, na Inglaterra, seria chamado de “cavalheiro”, mas, exceto os soldados rasos e alguns indivíduos indefiníveis, eles viviam uma vida de “cavalheiros” – tinham criados e chamavam a refeição noturna de “jantar” – e, oficialmente, eram considerados indivíduos pertencentes à mesma classe.⁴⁰

Todos esses fatores em conjunto tornaram a empreitada para Índia uma escolha melhor do que ir à universidade vivenciar um cotidiano próximo ao que ele já tinha experimentado em *Saint Cyprian's* e em *Eton*.

George Orwell chegou à Mandalay em 1922, um jovem que ainda completaria 20 anos e trazia consigo toda uma visão romântica e estereotipada do Oriente. Durante os cinco anos em que viveu na Índia como policial, o autor viu de perto os mecanismos de exploração que o império submetia os indianos. Sobre essa sua percepção produziu um romance e uma série de ensaios, entre eles, *Dias na Birmânia* (1933), *Um enforcamento* (1931), e *O abate do elefante* (1940). No ensaio *Um enforcamento*, narrou sua experiência ao presenciar um enforcamento de um criminoso indiano; sobre a natureza do crime, ele nada diz, resumindo-se a descrever a execução e como esse fato o fez refletir sobre a tragicidade que envolvia o império:

É curioso, mas até aquele momento eu jamais me dera conta do que significava matar um homem saudável e consciente. Quando vi o prisioneiro pisar de lado para desviar da poça d'água, percebi o mistério, a injustiça execrável de interromper uma vida no auge. Aquele homem não estava agonizando, estava tão vivo quanto nós. Todos os órgãos de seu corpo funcionavam – os intestinos digeriam o alimento, a pele se renovava, as unhas cresciam, tecidos se formavam -, todos trabalhavam duro numa solene sandice. As unhas continuariam a crescer quando ele estivesse no alçapão, quando estivesse caindo no ar com um décimo de segundo para viver. Os olhos tinham visto o cascalho amarelo e as paredes cinzentas, e o cérebro ainda se lembraria, anteveria, pensaria – pensaria até sobre poças d'água. Ele e nós éramos um grupo de homens caminhando juntos, vendo, ouvindo sentindo, percebendo o mesmo mundo, e em dois minutos, com um estalo súbito, um de nós partiria – uma mente a menos, um mundo a menos.⁴¹

Nesse texto é óbvio o sentimento de perda da vida humana, e a consciência do preço pago em favor do império, como o próprio Orwell lembrou em *A caminho de Wigan*, o inglês que vive na colônia, por mais insensível, que seja possui consciência dos crimes cometidos⁴².

⁴⁰ ORWELL, George. *A caminho...*, op. cit., p. 139.

⁴¹ ORWELL, George. *Dentro da Baleia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 56.

⁴² ORWELL, George. *A caminho...*, op. cit., p. 142.

Já em *O abate do elefante*, texto mais maduro e apurado em relação ao anterior, descreve um caso de um elefante solto enfurecido em Moulmein e como esse acontecimento lhe deu “uma idéia melhor da verdadeira natureza do imperialismo – dos verdadeiros motivos pelos quais governos despóticos agem”.⁴³ Devido ao seu cargo na cidade, ele, comunicado do incidente, viu-se pressionado pela população local a tomar uma atitude. A princípio não sabia se devia abater o animal, todavia a percepção da multidão que o seguia esperando pela decisão que iria tomar, fez com que Orwell matasse o animal.

E foi naquele momento, parado com o fuzil nas mãos, que compreendi pela primeira vez o vazio, a futilidade do domínio dos brancos no Oriente. Ali estava eu, o branco com uma arma de fogo, diante de uma multidão de nativos desarmados – aparentemente o ator principal da cena, mas na realidade apenas um fantoche absurdo empurrado de um lado para outro pela vontade daqueles rostos amarelos atrás de mim. Entendi naquele momento que quando um branco se torna tirano é sua própria liberdade que ele destrói. Transforma-se numa espécie de boneco oco e presunçoso, a figura convencional de um safbe. Porque é a condição de seu poder que passe a vida tentando impressionar os “nativos”, e assim, em todas as crises, terá de fazer o que os “nativos esperam dele. Ele usa uma máscara, e seu rosto se ajusta a ela. Eu tinha de abater o elefante.”⁴⁴

Esse caso evidencia que da mesma forma que a sociedade imperialista criava e estipulava um comportamento próprio para os “nativos”, ela também definia os papéis sociais que os brancos deviam representar. Nesse mesmo texto, Orwell desabafa como fazer parte da polícia já era sinônimo de tormento para ele, depois de tudo que já havia presenciado, ciente dos horrores do empreendimento imperialista, e como isso não o tornava mais aceito pelos birmaneses, até porque a culpa que ele sentia pelos seus feitos, devia permanecer silenciada. À altura da escrita de *O abate...*, Orwell não se percebe mais somente como parte da estrutura opressora do imperialismo, como também se sente vítima de suas articulações. Essa dualidade é uma constante nos seus textos sobre o imperialismo, ao mesmo tempo em que ele repudia e condena sua prática e se ofende com a rejeição explícita dos birmaneses, ele não consegue se desvincular do sistema, nem ao menos expressar sua revolta.

Lembro-me de uma noite que passei no trem com um homem do Serviço Educacional, um estranho cujo nome nunca descobri. Fazia muito calor para dormir, e passamos a noite conversando. Meia hora de perguntas cautelosas foi o suficiente para nos certificarmos de que poderíamos confiar um no outro; e então, durante horas, enquanto o trem sacolejava devagar através da noite negra como breu, sentados nos beliches, com garrafas de cerveja na mão, amaldiçoamos o Império Britânico – e o amaldiçoamos do fundo da

⁴³ ORWELL, George. **Dentro da baleia...**, op. cit., p. 61.

⁴⁴ **Ibidem**, p. 65.

alma, inteligente e intimamente. Isso fez bem a ambos. Mas tínhamos conversado sobre coisas proibidas e, à luz pálida da manhã, quando o trem se aproximava de Mandalay, despedimo-nos como um casal adúltero, com a consciência pesada.⁴⁵

A problemática exposta nos trechos acima aparece novamente em seu único romance sobre essa fase de sua vida: *Dias na Birmânia*. O livro só foi publicado anos depois de escrito, quando Orwell já possuía certo reconhecimento como escritor; de início o romance foi rejeitado por seu editor, Victor Gollancz, sendo publicado primeiramente nos EUA em 1934, e somente um ano depois na Inglaterra.

A obra descreve a história de John Flory, um comerciante de madeira, que vive na cidade de Kyauktada junto com mais seis ingleses, sendo eles os únicos entre a população de “nativos”. Flory demonstra certo apreço pela cultura birmanesa e uma flexibilidade no tratamento com a população local, a ponto de se tornar amigo do médico da cidade Dr. Veraswami, superintendente e cirurgião-chefe da prisão. Veraswami é um problema na escada de ascensão de U Po Kyin, um juiz corrupto local, por possuir um grande prestígio frente à alta administração. Para conseguir se promover U Po Kyin começa uma campanha de difamação contra o médico, limitada somente pela relação que este tem com um homem branco, a amizade com Flory lhe colocava numa situação de respeito que poucos indianos possuíam. No entanto, Flory não é um sujeito que se sente a vontade em suas incursões pela Birmânia, ele sabe das cobranças a sua volta para desempenhar o papel de um verdadeiro inglês, e isto fica mais óbvio ao conhecer e se apaixonar por Elizabeth, única branca na cidade e a procura de um marido, que passa a representar para Flory uma espécie de âncora na normalidade. Vítima de uma armadilha de U Po Kyin para minar seu prestígio mesmo entre brancos, e, consequentemente, atingir o médico, Flory sofrendo com o desprezo de Elizabeth e com a sua dificuldade em se adaptar àquela terra como um verdadeiro inglês devia fazer, teve um desfecho trágico.

Em termos de escrita, o romance deixa a desejar política e literariamente. Todos os personagens são exagerados em sua caracterização, desde os ingleses e seu ódio irracional até os indianos inertes à sua realidade e extremamente subservientes. O médico não possui malícia alguma e acredita piamente que o império é a melhor coisa que poderia ter acontecido a Índia; existindo somente enquanto personagem de escape para Flory, nos momentos em que este transforma seus pensamentos contra o

⁴⁵ ORWELL, George. *A caminho...*, op. cit., p. 142-3.

imperialismo em fala. Já o juiz é aquele que melhor compreende a estrutura do empreendimento imperialista, talvez justamente por fazer uso de estratégias corruptas para seu próprio crescimento pessoal, isto é, somente um sujeito vil como ele poderia entender a essência maligna do Império.

No entanto, apesar dos problemas literários da obra, é possível assistir através da confusão e aversão de Flory os sintomas da desagregação do império após a Primeira Guerra Mundial, sintomas que os outros personagens ingleses do livro insistem em desacreditar. Nesse sentido, pode-se dimensionar o romance de Orwell ao lado de outros textos sobre o império⁴⁶ que vai na contramão da literatura eternizada por Kipling, subvertendo “a convenção do gênero das memórias coloniais que até aí era predominante, e que tanto tinha contribuído para autorizar o domínio britânico sobre outros povos e o legitimar perante a sociedade inglesa”⁴⁷. Mas, apesar de seu mérito, é constrangedor perceber que o único personagem do livro que repudia o império seja o mais fraco de todos em termos de autoestima e de ações explícitas contra o imperialismo; talvez o único “herói antiimperialista” que a época de Orwell poderia merecer.

Segundo Said,

(...) entre todas as principais formas literárias, o romance é a mais recente, seu surgimento é o mais datável, sua ocorrência, a mais ocidental, seu modelo normativo de autoridade social, o mais estruturado; o imperialismo e o romance se fortalecem reciprocamente a um tal grau que é impossível, diria eu, ler um sem estar lidando de alguma maneira com o outro.⁴⁸

Essa afirmação de Said é importante para refletirmos sobre o romance de George Orwell, porque mais do que significar uma denúncia de consciência inglesa, seu próprio texto se constrói na forma como a sociedade da qual ele faz parte compreende e vivencia a prática imperialista. O romance burguês inglês não só representa os anseios dessa classe e sua capacidade realizadora, como também moldou a ideia da Inglaterra em relação a um outro estrangeiro. No roteiro do romance inglês, heróis e heroínas “mostram a energia e o vigor infatigável característicos da burguesia empreendedora, e lhes são permitidas aventuras em que suas experiências lhes revelam os limites daquilo a que podem aspirar, aonde podem ir, o que podem vir a ser”, podendo levar a um fim

⁴⁶ A exemplo, a obra do escritor Joseph Conrad, “O coração das trevas”, em 1902.

⁴⁷ MATOS, Jacinta Maria. “**The road from Mandalay**”: Orwell e o imperialismo. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6579.pdf> Acesso em: 09 de fev de 2013.

⁴⁸ SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1995, p. 109.

ou de inserção social (através do casamento, por exemplo), ou a uma não adaptação traumática ao esquema social ordenado, e como resultado, a morte do personagem; algo que soa familiar quando retomamos *Dias na Birmânia*. Isso significa dizer, que Orwell é fruto dessa sociedade inglesa burguesa em sua leitura sobre o imperialismo, evidenciada pelos dilemas que envolviam seu personagem John Flory; ao mesmo tempo sujeito capaz de lê-la e ser influenciado por ela na mesma medida.

O período que permaneceu na Índia, como parte da engrenagem imperialista inglesa, permitiu a Orwell uma série de reflexões sobre a exploração imposta aos indianos, no entanto, ele não conseguiu em seus escritos, pelo menos dos quais a pesquisa teve acesso, demonstrar uma reação mais efetiva em relação a isso. Todos os seus textos são perpassados por uma lógica de culpa e por vezes uma aceitação do imperialismo britânico como um mal menor, por mais desprezível que seja a conquista de um povo por outro.

Visto de fora, o domínio britânico na Índia parece – e, na verdade é – benevolente e até mesmo necessário; assim como o é o domínio francês no Marrocos e o domínio holandês em Bornéu, pois é hábito governarem-se melhor os estrangeiros do que seu próprio povo. Mas não é possível fazer parte de tal sistema sem reconhecê-lo como uma tirania injustificável.⁴⁹

O juízo de culpa apresentado por Orwell associa-se ao de impotência, nos dando a impressão de que nada pode ser feito. O autor em 1927, de licença na Inglaterra, resolve simplesmente não voltar, mas não é capaz em solo birmanês de alguma ajuda na luta de resistência indiana. A culpa que não é facilmente expiada remete a uma espécie de novo fardo carregado pelo colonizador. Se para Kipling, o fardo do homem branco era vencer as adversidades naturais, as relações com povos menos civilizados, sair de sua terra natal para desbravar terras desconhecidas, para Orwell, o fardo é estar ciente dos males imperialistas, se sentir responsável por elas, mas ainda assim permanecer de braços cruzados, ou produzir um mínimo de interferência. Em outras palavras, a pessoalização de seus textos não consegue se configurar em uma grande mudança de cunho externo.

Extrapolando a cronologia de textos que interessam ao presente capítulo, pode-se argumentar sobre os escritos de Orwell em que diretamente o autor apoiava a independência indiana como expressão de luta política contra o imperialismo; sim, de fato, esses textos existem, mas o presente texto entende que o que Orwell produziu

⁴⁹ ORWELL, George. *A caminho...*, op. cit., p. 142.

nesse sentido faz parte de um movimento maior, em que ainda prevalece um ranço de superioridade europeia. Se Orwell defende a independência, não é porque essa é imprescindível ao povo indiano, e sim porque é o melhor resultado que o governo inglês poderia alcançar. O “orientalismo”, tal qual definiu Said, é histórico; a forma como se pensa, vê, e explica o Oriente se transmuta ao longo do tempo, assim como as necessidades do Império inglês também mudam. E George Orwell faz parte dessa construção, às vezes reproduzindo mais do mesmo, às vezes trazendo algo de novo.

Em seu texto *Marrakesh* (1939), em determinados momentos ao descrever a população local, se o autor não informasse ao leitor onde se encontrava, poderia se pensar que falava de qualquer lugar colonial na África ou na Ásia, pois a singularidade dos indivíduos é algo que não existe, os “nativos” só podem ser vistos e pensados como um todo homogêneo, um coletivo sem contradições próprias e especificidades étnicas, identitárias. A seguinte caracterização de Orwell é para Said a forma como o europeu realmente percebe o não europeu:

(...) as pessoas têm faces marrons – ademais, são tantas! São da mesma carne que você? Será que têm mesmo nomes? Ou são apenas uma espécie de coisa marrom indiferenciada, tão individuais quanto abelhas ou insetos de coral?⁵⁰

Não queremos dizer que não há uma moral bem intencionada orientando Orwell ao expor a pobreza extrema em Marrakech, todavia é difícil não observar que seu texto comunga de generalizações históricas sobre o Oriente, onde o oriental

é uma figura cômica ou um átomo numa coletividade imensa, designado, num discurso comum ou cultivado, como um tipo indiferenciado chamado oriental, africano, amarelo, moreno ou mulçumano.⁵¹

Cristopher Hitchens, escritor que se deteve a refletir sobre o papel intelectual de Orwell, apresenta possibilidades textuais publicadas em 1929, sob o nome de E. A. Blair no jornal *Le Progrès Civique*. O artigo intitulado *Como se explora um povo: o Império Britânico na Birmânia*, segundo o autor, é um estudo sobre como o poder colonial explora os birmaneses, despoja-os de seus recursos naturais, e a passividade, docilidade e ignorância das vítimas perante a ação imperialista inglesa. Novamente por mais bem intencionado que esteja em fazer a denúncia dos métodos de espoliação do Império, Orwell silencia, através da imagem que propõe dos birmaneses, todo um

⁵⁰ ORWELL, George. *Como morrem...*, op. cit., p. 360.

⁵¹ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 339.

histórico de luta do movimento de resistência indiano desde a “Revolta dos Sipaios” (1857), até as manifestações da desobediência civil.

Convém ressaltar que todos os textos citados até aqui, só foram publicados a partir de 1929, dois anos depois de ter abandonado seu cargo. Para Hitchens, Orwell era um anti-imperialista, que viu de dentro os horrores do Império, mas que só pode se sentir à vontade em suas críticas quando viveu o exílio em sua própria terra, isto é, seu período de mendicância na Inglaterra de 1929. Hobsbawm defende em *A Era dos Extremos*, que a Grande Depressão se tornou “um marco milenar na história do antiimperialismo e dos movimentos de libertação do Terceiro Mundo”,⁵² pois “se a guerra tornou claras aos administradores imperiais as deficiências de uma indústria colonial insuficiente, a Depressão de 1929-33 os submeteu à pressão financeira”⁵³, pressão que Orwell sentiu nas ruas, nos abrigos noturnos e na forma de fome. Na Índia, a Depressão fortaleceu o movimento nacionalista gerando uma nova onda de não cooperação, uma Constituição negociada pelos ingleses e maior adesão da população ao Congresso Indiano.

Segundo Hobsbawm, a inevitabilidade da independência indiana já era sentida primariamente desde 1919 na Inglaterra, tornando parte dos planos da classe dominante britânica uma futura forma de autogoverno indiano negociado com as elites locais. Tal colocação permite avaliar os comentários de independência de Orwell não como solitários e únicos, mas pertencentes a um movimento de opinião pública que ganhou força durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1942, em plena Guerra Mundial, através de artigos jornalísticos e de seu programa de rádio na seção indiana do serviço oriental da BBC, George Orwell dará mais ênfase à necessidade da independência; se antes seus textos se restringem a denunciar as condições de exploração imperialista, a partir de então defenderá o fim das colônias britânicas. Todavia, mais que um discurso contra o imperialismo, o que Orwell defende é a possibilidade que um governo autônomo indiano teria de se tornar um aliado potencial contra o fascismo representado no Oriente pelo Japão. Independência colonial como estratégia de guerra:

(...) é evidente que precisamos conquistar o entusiasmo do povo indiano; sua obediência passiva não é suficiente. E o único meio seguro para despertar

⁵² HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 202.

⁵³ **Ibidem**, p. 205.

esse entusiasmo é convencê-los de que a independência da Índia é possível se a Inglaterra vencer a guerra e impossível se o Japão a vencer.⁵⁴

O fascismo tal como foi abordado por Orwell, mais tarde deslocou a problemática do imperialismo oriundo da relação de exploração colonial dos governos aliados, para um resultado incontestável dos governos fascistas caso fossem vitoriosos. A luta contra o imperialismo significava uma luta maior contra o fascismo, e o conselho do escritor aos ingleses se resumiria na seguinte fala:

(...) aprendemos com os eventos na Malaia – ou ao menos deveríamos ter aprendido - que nada conceder é tudo perder. O que se infere dos tratados com a Abissínia e com o Irã é que um gesto de generosidade feito no momento certo pode substituir uma relação essencialmente insatisfatória por uma verdadeira parceria.⁵⁵ (grifo meu)

Sua relutância à presença japonesa na Índia, e sua seriedade ao lutar contra o fascismo permitiu-lhe criticar o pacifismo de Gandhi em um ensaio de 1948; diante da declaração do pacifista de que os indianos também deviam resistir à invasão japonesa de forma não violenta, escreveu o escritor:

Aplicado à política externa, o pacifismo deixa de ser pacifista ou se transforma em conciliação. Além disso, a suposição, que foi muito útil para Gandhi ao lidar com indivíduos, de que todos os seres humanos são mais ou menos afáveis e responderão bem a um gesto generoso carece de contestação séria. Não é necessariamente verdadeira, por exemplo, quando lidamos com loucos. A questão então passa a ser: quem é são de espírito? Hitler era? E não será possível que toda uma cultura seja insana de acordo com os critérios de outra? E na medida em que podemos aferir os sentimentos de toda uma nação, existirá alguma ligação evidente entre uma ação generosa e uma resposta amigável? Será a gratidão um fator na política internacional?⁵⁶

A exposição acima dos textos de Orwell referente ao imperialismo busca demonstrar os limites históricos e culturais que se impuseram ao escritor, apesar do antiimperialismo existir como uma das vertentes de seu projeto político. Dessa forma, o presente texto coaduna com Jacinta Maria Matos sobre a validade da pesquisa desse tema:

Não se argumentará aqui que Orwell é inatacável crítico do Império, assim como não se proporá, anacronicamente, que o autor possuía as bases teórico-críticas necessárias que fundamentam a visão atual destas questões. Orwell não é um ideólogo, filósofo ou sociólogo, nem sequer alguém que tenha grande simpatia por modelos teóricos totalizantes (sejam eles de

⁵⁴ ORWELL, George. **Literatura e política**: jornalismo em tempos de guerra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 20.

⁵⁵ **Ibidem**, p. 21-2.

⁵⁶ ORWELL, George. **Dentro da baleia...**, op. cit., p. 78-9.

esquerda ou de direita) de explicação do mundo. As suas limitações (umas históricas, outras pessoais) são inegáveis, mas não nos devem impedir de ajuizar da sua contribuição, enquanto escritor assumidamente político, para nosso entendimento do modo de funcionamento de um sistema que Orwell conheceu por dentro e sobre o qual foi fazendo uma reflexão aprofundada.⁵⁷

Experimentando a indignação

Em 1927, de licença em solo inglês, George Orwell avesso profundamente a retornar para seu cargo na Índia, decide não mais ser policial e permanecer na Inglaterra. Sua crise de consciência, devido aos anos que passou na Birmânia, impulsionou-lhe a se tornar escritor contra qualquer tipo de opressão, mas principalmente em favor da classe trabalhadora. Em *A caminho de Wigan*, ele explica os motivos que o levaram alugar um quarto no *East End*, vestir-se de mendigo e sair peregrinando pelas ruas:

Mas eu queria muito mais do que apenas livrar-me do meu emprego. Durante cinco anos, eu tinha feito parte de um sistema opressivo, que me fez ficar com a consciência pesada. (...) Eu tinha consciência da imensa carga de culpa que eu tinha expiar. (...) Eu pensava ser preciso livrar-me, não apenas do imperialismo, mas também de qualquer forma de dominação do homem pelo homem. Eu queria submergir-me entre os oprimidos, misturar-me a eles, ser um deles e ficar ao lado deles contra os tiranos.⁵⁸

Se Orwell acreditava não ter forças suficientes para acabar com o imperialismo dentro da Índia, pensava que talvez pudesse ajudar os trabalhadores ingleses que para ele seria um equivalente dos birmaneses na Inglaterra. Parte dessa experiência ele relatou não só em *Wigan*, mas também em artigos e principalmente em seu primeiro livro publicado *Na pior em Paris e Londres* (1933), o primeiro escrito que recebeu seu pseudônimo. Suas perambulações por *East End* eram repletas de temores em relação ao comportamento dos pobres, medo, fruto da educação que recebeu dentro de sua família e na escola, que se refletia na possibilidade de ser descoberto e punido, porque para Orwell era absolutamente normal que as pessoas menos favorecidas pudessem descontar o sofrimento de sua realidade nos “cavalheiros” da classe média, em uma espécie de acerto de contas próprio da natureza dos pobres. No entanto, seu primeiro dia nas ruas, apesar de seus receios, decorreu sem maiores incidentes, ele foi facilmente ignorado por todos, exceto por um estivador bêbado que o havia oferecido uma xícara de chá.

⁵⁷ MATOS, Jacinta Maria. **Op. Cit.**

⁵⁸ ORWELL, George. **A caminho...**, op. cit., p. 145-6.

Segundo Sérgio Augusto,

no East End [Orwell] não ficou down and out. A rigor, atuou mais como alheio do que como parceiro do “povo do abismo”. Quando se saturava da pobreza, restava-lhe a opção de recolher-se a seu quarto, despojadíssimo mas não miserável, tirar a máscara, lavar o rosto e, se o desejasse, retornar a seu mundo do outro lado da cidade”⁵⁹.

O que em Paris foi bem diferente.

A Paris dos anos 1920, ponto de encontro de inúmeros artistas e escritores, também fazia parte do imaginário de Orwell, que havia decidido viver a partir da produção literária. Segundo Paulo Santos Silva, “transformada em capital cultural, parece que todos que adentravam o mundo das letras e das artes almejavam dias em Paris”⁶⁰, entre esses admiradores da Cidade Luz estavam F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway, Gertrude Stein, James Joyce, Zelda Scott, e vários outros. A experiência parisiense refletiu em vários escritos desses autores, que mesmo em contato com os dramas e as dificuldades de se viver em Paris, ainda a revestiam de uma atmosfera romântica e extraordinária, onde tudo era possível. Hemingway, em um de seus relatos que compõe *Paris é uma festa*, acreditava que poder viver nesta cidade era uma dádiva, um tesouro, apesar das dificuldades financeiras, fome e pobreza; pois em Paris ele podia trabalhar e viver como queria, sempre em contato com uma diversidade de mundos literários enriquecedores⁶¹. Em outra memória sobre a cidade, Hemingway e sua mulher, após um período de penúria, ganharam um prêmio em uma corrida de cavalos, a vitória lhes rendeu um jantar que eles não consumiam há um bom tempo, no entanto, saciar a fome física, que parecia constante, não os tornou satisfeitos, levando-os a perceber a existência de outras espécies de fome⁶². Fome esta que talvez Paris e seu frenesi pudessem aplacar.

Provavelmente compartilhando desse espírito, Orwell, em 1928, alugou um quarto em uma pensão barata, e dedicou-se à produção de artigos para as revistas francesas; sem muito sucesso com as publicações, passou um tempo ensinando inglês para crianças, até que mesmo os alunos se tornaram escassos, assim como o dinheiro. Durante seu tempo ocioso, em que ainda tinha esperanças de publicar algo, Orwell

⁵⁹ AUGUSTO, Sérgio. *A opção pelos pobres*. In: ORWELL, George. **Na pior em Paris e Londres: a vida de miséria e vagabundagem de um jovem escritor no fim dos anos 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 250-1.

⁶⁰ SILVA, Paulo Santos. **Op. cit.**, p. 21.

⁶¹ HEMINGWAY, Ernest. **Paris é uma festa**. São Paulo: Círculo do Livro, 1964, p. 112.

⁶² **Ibidem**, p. 60.

aproveitava para observar a região, e a população do bairro pobre, tanto que no primeiro capítulo de *Na pior...*, após descrever ruas, pensões e hotéis, ele justifica sua opção:

(...) tento descrever as pessoas de nosso bairro não por mera curiosidade, mas porque fazem parte dessa história. A pobreza é o meu tema, e foi nesse bairro miserável que tive meu primeiro contato com ela. O bairro pobre, com sua imundície e suas vidas bizarras, foi minha primeira lição prática de pobreza e, depois o pano de fundo de minhas experiências. É por esse motivo que tento dar uma ideia de como era a vida ali.⁶³

Para além de enxergar na pobreza uma possibilidade temática, esse trecho do livro corrobora com uma problemática cronológica. Ao dizer que em Paris ele possui seu primeiro contato com os pobres, o autor escamoteia sua experiência no *East End*. Bonalume Neto e Hitchens referem-se à *Na pior...* como um livro não totalmente biográfico devido a certas alterações cronológicas do livro - no entanto, para efeito desta pesquisa, tais alterações não descredibilizariam seu relato em termos de descrição de uma experiência. O presente texto acredita que tal opção talvez tenha servido ao interesse de tornar mais chocante seu retorno à Inglaterra, mais tarde representado no livro, isto é, mesmo em terra familiar, onde Orwell deveria ser bem tratado ou encontrar um conforto de um lar, o que lhe foi dado foi desprezo e nenhuma oportunidade. Dar este tipo visibilidade a pobreza inglesa coadunaria com seu projeto de expiação de culpa, citado anteriormente, mas essa discussão será retomada mais a frente.

Orwell vive sozinho na pensão, e quase morre de fome ao passar pouco menos de três dias sem comer; o único que o ajuda, mas que vive em situação próxima a dele é um russo chamado Boris que conheceu em Paris. Boris tinha em torno de 35 anos, filho de pais ricos que foram mortos durante a Revolução, e ex-soldado do exército russo. Boris não parece um sujeito revoltado com os rumos que tomou pós-revolução, mas isso não esconde a ciência de que anteriormente vivia numa situação muito melhor do que aquela que compartilhava com Orwell. Em todo caso, é difícil supor se tal pessoa realmente existiu, no entanto, a presença da descrição de Boris e sua relação com o escritor servem de meio para que o Orwell possa demonstrar sua falta de interesse pela política e sua ignorância sobre os comunistas na época. No capítulo oito, em busca de dinheiro, Boris propôs a Orwell escrever artigos sobre política em inglês para entregar a uma suposta organização comunista russa. Ao realizar o convite, Boris se preocupou com a possibilidade do emprego causar algum tipo de constrangimento ao escritor, afinal o dinheiro era comunista, todavia, isso não incomodava Orwell, o que lhe

⁶³ ORWELL, George. *Na pior...*, op. cit., p. 15.

preocupava era a possibilidade de ser deportado, já que uma vez havia sido interrogado por ter entrando em jornal francês comunista.

Boris, mais tarde, conseguirá um emprego para Orwell de *plongeur*, uma espécie de lavador de pratos no Hotel X e mais tarde no Auberge Jehan Cottard. Sobre seu emprego é que Orwell expõe não só a falta de higiene das cozinhas em que trabalhou, mas também as péssimas condições de trabalho: a imundície, a presença de baratas e ratos, o calor excessivo e a certeza de que se você reclamasse, o patrão teria dezenas de outras pessoas na fila de espera.

Tudo que se exige de um plongeur é que estejam numa constante correria e que aguentem longas horas de trabalho e uma atmosfera abafada. Não têm como escapar dessa vida, pois não conseguem economizar um tostão do salário, e as sessenta a cem horas de trabalho semanais não lhes deixam tempo para aprender outra coisa. O melhor que podem é achar um emprego um pouco mais leve, como guarda-noturno ou encarregado de banheiro.⁶⁴

Outro momento do escritor na França resultou no artigo *Como morrem os pobres* (1946). Em fevereiro de 1929, vítima de uma gripe, Orwell se internou no Hôpital X para se tratar, algo que se arrependeu depois. Para além das péssimas condições de higiene local, o que mais lhe chamou a atenção foi o tratamento desumano dado as pacientes pobres: os médicos sequer dirigiam uma palavra aos doentes, que eram vistos mais como um espécime para estudos do que como seres humanos. E apesar de ser considerado um ambiente abominável para Orwell, o hospital era utilizado por pessoas extremamente pobres como abrigo: “Alguns deles [pacientes] pareciam achar as condições quase confortáveis, pois ao menos dois eram miseráveis que se fingiam de doentes para ter um abrigo no inverno”.⁶⁵

A Paris de Orwell era uma cidade muito distante daquela compartilhada em sonhos por escritores e aspirantes; áspera com os pobres e marginalizados, avara em oportunidades e desumana no tratamento: diante dessa realidade crer que tudo poderia se ajeitar não era algo concreto para o autor. Assim, no mesmo ano em que esteve internado, Orwell retorna a Inglaterra com a promessa de emprego proporcionado por um amigo, no entanto, por problemas de comunicação descobre que a pessoa que lhe daria o emprego de professor havia viajado, e só retornaria em um mês. O fato oportunizou a repetição da experiência pelas ruas, mas dessa vez sem o mesmo conforto de antes. Sobre esse período Orwell relatou na segunda parte de *Na pior em Paris e*

⁶⁴ *Ibidem*, p. 92.

⁶⁵ ORWELL, George. *Como morrem...*, op. cit., p. 106.

Londres, em *A filha do reverendo*, e em artigos como *O albergue* (1931) e *Diário da colheita de lúpulo* (1931). Todos os textos relatam as políticas contra a mendicância, o funcionamento dos abrigos noturnos, as estratégias de sobrevivência utilizadas pelos sujeitos de rua e como tudo isso o permitiu desconstruir os preconceitos que antes possuía em relação aos trabalhadores e os desempregados. Em *Um dia na vida de um vagabundo* (1929), Orwell caracteriza os sujeitos de rua em palavras espelhadas de um vocabulário antropológico:

(...) o vagabundo é uma espécie nativa inglesa. Estas são as características que o distinguem: ele não tem dinheiro, veste-se com andrajos, caminha cerca de vinte quilômetros por dia e nunca dorme duas noites seguidas no mesmo lugar.⁶⁶

A priori essa caracterização soaria um tanto problemática, devido a consequente naturalização de um grupo que se constituiu socialmente, no entanto, sua reflexão inicial expõe a dificuldade e o olhar imaturo de um sujeito que ao tentar combater seus próprios preconceitos, estipula definições aparentemente superficiais sobre os sujeitos que observou.

Ao longo de suas experiências nas ruas, a análise do escritor não se encerrou na mera descrição da realidade dos sujeitos com quem conviveu, em outros textos afirma que se antes ele compartilhava a opinião da classe média de que a vagabundagem era uma questão de opção, suas incursões lhe permitiram concluir que os mendigos “são seres humanos comuns, e que se são piores que outras pessoas, isto é o resultado e não a causa de seu modo de vida”⁶⁷. Para Orwell a pobreza não podia ser mais entendida como um acaso, uma questão de sorte ou fruto do ócio, ela passava a ser compreendida dentro de um foco analítico que deveria privilegiar as relações sociais entre diferentes classes.

Os relatos mais famosos de Orwell sobre a pobreza foram produzidos entre 1929 e 1933 período da Grande Depressão. Desde que retornou da Índia, Orwell já ouvia rumores de um crescente desemprego: “a palavra “desemprego” estava na boca de todo mundo. “Isso era mais ou menos novo pra mim, que vinha da Birmânia, mas as idiotices que as classes médias ainda diziam (“Esses desempregados são todos inaproveitáveis”, etc.) não me iludiam”.⁶⁸ O que o escritor assistia era o prelúdio de algo muito maior,

⁶⁶ *Ibidem*, p. 37.

⁶⁷ ORWELL, George. *Na pior...*, op. cit., p. 240.

⁶⁸ ORWELL, George. *A caminho...*, op. cit., p. 146.

algo que ocasionou não só grandes índices de desemprego, como também minou a força sindical inglesa,⁶⁹ como aponta Hobsbawm. Segundo o historiador, as taxas de desemprego entre 1932-3 eram de 22% a 23%, e após 1933 entre 16% e 17%.

Para aqueles que, por definição, não tinham controle ou acesso aos meios de produção (a menos que pudessem voltar para uma família camponesa no interior), ou seja, os homens e mulheres contratados por salários, a consequência básica da Depressão foi o desemprego em escala inimaginável e sem precedentes, e por mais tempo do que qualquer um já experimentara.⁷⁰

A preocupação em se manter empregado reinava na mente da classe trabalhadora. Essa preocupação pode ser visualizada no artigo de Orwell, *Em cana* (1932), cujo objetivo era relatar os procedimentos de encarceramento inglês. Para isso Orwell se embriagou o suficiente para ser considerado um desordeiro e ser levado preso, enquanto o escritor esperava sua sentença dada pelo juiz, percebeu que os homens ali se preocupavam mais com a possibilidade de perder seus empregos do que com a prisão: “uma observação feita por aqueles homens me espantou – eu a ouvi de quase todos os prisioneiros que seriam julgados por um delito grave. Era: “Não é a prisão que me preocupa, é perder meu emprego”. Creio que isso é sintomático do poder decrescente da lei em comparação com o do capitalista”.⁷¹

As ruas surpreenderam Orwell de tal forma que à medida que os anos passavam, ele começava a crer que somente o socialismo poderia transformar a sociedade inglesa, e foi no encontro com diferentes tipos de pessoas que ele também teve certeza de que escrever era promover um ato político. Uma das pessoas que o marcou aparece em *Na pior*. É um grafiteiro de calçadas chamado Bozo que não enxergava importância na pobreza, a não ser quando esta impedia a liberdade de pensamento, pois nas calçadas das ruas londrinas nem toda liberdade de expressão era permitida:

Você pode fazer charges sobre qualquer partido, mas não pode pôr nada a favor do socialismo, porque a polícia não permite. Uma vez, desenhei uma jibóia com a inscrição ‘Capital’ engolindo um coelho com a inscrição ‘Trabalho’. O tira veio, viu, e disse: ‘Apaga isso aí e fica esperto’. Tive de apagar. O tira tem o direito de te mandar circular por vadiagem e não é bom responder.⁷²

Em 1937, George Orwell publicou *A caminho para Wigan*, uma reflexão sobre a situação dos operários das minas do norte da Inglaterra atingidos pela crise econômica.

⁶⁹ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos*, op. cit., p. 94.

⁷⁰ *Ibidem*, 97.

⁷¹ ORWELL, George. *Como morrem...*, op. cit., p. 91.

⁷² ORWELL, George. *Na pior...*, op. cit., p. 188.

Durante dois meses, de 31 de janeiro até 30 de março de 1936, o escritor coletou material para o livro em Yorkshire e Lancashire. Sua experiência entre os trabalhadores das minas de carvão modificou sua percepção sobre o sentido social da pobreza; até então para Orwell ser pobre significava estar prestes a morrer de fome, por isso as incursões iniciais entre os moradores de rua. Ao responder afirmativamente o convite de seu editor, na época Victor Gollancz, para este livro, o escritor se deu conta da pluralidade e complexidade que envolvia os subalternos ingleses.

No período que passou no norte, hospedou-se em uma pensão em que dividia o quarto com mais três pessoas, visitou as minas, e acompanhou o cotidiano e o trabalho de extração do carvão. Essa experiência levou Orwell a organizar seu livro em duas partes. Na primeira, ele descreve o péssimo estado da hospedaria em que ficou, as condições de vida dos operários, os problemas de moradia enfrentados pelos trabalhadores, a má alimentação, as péssimas condições de trabalho, os riscos de acidentes e doenças, os poucos salários, o desemprego. Na segunda, faz uma reflexão sobre a sociedade inglesa, a necessidade do socialismo e os problemas que enxergou nos movimentos socialistas ingleses próximos aos operários.

As reflexões formuladas nessa segunda parte incomodaram bastante uma parte da esquerda inglesa, resultando em uma série de críticas, cujo cerne, segundo Pepe Gutiérrez-Álvarez, estava na incapacidade do autor de manter um contato mais estreito e real com a classe trabalhadora:

Naturalmente, muchas de las críticas provenían de organizaciones que, como la laborista, eran (atacadas con dureza). Para Mr. Hammond, un viejo militante comunista al que Orwell tuvo gran estimación, la segunda parte era insultante y llena de ignorancia, mientras que la primera, quitando los pasajes sobre la suciedad --Orwell identificaba desde su infancia a los obreros con la gente sucia--, constituía un bello ejemplo de propaganda auténtica, bella e inteligente, con una notable capacidad para narrar con claridad.⁷³

Das críticas formuladas em *A caminho...*, a que Orwell mais se deteve foi a distância cultural entre a composição social da esquerda inglesa (constituída, principalmente, por membros da classe média) e a grande parte da população trabalhadora. Afinal, para Orwell, que socialismo era esse que não se comunicava com aqueles que deviam empreender a revolução social? O socialismo inglês em sua organização, segundo o autor, não passava de um movimento da classe média, de

⁷³ GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Orwell, antes de la revolución**, Disponível em: <http://www.fundanin.org/gutierrez34.htm> Acesso em: 30 de mai de 2013.

socialistas esnobes cheios de preconceitos de classe, como um dia ele havia sido. Para ele, a maior dificuldade para se produzir um verdadeiro socialismo são as visões que os intelectuais de esquerda possuíam dos trabalhadores e vice-versa.

Eu gostava deles e esperava que eles gostassem de mim; mas eu estava entre eles como um estrangeiro, e tanto eles como eu tínhamos consciência disso. Para onde quer que se vá, essa maldição chamada diferença de classe surge à frente como uma muralha de pedra. Ou melhor, não é bem uma muralha de pedra, e sim a parede de vidro de um aquário. É tão fácil imaginar que ela não está lá, e tão impossível atravessá-la!⁷⁴

Para Orwell, o desconhecimento em relação ao trabalho promovido nas minas, a capacidade de não perceber a dependência que o burguês possui com o trabalho realizado pelos trabalhadores e o código de conduta compõem aquilo que resulta nas diferenças sociais tanto quanto a desigualdade financeira. Orwell segue sua argumentação dizendo que os preconceitos de classe são observáveis também dentro da esquerda inglesa, mesmo quando parte da mesma tenta escamoteá-las. Desejar que a situação dos trabalhadores melhorasse significava uma coisa completamente diferente de discursar a favor da extinção das distinções de classe; abolir as classes, segundo o escritor, significava destruir parte de sua própria identidade, o que se dizia disposto a fazer:

O fato que precisa ser encarado é que acabar com a distinção de classes implica acabar com parte de você próprio. Sou um membro típico da classe média. É fácil dizer: quero livrar-me da distinção de classes, mas quase tudo que penso e faço é resultado dela. (...) A questão não é só melhorar as condições da classe trabalhadora ou evitar as formas mais estúpidas de esnobismo, mas abandonar por completo a atitude típica das classes média e alta com relação à vida. E eu dizer SIM ou NÃOO deve depender do meu grau de consciência do que é exigido de mim.⁷⁵

É preciso salientar que, apesar das críticas formuladas por Orwell ao considerar a questão de classes no plano das identidades, para o escritor o socialismo ainda representaria o único combatente real contra o fascismo que espreita e corrompe a Europa, se recuperasse seus ideais fundamentais de justiça e liberdade ao se livrar da reverência exagerada e dogmática a Rússia de Stálin⁷⁶. Mais adiante, considera esse socialismo “recuperado” como a única forma de combater a opressão e exploração sofridas pelos trabalhadores, principalmente, aqueles que ele descreveu no início do livro. No entanto, é possível perceber no escritor não uma necessidade de convencer os trabalhadores sobre a importância do socialismo, pois, para ele “qualquer um que

⁷⁴ ORWELL, George. *A caminho...*, op. cit., p. 153.

⁷⁵ *Op. Cit.*, p. 158.

⁷⁶ *Op. Cit.*, p. 210.

conheça a pobreza, qualquer um que odeie a tirania e a guerra está, em potencial, do lado socialista”⁷⁷, mas em seu texto enxerga-se um apelo à classe média, esta da qual ele se considerava parte:

Eu, por exemplo, sou burguês de nascença, mas tenho uma renda proletária. A qual classe pertença? Em termos econômicos, pertença à classe operária, mas para mim é quase impossível considerar-me qualquer coisa senão membro da burguesia. E supondo-se que eu tivesse de tomar partido, de que lado deveria ficar? Do lado da classe alta, que tenta oprimir-me até a morte, ou da classe operária, que tem costumes diferentes dos meus? É provável que eu, pessoalmente, em qualquer questão importante, ficasse do lado da classe operária. Mas e as dezenas ou centenas de milhares de pessoas em posição semelhante? (...) Todas essas pessoas partilham com a classe operária os mesmos interesses e têm os mesmos inimigos. Todas estão sendo roubadas e oprimidas pelo mesmo sistema. Entretanto, quantas percebem isso?⁷⁸

Segundo Gutiérrez-Álvarez, até a experiência em Wigan as relações de Orwell com o socialismo eram muito superficiais: “vagamente socialista desde hacía tiempo, lo que le definía era su actitud de rebelde y unas convicciones en las que se combinaban el anticolonialismo, el pacifismo, el humanismo radical y el racionalismo ateo”⁷⁹; que agora se somariam a uma expressão socialista de caráter individualista e anti-fascista.

Todo o conjunto de experiências citado acima é importante não para se efetuar um julgamento moral do escritor, ou situar as proposições de Orwell em um jogo de erros e acertos, mas perceber que com todos os limites de suas vivências, os retratos que autor compôs em seus livros e artigos demonstram nesse período uma forte sensação de desvelamento de sua realidade inglesa. Assim, ele redescobre a escola, o imperialismo, a pobreza e o socialismo, e se transforma enquanto sujeito histórico.

À guisa de conclusão, é necessário salientar também que deter-se na discussão sobre os relatos de Orwell anteriores a sua ida à Espanha proporciona reflexões de três naturezas diversas. Primeiro, através de sua trajetória, até então, é possível visualizar quadros de diferentes matizes sobre a história da Inglaterra: as mudanças sociais e políticas das primeiras décadas do século XX refletindo no cotidiano dos ingleses, a articulação política dos trabalhadores em partidos, a resposta popular aos ecos da Revolução Russa, o impacto interno da primeira guerra mundial, os sentimentos e percepção acerca da desagregação do império. Segundo, analisar esses momentos da vida do escritor permite vislumbrar o sujeito e a motivação que o torna capaz de deixar

⁷⁷ *Ibidem*, p. 211.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 218-9.

⁷⁹ GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. *Orwell, antes de...*, op. cit.

sua terra natal para lutar na Espanha. E a terceira reflexão, que não se desvincula de nenhuma das anteriores, consiste na percepção dos pensamentos, princípios defendidos, atuação e influência de Orwell em seu próprio território como meios para a compreensão dos primeiros olhares que, como estrangeiro, ofereceu à luta espanhola, moldando assim seu discurso sobre ela, levando-o a disputá-la mais tarde no campo da memória. Tais questões, na presente dissertação, ganham contornos mais definidos nos capítulos subsequentes.

Capítulo II

Lutando na Espanha

Em meio às barricadas espanholas, apesar do receio que espreita os corações daqueles que esperam o próximo golpe, tiro, bomba, ergue-se uma jovem voz feminina, onde se pensava não ser um local para mulheres. Tremulante, ciente do risco de evidenciar sua localização, a mulher entoava uma melodia conhecida por aqueles que com ela caminham juntos pela luta:

En la plaza de mi pueblo
dijo el jornalero al amo
"Nuestros hijos nacerán
con el puño levantado".

Esta tierra que no es mía
esta tierra que es del amo
la riego con mi sudor
la trabajo con mis manos.

Os outros a escutavam derramar em música seus lamentos e desejos, assistindo escapar de seus lábios aquilo que também precisavam extravazar; como um coral regido pela utopia, pela batuta da liberdade que desenhava notas a suas frentes, os que ouviam se puseram a cantar desafinados, tímidos, porém todos convictos:

Pero dime, compañero,
si estas tierras son del amo
¿por qué nunca lo hemos visto
trabajando en el arado?

Con mi arado abro los surcos
con mi arado escribo yo
páginas sobre la tierra
de miseria y de sudor.⁸⁰

Eram homens e mulheres, camponeses, trabalhadores, jovens e velhos que juntos em 1936 ergueram não somente suas vozes, mas também seus punhos e suas ferramentas de trabalho para travar uma das mais importantes batalhas do século XX

⁸⁰ Adaptação republicana da melodia de uma canção popular intitulada *El Café de Chinitas*, recebeu o título de *En la Plaza de mi Pueblo*. Disponível em: http://centros1.pntic.mec.es/ies.maria.moliner3/guerra/c_rep.htm. Acesso em: 19 de set de 2011.

contra a opressão, a exploração e o fascismo, em nome da autonomia e por uma nova humanidade. Em julho desse ano, o levante de um general iniciou um processo que nada mais foi que a concretização radical de uma tensão social e ideológica que se enraizava pela Espanha há muitos anos, a expressão de um mal-estar resultado de uma relação de forças irreconciliáveis e díspares que ganhara seu retrato maduro na Guerra Civil Espanhola.

Desde 1931, com a proclamação da Segunda República, é possível assistir na Espanha um duelo de forças entre as classes dominantes espanholas e as classes trabalhadoras sobre os rumos da República. O desafio das primeiras era como construir o ideal republicano atrelado a um processo de modernização dos meios de produção sem abrir mãos da monarquia e da exploração do trabalho de camponeses e operários. Para os trabalhadores, em parte influenciados pelo ideário anarquista e socialista, que vivenciavam cotidianamente o analfabetismo, a pobreza extrema e a repressão da “Guardia Civil”, a expectativa era realizar as promessas de mudança e igualdade associadas ao vocábulo “república”.

O governo provisório que assumiu a República em 1931 não conseguiu avançar em várias pautas reivindicadas pelo povo, entre elas a reforma agrária, reforma das forças armadas e os problemas entre Igreja e Estado; o que gerou manifestações negativas dos trabalhadores insatisfeitos com a política realizada. Por outro lado, setores da classe dominante, principalmente, a Igreja iniciaram uma forte propaganda contra o governo, tencionando a não supressão de seus privilégios:

Assim, o governo sofria pressões, de um lado das organizações de esquerda, principalmente as de orientação anarquista, que mobilizavam a população em greves e manifestações contra a morosidade do governo em resolver os problemas do desemprego e da concentração de terras; de outro lado, da direita – representada principalmente por homens do latifúndio, da Igreja e da monarquia – que, para recuperar o poder político que perdera, utiliza o discurso religioso e anticomunista para atacar a República. O resultado dessa tensão é a dissolução do Parlamento, em 1933, e a convocação de novas eleições.⁸¹

Em outras palavras, as eleições de 1933 representam o fracasso do governo provisório de efetuar uma política conciliadora entre uma ala conservadora representada pelos homens do latifúndio, privilegiados da monarquia derrotada e membros abastados

⁸¹ RODRIGUES, Ivan. **Locus e ecos da ética libertária** – A novela ideal e a propaganda anarquista espanhola. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 2005, p. 25.

da Igreja Católica; e os trabalhadores camponeses e urbanos que cotidianamente não colhiam nenhum benefício republicano.

Em novembro de 1933, após a queda do ditador Primo Rivera e abdicação do rei Afonso XIII, ocorrem as primeiras eleições republicanas, cujo resultado foi a vitória da direita, representada por Alcalá Zamora, ex-monarquista e proprietário de terras, como presidente, e Alejandro Lerroux como chefe de gabinete. O governo Zamora-Lerroux possuía o objetivo de criar uma frente direitista forte no Parlamento, para isso precisava contar com o apoio de José María Gil Robles, líder da CEDA (Confederación Española de Derechas Autónomas). Em nome desse apoio, o governo retrocedeu nas modificações iniciadas anteriormente abandonando completamente os projetos de reforma agrária e criação de leis trabalhistas, censurando a imprensa de oposição e aumentando a carga horária de trabalho no setor da metalurgia. Tais decisões geraram contundentes respostas populares por toda a Espanha em forma de greves e manifestações, que eram repelidas com alto grau de violência pela Guardia Civil e pelo exército com autorização do governo republicano, que se esmerava no modelo monarquista de repressão.

Em outubro de 1934, nas Astúrias, o desencadear dos fatos ganhou outra dimensão: um número entre 15 e 30 mil trabalhadores, após deflagrarem greve, se prepararam com armas em punho e iniciaram uma série de tomadas de prédios públicos, postos da Guardia Civil, avançando rua a rua pelas pequenas cidades vizinhas⁸², contra as ações do governo culminadas na investida da CEDA de participar do governo ocupando cargos ministeriais. O levante mineiro durou cerca de duas semanas, não resistindo à investida militar organizada pelos generais Francisco Franco e López Ochoa e suas legiões estrangeiras, auxiliadas por intensos bombardeios operados nos principais focos revolucionários. Milhares de trabalhadores foram demitidos, e outros milhares foram presos, segundo Enzensberger cerca de trinta mil foram encarcerados⁸³, para Nóvoa a estimativa é de cinco mil mortos, dez mil feridos e oitenta mil presos políticos⁸⁴. O conflito ficou conhecido como o Outubro Asturiano, em meio ao “biênio negro”, e visto como exemplo daquilo que os grupos conservadores espanhóis estavam

⁸² BEEVOR, Antony. **A batalha pela Espanha**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 73.

⁸³ ENZENSBERGER, H. M. **O curto verão da anarquia**: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola. Companhia das Letras, 1987. p. 87.

⁸⁴ NÓVOA, Jorge. **A Espanha incandescente**. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/02novoa.html> Acesso em: 01 de out de 2010.

dispostos a fazer para manter a “ordem”, e do sacrifício pessoal que os trabalhadores fariam na tentativa de destruí-la.

Diante da articulação dos grupos conservadores no governo, os grupos partidários de esquerda e centro-esquerda⁸⁵ selam um pacto político para concorrerem as eleições de 1936 como um único grupo, materializado na Frente Popular. Apesar de aderirem a colisão, os anarquistas tiveram um papel decisivo no resultado que deu a Manuel Azaña a vitória da Frente. Tendo em vista a possibilidade de anistia de milhares de anarquistas presos durante os levantes do biênio negro, a CNT (Confederación Nacional Del Trabajo), sindicato de maioria anarquista, e a FAI (Federación Anarquista Ibérica), deixaram a critério de seus membros a participação ou não nas eleições, não pronunciando discursos contra a dinâmica eleitoral, contradizendo assim uma estratégia recorrente dos anarquistas de não votarem.

A CNT criada em 1909, associada à FAI desde os anos 1920, era o sindicato de maior adesão na Espanha, chegando a possuir em 1936 mais de um milhão e meio de participantes⁸⁶, e possuiu um papel fundamental não somente no andamento das eleições, mas também em toda organização revolucionária a partir do levante nacionalista. Os votos livres anarquistas permitiram a Frente Popular uma vitória apertada em 20 de fevereiro, com uma diferença de apenas 150 mil votos, o que representava uma margem de menos de 2% dos votos⁸⁷.

Apesar do sucesso estreito nas urnas e dos alertas efetuados pelo poumista Joaquín Maurín sobre um possível golpe, a esquerda estava eufórica e confiante no resultado eleitoral, o que proporcionou folga suficiente para que Franco associado aos generais Emilio Mola, José Sanjurjo e Queipo de Llano pudessem articular um levante contra o governo no dia 18 de julho de 1936. Para os rebeldes a tomada de poder objetivava refrear de vez o ascenso político da esquerda, e acreditava fazer-se vitoriosa em questão de dias, no entanto, não contaram com a resistência trabalhadora que com armas precárias, ardor revolucionário e barricadas impediram seu avanço em grande

⁸⁵ Participaram da Frente o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), a União Geral dos Trabalhadores (UGT), o Partido Comunista da Espanha (PCE), o Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), além dos partidos republicanos Izquierda Republicana (IR) de Manuel Azaña e a União Republicana (UR) de Diego Martínez Barrio.

⁸⁶ MANFRÉDONIA, Gaétano. **Espanha libertária: a revolução social contra o fascismo**. São Paulo: Imaginário: Expressão e Arte, 2002, p. 7.

⁸⁷ BEEVOR, Antony. **Op., cit.**, p. 81.

parte da Espanha: ao se deter em governo, os generais esqueceram completamente o povo.

Desde então, o conflito espanhol marcou não somente uma geração, mas todas aquelas que reivindicaram e defenderam uma memória acerca dos movimentos revolucionários e o possível alcance de uma realidade social de fato igualitária, organizada e pensada pelos trabalhadores. Ao longo não só da historiografia ou no campo das avaliações políticas, mas da literatura, artes em geral, ele ganhou diversas significações correspondentes aos anseios e sentimentos daqueles que lhe dirigiram um olhar perduro. Para alguns, independente do resultado final em 1939, a Guerra Civil, antes de qualquer coisa, foi uma das mais completas expressões revolucionárias que a humanidade já assistiu; para outros, o impacto da derrota prevaleceu ressoando uma frustração quanto à possibilidade de grandes transformações sociais; há aqueles ainda que a visualizaram como um sinal do que o fascismo preparava a sangue frio para os anos vindouros.

Essas diferentes interpretações do fato histórico decorrem da transcendência do conflito, impactando sujeitos e grupos além de suas fronteiras não somente temporais como também geográficas. Em 1936, a observar os acontecimentos descritos acima estava o escritor inglês George Orwell⁸⁸, que não resistiu oferecer somente um olhar a luta espanhola e decidiu-se a engrossar as fileiras antifascistas contra o conservadorismo espanhol personalizado na pessoa de Franco. Orwell soma-se então a milhares de outros voluntários estrangeiros espalhados por diversas frentes de batalha, que enxergavam na Espanha mais do que o desenrolar exclusivo de uma questão nacional, mas um embate decisivo para o futuro dos povos. As vozes que cantavam hinos de sonhos e lutas fizeram-se ressoar por todo mundo, mesmo que nem todos estivessem dispostos a apreciar, a considerar ou pudessem entender.

Por que ir a Espanha?

Pepe Gutiérrez-Álvarez em seu texto, *Orwell, un poumista atípico*, debate a possível motivação de Orwell, discordando inicialmente de outros críticos que veem a

⁸⁸ ORWELL, George. **Lutando na Espanha**: Homenagem à Catalunha, Recordando a guerra civil espanhola e outros escritos. São Paulo: Globo, 2006, p. 33.

ida do escritor somente como tentativa de preencher um vazio literário, decorrente da sua não participação durante a Primeira Guerra Mundial, e, conseqüentemente, a sua não integração a um coletivo de escritores que tiveram como objeto de denúncia literária a crueza e horrores da guerra. O autor espanhol considera tal fator de influência como válido, porém acredita que somente um somatório de causas levaria Orwell até a Espanha⁸⁹. Coadunando com a posição de Gutiérrez-Álvarez, o presente texto destaca como fatores motivadores, para além da necessidade pessoal enquanto escritor de Orwell, o impacto da propaganda efetuada pela mídia estrangeira que buscava disseminar o espírito de solidariedade por um viés interpretativo, a questão moral em torno da participação ou não no conflito e a proporção dada a essa pelos diferentes sujeitos, os anseios pessoais de George Orwell definidos pela sua experiência com o imperialismo, a pobreza e afirmação de uma prática socialista.

No primeiro capítulo desta dissertação, aspectos da vida de Orwell anteriores a sua ida à Espanha foram abordados com o intuito, em parte, de explicar sua motivação para a participação efetiva nos fronts. A partir da leitura do texto, é possível perceber no escritor uma constante tentativa de acerto de contas que pudesse amenizar os efeitos que a sua pertença social ocasionava sobre os povos oprimidos do mundo. Enxergava, de fato, na solidariedade para com os trabalhadores a oportunidade de expiar a culpa que sentia por suas atitudes enquanto policial na Birmânia, todavia seria injusto com o escritor atribuir sua luta no *front* espanhol como resultado único de uma grave crise de arrependimentos pessoais. Na verdade, tal culpa foi o pontapé inicial para que, decidido a conhecer a classe trabalhadora inglesa, ele pudesse no cotidiano da penúria simpatizar e se identificar com suas causas, necessidades e transformações próprias; essas que só poderiam se concretizar a partir de um viés socialista, e não dentro dos moldes inoperantes da democracia burguesa.

As experiências orwellianas citadas anteriormente participam de um contexto social e político que não é restrito à personalidade do escritor; evidenciados em seus textos estão os ecos da quebra da bolsa de valores de 1929, a ascensão de Hitler e a derrota do movimento operário mais potente na Europa, a articulação dos trabalhadores na Espanha e França, a radicalização das esquerdas na Grã-Bretanha e os processos de

⁸⁹ GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Orwell, um poumista atípico**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/gutierrez5.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

Moscou. Tais acontecimentos, segundo Pepe Gutiérrez-Álvarez⁹⁰, provocaram na intelectualidade uma configuração moral e ideológica caracterizada pelos seguintes pontos:

1. El desencanto y alejamiento del bloque dominante, con el descubrimiento de los desastres del capitalismo y del colonialismo.
2. El acercamiento hacia las nuevas formas de vida del socialismo representado por la URSS, de las potenciales capacidades alternativas de una nueva sociedad que aparece en el cine -Eisenstein, Pudovkin, Dovjenco, etcétera-, la literatura -Babel, Pilniak, Maikovski, etcétera- y la literatura viajera a la "patria del proletariado".
3. La atracción del movimiento obrero, del esfuerzo colectivo de miles de activistas que reflejan también potencialmente el surgimiento del "hombre nuevo", de la unión entre el trabajo físico y el intelectual.
4. La emergencia con esta conjunción de unas nuevas exigencias culturales y artísticas, las posibilidades de hacer llegar el arte a las masas en vez de hacerlo a los habituales mercaderes, de impulsar nuevas formas artísticas y nuevas formas de modos de vida que atrae a inconformismos muy diversos (feministas, homosexuales, aventureros, científicos, etcétera).⁹¹

Em outras palavras, as experiências pessoais de Orwell se moldavam somando-se em uma resposta a um contexto social que cobrava dos intelectuais de sua geração um compromisso político, um efetivo engajamento e atuação militante. Dessa maneira, não deixa de ser possível a existência inicial de um projeto de escrita que buscasse reproduzir o estilo de escrita jornalístico e empirista já efetuado nas obras *Na pior em Paris e Londres* (1933) e *A caminho de Wigan* (1937), com a roupagem de um relato de guerra.

Em nome de um engajamento político, o território espanhol, segundo Berga, quando da introdução espanhola dos escritos de Orwell sobre a Espanha em 2003, tornara-se “un accidente político y geográfico que se ha convertido, en el imaginario de la izquierda británica del momento, en un “topos” iniciático, en el test irrenunciable para la conciencia moral de una generación”⁹². Pois, na Espanha, pressupunha-se que os trabalhadores demonstravam sua força e vontade contra uma ordem opressora que se disseminava maleficamente pela Europa desde a década de 20, o fascismo, lutando

⁹⁰ GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Una mirada sobre el II Congreso de Escritores Antifascistas en Valencia, 1937**. Disponível em: <http://www.nodo50.org/despaje/Nuestra%20Historia/guerra%20civil/valencia1937.htm> Acesso em: 31 de mai de 2013.

⁹¹ **Idem**.

⁹² BERGA, Miquel. **Orwell en España**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/berga1.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

assim contra um inimigo de toda humanidade. Esse discurso foi amplamente reproduzido pelos intelectuais que influenciavam e se deixavam influenciar por suas imprensas regionais.

Nas poucas vezes que Orwell falou sobre sua motivação para se incorporar as tropas republicanas, ele citou como fundamental sua leitura sobre as notícias retratadas nos jornais ingleses, principalmente, os que se definiam como de esquerda, colocando-se assim como parte de um fenômeno que, através da propaganda política de imprensa, arrebatava pessoas para causa antifascista:

Se você me perguntasse por que ingressara na milícia, responderia: “Para lutar contra o fascismo”, e se você me perguntasse pelo que eu estava lutando, responderia: “Pela decência geral”. Aceitara a versão do *New Chronicle-New Statesman* da guerra como defesa da civilização contra a insurreição maníaca de um exército de coronéis Blimp, financiados por Hitler.⁹³

A questão moral citada por Berga se sustentava na oposição que os valores fascistas faziam aos valores liberais defendidos pela maior parte dos intelectuais, o que tornou, segundo Eric Hobsbawm, a adesão estrangeira pela causa republicana massiva:

Here, at last, the advance of fascism was being resisted by arms. The appeal of armed resistance, being able to fight and not merely to talk, was almost certainly decisive. The poet Auden, asked to go to Spain for the propaganda value of his name, wrote to a friend: ‘I shall probably be a bloody bad soldier. But how can I speak to/for them without becoming one?’ (Carpenter, *Life of W. H. Auden*, p. 207) I think it is safe to say that most politically conscious British students of my age group felt they ought to fight in Spain and had a bad conscience if they did not.⁹⁴

Nesse sentido, o conflito espanhol se faz em um determinado aspecto um acontecimento internacional, o que gerou conclusões simplificadas acerca de seus desdobramentos e causas, encerrando muitas de suas discussões no aspecto da diversidade ideológica entre a frente republicana e a nacionalista; fazendo, assim, perder de vista o aspecto revolucionário, cuja pauta principal era a transformação social da Espanha e a abolição da sociedade de classes pela maioria trabalhadora.

⁹³ ORWELL, George. **Op., cit.**, p. 204.

⁹⁴ HOBBSAWM, Eric. **Intellectuals and the Spanish Civil War**. Disponível em: <http://theorwellprize.co.uk/george-orwell/about-orwell/eric-hobsbawm-intellectuals-and-the-spanish-civil-war/> Acesso em: 22 de mar de 2013.

Lutar na Espanha ao lado dos republicanos significava ter um espírito antifascista capaz de combater Hitler e seu conluio em qualquer parte do mundo, e a qualquer momento. Um exemplo emblemático pode ser observado na trajetória de Robert Capa, húngaro naturalizado americano, fotógrafo-correspondente durante a Guerra Civil Espanhola, que ficou conhecido por inaugurar o chamado fotojornalismo, devido à produção de fotografias extremamente próximas dos acontecimentos. Em *Ligeiramente fora de foco* (1947), livro onde registrou suas memórias sobre a Segunda Guerra Mundial, o combate ao fascismo é retratado como expressão de um princípio moral, em que sua experiência ao lado dos milicianos espanhóis se transformava em credenciais que atestavam seu caráter como jornalista merecedor de um visto para a ida aos fronts aliados em 1942. Em conversa com um funcionário da embaixada britânica em Washington, narrou sua trajetória durante três anos com o Exército Republicano Espanhol, argumentando em como ele “tinha boas razões para odiar os fascistas”⁹⁵, e, conseqüentemente, estar no *front*.

Como chegar a Espanha?

Uma vez decidido que a única alternativa cabível era seguir rumo à Espanha, o inverno abraçava a Europa, e George Orwell precisava descobrir a melhor forma de transpor suas fronteiras. O escritor nunca tinha visitado o país, e sentia necessidade de se orientar quanto à chegada ao *front*. A alternativa mais lógica no momento foi recorrer ao Partido Comunista e as suas Brigadas Internacionais.

As Brigadas Internacionais foram apresentadas como projeto em setembro de 1936 por Willi Münzenberg, chefe de propaganda do *Komintern*, após viagem a França com o objetivo de formar uma força militar através de voluntários que se somariam ao exército republicano. O que levou a articulação dos Partidos Comunistas e a criação de comitês de apoio em diferentes regiões do mundo para alistamento de voluntários, arrecadação de alimentos e dinheiro para serem enviados a República Espanhola. Apesar de ter sido uma iniciativa utilizada estrategicamente como controle ideológico e militar do conflito por parte da URSS, as Brigadas não foram compostas somente por militantes comunistas; segundo Salvadó e Leguina, a priori elas buscavam a adesão de

⁹⁵ CAPA, Robert. **Ligeiramente fora de foco**. São Paulo: Cosac Naif, 2010, p. 32.

qualquer pessoa com prática militar disposta a lutar contra o fascismo⁹⁶. No entanto, para Beevor, faz-se necessário desconfiar dessa propaganda de aceitação da pluralidade política, já que no treinamento efetuado com os brigadistas antes da ida ao *front* os comissários do batalhão faziam inúmeras palestras sobre o porquê da luta e de uma disciplina militar inspirada no exército soviético⁹⁷. Documentos e testemunhos produzidos por parte dos voluntários, segundo Andy Durgan, atestam sua ignorância sobre a complexidade do conflito política e socialmente para aqueles que permaneciam dentro das linhas brigadistas:

la gran mayoría de los brigadistas tuvieron poca idea sobre la naturaleza del proceso político en la zona republicana, más allá de la línea comunista de que la guerra era una guerra en defensa de la democracia contra el fascismo. En general no tuvieron contacto con la población local. Por eso, fue fácil propagar la versión estalinista de los acontecimientos en las filas de las Brigadas.⁹⁸

Independente do que acontecia entre as tropas brigadistas, o alistamento se propagandeou como democrático, levando a inscrição de mais de 30 mil voluntários de 53 países diferentes. Desses indivíduos, durante muito tempo a historiografia só reconheceu a participação dos intelectuais estrangeiros nas Brigadas, marginalizando a história do coletivo de trabalhadores que abandonaram seus empregos ou suas realidades de desempregados para participarem da “marcha da história” como heróis⁹⁹.

Crete no espírito aberto das Brigadas, apesar de suas desconfianças quanto ao comunismo soviético, George Orwell procura o Partido Comunista Inglês, é recebido pelo então secretário-geral do partido, Harry Pollitt. Após uma rápida entrevista, ele teve seu pedido de credenciais negado, acredita-se que como resultado das críticas ao socialismo inglês que produziu na segunda parte de *A caminho de Wigan*: Pollitt conhecia o livro de Orwell, e meses depois da entrevista publicaria uma resenha crítica em oposição às opiniões defendidas pelo escritor. Apesar do impacto ruim que poderia haver sobre as vendas do livro, Orwell em carta a sua mulher quando ainda estava na Espanha, acreditava que a resenha talvez servisse como boa propaganda e se perguntava

⁹⁶ SALVADÓ, Francisco J. Romero. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: 2008, p. 115; e LEGUINA, Joaquín. **La llamada de España**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/leguina.htm> Acesso em: 30 de mai de 2013.

⁹⁷ BEEVOR, Antony. **Op., cit.**, p. 243.

⁹⁸ DURGAN, Andy. **El legado de las Brigadas Internacionales**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/durgan4.htm> Acesso em: 30 de mai de 2013.

⁹⁹ **Ibidem.**, p. 239.

se Pollitt sabia de sua ida ao *front* espanhol através do POUM (*Partido Obrero de Unificación Marxista*).

Nem todos os voluntários que chegaram à Espanha o fizeram através das Brigadas Internacionais, cerca de 5000 estrangeiros serviram em milícias ligadas ao POUM e à CNT¹⁰⁰, a segunda alternativa de George Orwell. O escritor chegou ao POUM, devido às relações que possuía com membros do ILP (*Independent Labour Party*). Através de Fenner Brockway, conseguiu cartas de recomendação para os membros do partido que se encontravam em Barcelona cooperando com o POUM graças a aproximações ideológicas, isto é, ambos os partidos eram considerados dissidentes críticos da teoria da revolução em um só país defendida pelos stalinistas.

O primeiro contato do escritor com ILP, no entanto, não se deu na iminência da partida para a Espanha. Durante seu trabalho de pesquisa em Wigan, Orwell obteve ajuda do partido em forma de apresentações e recomendações aos trabalhadores das minas que pudessem cooperar na elaboração de seu livro:

Gracias a diversas cartas de presentación que le facilitaron representantes de la izquierda, y en particular el Independent Labour Party con el que mantendrá hasta la segunda guerra mundial unas relaciones privilegiadas, consiguió convivir en diferentes familias obreras como uno más, rehuyendo por lo tanto las comodidades que le podían ofrecer un hotel o una pensión con una familia pequeñoburguesa.¹⁰¹

Orwell manteve uma relação próxima com o ILP, ao ponto de se filiar ao partido em 1938, como expressão de uma atitude política mais prática, que extrapolasse a simpatia inicial que ele considerava pouco efetiva na luta contra o fascismo. Segundo Gutiérrez-Álvarez,

Este grupo, que tuvo una gran importancia en la Inglaterra de los años treinta, representaba el sector más radical del laborismo, con el que rompió por la actitud complaciente de éste ante la Sociedad de Naciones. Combinaba un radicalismo empírico, impregnado de evangelismo y de socialismo tradicional inglés, era abiertamente anticolonialista y quería la revolución «aquí y ahora».¹⁰²

O somatório anticolonialismo, radicalismo prático e princípios tradicionais como liberdade e justiça do qual resultava o partido, conquistou a atenção de Orwell, que

¹⁰⁰ BEEVOR, Antony. **Op., cit.**, p. 238.

¹⁰¹ GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Orwell, antes de la revolución**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/gutierrez34.htm> Acesso em: 31 de mai de 2013.

¹⁰² **Idem.**

compartilhava de semelhante visão sobre o socialismo. Já ao *Labour Party* (LP), Orwell não poupava críticas quanto ao caráter colonialista e reformista, se posicionando através do que considerava ser objetivo do socialismo inicialmente em seu texto sobre Wigan.

Com cartas dirigidas a John Mac Nair, dirigente do ILP na Espanha, Orwell segue para a França e de lá até Barcelona para se incorporar a milícia do POUM no *front* de Saragoça. Segundo Berga, a relação com Mac Nair foi de imediata sintonia e camaradagem, todavia é somente a partir de sua chegada ao Quartel Lênin, e suas impressões iniciais sobre Barcelona que o escritor inicia um dos textos memorialísticos mais destacados sobre o período da Guerra Civil Espanhola: *Homenagem à Catalunha*, fonte de estudo do presente capítulo.

Ao analisar a obra de Orwell, busca-se perceber a roupagem dada ao conflito espanhol pelos olhos de um estrangeiro: com que sentimentos e valores o escritor compreende e busca explicar o acontecimento histórico? O que motiva sua escrita e a quem dirige seu relato? Seria possível *Homenagem* ser um texto de discurso divergente ao produzido pela maioria dos intelectuais que também estiveram em Espanha? O quê a experiência pessoal de Orwell poderia revelar sobre a Guerra Civil Espanhola, enquanto documento histórico? A partir desses questionamentos que se compõem os anseios e horizontes deste segundo capítulo.

Homenagem à Catalunha (1938)

O testemunho de Orwell começou a ser redigido em 1937, logo depois de seu retorno a Inglaterra, e tem como marcos temporais, a chegada do escritor a Espanha em dezembro de 1936 e sua saída em junho de 1937. O livro alcançou publicação somente em 1938, tendo uma segunda edição *post-mortem*, quase dez anos depois. A publicação lançada no Brasil tem como referência a segunda edição, respeitando o desejo do autor de inserir mudanças estruturais no conjunto de seu texto. Essas mudanças consistem na transformação de alguns capítulos que compunham o corpo do relato em apêndices finais, alterando assim a relação do leitor com a obra, ao lhe creditar uma maior autonomia quanto à leitura total ou não do texto.

A presente pesquisa entende tal modificação como uma tentativa do escritor de agradar uma maior parcela de leitores simpáticos aos relatos de guerra, que ganharam

maior proporção na primeira metade do século XX como produtos da Primeira Guerra Mundial ou a Revolução Russa de 1917, por exemplo; principalmente aqueles cujo cotidiano relatado desconstrói a fantasia de glória que muitos governos e grupos políticos gostam de revestir a guerra. Para isso, elaborou um texto mais conciso, porém de descrições sensíveis criadas a partir de estratégias poéticas, exemplificados na caracterização da natureza que cerca os *fronts* de batalha. Nos doze capítulos que compõem essa primeira parte tem-se acesso a sua versão sobre as condições materiais das milícias, seus armamentos, instrumentos de orientação e vigilância, à sua caracterização da disciplina, organização e solidariedade miliciana, aos retratos estruturais dos *fronts* e dos hospitais na retaguarda, e ao comportamento e inexperiência dos militantes nas linhas de defesa.

A divisão efetuada proporciona uma melhor percepção sobre a maturidade reflexiva do autor em torno dos fatos presenciados, isto é, Orwell objetivou deixar o leitor ciente de que muitas das suas considerações sobre a Guerra Civil Espanhola só puderam ser realizadas uma vez distante do conflito, resultando não de impressões iniciais, mas sim do contato com outras informações e discursos. A separação prepara o leitor para duas cronologias: a das sensações imediatas aos fatos, e, portanto, suscetível a incoerências e erros de reflexão; e a da pausa reflexiva e premeditada que busca embasamento para o que antes era narração descritiva. Dessa forma, o leitor reconheceria o que seria a experiência da guerra ainda na Espanha, e essa mesma experiência em solo inglês.

Essa rearticulação de capítulos em apêndices permite ainda ao escritor convencer o leitor da veracidade de seu relato, ao lhe tornar confessor de suas impropriedades políticas e a ausência de uma visão mais ampla do acontecimento, fazendo-o acreditar que ele, enquanto autor, só estaria disposto a se expor dessa forma, se estivesse convicto da necessidade de ser honesto sobre tudo que viu e sentiu. Ao mesmo tempo, a confissão de seus limites lhe permitiu se justificar antes que se germinasse qualquer tipo de crítica a seu relato:

Quando participamos de acontecimentos como esse, estamos, imagino, numa pequena escala, fazendo história e deveríamos, por direito, sentirmo-nos como personagens históricos. Mas nunca é assim, porque, nessas horas, os detalhes físicos sempre contam mais do que todo o resto. Durante as batalhas, nunca fiz a “análise” correta da situação, que foi feita com tanto desembaraço por jornalistas a centenas de quilômetros de distância. O que mais ocupava meus

pensamentos não eram os erros e acertos daquela miserável rusga interna, mas o mero tédio e desconforto de ficar sentado dia e noite naquele telhado insuportável e a fome que ficava cada vez maior.¹⁰³

Não fiz nenhuma das reflexões políticas corretas. Nunca faço quando as coisas estão acontecendo. Parece que isso sempre acontece quando me envolvo em guerra ou política – não tenho consciência de nada, a não ser do desconforto físico e de um desejo profundo de que essa maluquice desgraçada acabe. Posteriormente, consigo perceber a importância dos acontecimentos, mas, enquanto estão ocorrendo, simplesmente quero estar fora deles, um traço ignóbil, talvez.¹⁰⁴

Ao mesmo tempo, ao se justificar Orwell almejava reforçar sua condição de homem do *front*, portanto, possuidor de outras preocupações de cunho imediato, que extrapolam os questionamentos próprios de um escritor de retaguarda, pois, “na guerra de trincheiras, cinco coisas são importantes: lenha, comida, fumo, velas e o inimigo. No inverno, no *front* de Saragoça, elas eram importantes nesta ordem, com o inimigo amargando o último lugar”¹⁰⁵; o que dirá abstrações pelos rumos políticos da guerra? Dessa forma, mesmo pedindo “desculpas”, ele buscou convencer seu leitor do aspecto lógico e legítimo de seu comportamento.

A mudança proposta pelo autor é ainda a expressão de sua tentativa de controlar o tempo da narrativa, no entanto, esse é um quesito que escapa às suas mãos, pois o que determina o tempo da narrativa em *Homenagem à Catalunha*, mais do que a consciência de seu autor, é a experiência retratada por ele: “o protagonista que se alista na milícia do POUM em dezembro não é mais o mesmo, ao fim de seis meses, ao dar baixa ferido, nem seis meses depois, ao escrever em retrospecto”¹⁰⁶. E assim é possível observar um sujeito estrangeiro que chega alheio a maior parte das relações tecidas pelo conflito, e estranho aos comportamentos e costumes, ser transformado pela dinâmica do *front* ao alcançar um entendimento sobre a guerra a partir do cotidiano, para posteriormente alcançar um novo status de mudança ao poder olhar de fora o desenrolar dos fatos.

Para além da composição estrutural da obra, torna-se necessário uma breve discussão sobre o título escolhido para as memórias de Orwell: *Homenagem à Catalunha*, antes da análise do conteúdo que reveste sua experiência de “carne”. Devido as credenciais conseguidas através do ILP, o escritor conseguiu se integrar a uma

¹⁰³ ORWELL, George. **Op., cit.**, p. 140-1.

¹⁰⁴ **Idem.**, p. 184.

¹⁰⁵ **Idem.**, p. 47.

¹⁰⁶ CHALMERS, V. M. **A escrita da Guerra Civil Espanhola por George Orwell.** In: DIOGO, R. C. M., ALBUQUERQUE, A. E. D. de, FIGUEIREDO, D. A e FIRMO, E. B. (org). *Hispanismo 2006 – Literatura Espanhola.* Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius: ABH, 2008, p. 479.

milícia da região da Catalunha, que tinha como centro urbano principal a cidade de Barcelona. Sua vontade inicial era participar do *front* de Madri, onde existia a maior concentração de Brigadas Internacionais, no entanto, as milícias do POUM defendiam junto com os anarquistas o *front* de Saragoça, levando o escritor a conviver com sujeitos não somente de origem catalã, mas com princípios políticos sustentados pela utopia da revolução, que ainda ousavam levantar a voz contra o temor burguês que parecia acometer o governo republicano. Segundo Miquel Berga, Orwell não escolheu esse título como maneira de agradar o governo catalão ou como estratégia de apoio a autonomia política sustentada através da nacionalidade, a Catalunha que Orwell homenageava se desenhava nos rostos dos milicianos com quem ele compartilhou os *fronts* naquele período.

Sin embargo, Orwell prácticamente no se refiere a cuestiones de identidad nacional ni pondera el peso del republicanismo catalanista en el conflicto. El «homenaje», para decepción de nacionalistas catalanes adulados por el título, apunta principalmente a la actitud idealista y fraternal de algunos milicianos catalanes. «Cataluña» se usa como un referente simbólico, una sinécdoque, en la que el todo, en realidad, nos remite a la parte. En mi opinión, lo que quiere sin duda celebrar Orwell en su título es la epifanía política que ha vivido en Cataluña, una revelación ideológica que va a marcar su futura obra literaria. Mi propuesta es leer el título como si contuviera una elipsis: «Homenaje a [los días que viví en] Cataluña».¹⁰⁷

As impressões centrais do escritor em sua descrição se dividem principalmente entre os retratos que pôde observar de Barcelona e a percepção dos milicianos e suas organizações. Por isso, George Orwell não inicia seu livro relatando sobre o processo de saída da Inglaterra, mas sim a partir do momento que se encontra em Barcelona. Sua fala inicial, longe de descrever a sua expectativa de chegada ou os percalços do caminho, se desenha na face de um miliciano italiano que impressiona o escritor por transparecer toda atmosfera que iria presenciar na cidade em seus gestos, expressões e palavras. Ele identifica no rosto terno e bruto do rapaz um indivíduo disposto a morrer, um sujeito que apesar de não ser anarquista, possuía a feição de um, e que representaria na memória de Orwell toda a impressão primeira que ele possuiria sobre o *front*, Barcelona e os milicianos. Uma comoção primeira que marcou o início de sua transformação desde os primeiros momentos de sua chegada, primeiramente em sua própria intenção de uma vez na Espanha tornar-se um correspondente de guerra. Entretanto, apesar de seu desejo jornalístico, Orwell imediatamente se incorporou a

¹⁰⁷ BERGA, Miquel. **Op., cit.**

milícia, abraçando uma nova posição dentro do conflito, ao acreditar que naquele tempo era a única decisão a se tomar. Talvez a atmosfera revolucionária que encontrou em Barcelona tenha o embriagado com a sensação de que poderia, ao lado dos milicianos, ser também o sujeito elaborador daquela ordem. A sensação de autonomia e efetiva participação política que moldavam um quadro de igualdade e liberdade o fizeram aceitar e ansiar uma participação mais profunda, além das letras.

A primeira Barcelona de Orwell era a cidade dos trabalhadores, das coletivizações e expropriações, das bandeiras políticas, da ausência de pronomes servis, apesar da burguesia disfarçada que ele só perceberia mais tarde e de todas as dificuldades ocasionadas pela guerra, como a falta de alimentos, combustíveis, a sujeira; a utopia revolucionária prevalecia como um sentimento coletivo. A pobreza que resulta da guerra não é utilizada por Orwell para descredibilizar o movimento, pelo contrário, a consciência desta como o preço que a população estava decidida a pagar pela revolução, demonstrava os limites a que os trabalhadores estavam dispostos a chegar. Barcelona representava então a concretização de um ideal libertário que mobilizou parte da humanidade, e do qual Orwell gostaria de se integrar: “acima de tudo, havia uma crença na revolução e no futuro, um sentimento de ter-se subitamente emergido numa era de igualdade e liberdade. Os seres humanos estavam tentando se comportar como seres humanos e não como dentes da engrenagem capitalista”¹⁰⁸.

Alistado como miliciano, Orwell se surpreendeu com o que considerava um extremo de desorganização das milícias, no que a princípio ele entendia somente como fruto de seus processos de formação. As milícias surgiram não como iniciativas governamentais, mas como resultado das organizações efetuadas pelos sindicatos espanhóis diante do golpe falangista em julho de 1936. As milícias eram estruturas autônomas que, segundo Abel Paz, se organizavam a partir da vontade de seus voluntários que:

discutían entre sí sobre la mejor manera de organizarse, porque no se quería resucitar ni el espíritu militarista ni la jerarquía de mando. Y fue de esas conversaciones entre los futuros combatientes que apareció la estructura y organización de las milicias, que se conservaría hasta la militarización general en marzo de 1937. La organización ideada era simple: diez hombres constituirían un grupo que nombraría un delegado; diez grupos formarían una centuria que elegiría a su vez su delegado de centuria; y cinco centurias formarían

¹⁰⁸ ORWELL, George. **Op., cit.**, p.30.

una Agrupación a cuya cabeza se situaría a un responsable que, junto con los delegados de centurias, formaría el Comité de Agrupación.¹⁰⁹

Criadas *a priori* pelas organizações anarquistas, tinham por objetivo não somente barrar as forças nacionalistas, mas também garantir o processo revolucionário iniciado pelos trabalhadores, em sua maioria.

O fato de não terem se formado a partir dos quadros policiais ou militares espanhóis, permitiu às milícias construir sua própria noção de organização armada. A ausência de hierarquias e patentes com distinções salariais surpreendeu George Orwell, que formado a partir de uma educação com ecos militares desconfiava da fiabilidade de tal organismo. Somado a uma realidade militar própria que aceitava em suas fileiras sujeitos inexperientes desde meninos de quinze anos até o amador corneteiro, as milícias preocuparam Orwell no tocante a falta de boas armas, um treinamento eficiente mesmo que rápido, e materiais simples como fardamentos¹¹⁰. Para o escritor era inacreditável que aqueles sujeitos se dispusessem a ir para o *front* carregando de melhor somente suas próprias convicções.

A organização das milícias tornou-se tema recorrente do relato de Orwell, fazendo com que o escritor questionasse sua própria noção de disciplina, e conseqüentemente rebatesse as críticas que caíram como avalanches sobre as milícias e seu caráter revolucionário:

Mais tarde, virou moda execrar as milícias e, portanto, fingir que as falhas devidas à falta de treinamento e armas fossem resultado do sistema igualitário. De fato, um destacamento de milícia recém-formado era uma corja indisciplinada, não porque os oficiais chamassem os soldados rasos de “camaradas”, mas porque tropas inexperientes são sempre uma corja indisciplinada. Na prática, o tipo democrático de disciplina “revolucionária” é mais confiável do que se pode esperar. É baseado na lealdade de classe, enquanto a disciplina de um exército conscrito burguês se baseia, em última instância, no medo. (...) A disciplina “revolucionária” depende da consciência política – de um entendimento a respeito do porquê das ordens deverem ser obedecidas; leva tempo para difundir isso, mas também leva tempo para treinar um homem na praça do quartel até se tornar um autômato.¹¹¹

¹⁰⁹ PAZ, Abel. **Durruti y la revolución**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/paz.htm> Acesso em: 17 de mar de 2013.

¹¹⁰ Sobre a qualidade das armas, falta de materiais e a inexperiência dos milicianos consultar páginas 43, 44, 45, 50, 51 e 60 de *Lutando na Espanha*.

¹¹¹ ORWELL, George. **Op., cit.**, p. 52-3.

A reflexão acima imposta a Orwell pelo dia-a-dia no *front* é bastante semelhante a defendida por Buenaventura Durruti, anarquista conhecido por liderar uma das maiores colunas milicianas:

Fala-se muito em disciplina, mas são poucos os que acertam o centro do problema. Ter disciplina nada mais significa para mim senão respeitar a sua responsabilidade como também a dos outros. Sou contra a disciplina de quartel: ela leva apenas à brutalidade, ao ódio e ao funcionamento mecânico, sem a mínima conscientização. Mas tampouco falo aqui a favor de uma liberdade que não passa de um mal-entendido, como a liberdade de que os covardes fazem uso única e exclusivamente para facilitar suas vidas. Na nossa organização há uma perfeita compreensão do que seja disciplina. Devemos agradecer a ela o fato de os anarquistas respeitarem as decisões dos companheiros que receberam o voto de confiança.¹¹²

A concepção que se desenha em Orwell sobre a disciplina nas milícias de maioria anarquista na Catalunha, permite que seu relato se contraponha a uma grande parte da historiografia tradicional produzida fora da Espanha sobre a Guerra Civil Espanhola que minimizou a participação anarquista no conflito, atribuindo-lhes qualitativos como incontrolados, primitivos, imaturos, visionários, fanáticos, entre outros¹¹³. Para Michel Suárez, a existência desse viés historiográfico resulta de uma ignorância deliberada em não considerar a estreita relação do anarquismo com uma tradição de autonomia e democracia radical, concentrando seus argumentos na condenação fácil de suas ingenuidades teóricas e no clamor, por vezes violentos, de suas ações diretas; ao colocarem o foco na superfície do que parece ser o movimento, os historiadores ocultavam uma rica cultura popular de resistência¹¹⁴.

Apesar do anarquismo não possuir grandes compêndios teóricos sobre a destruição do Estado ou o surgimento de uma sociedade sem classes, sua atuação na Espanha foi injustamente animalizada e roubada de sua própria consciência política, apagando assim uma história de décadas de formação política conjuntamente aos camponeses e trabalhadores urbanos catalães. Segundo Ivan Rodrigues, apesar da ausência de um estudo de maior fôlego dos anarquistas, há ao mesmo tempo uma grande diversidade de ensaios e textos panfletários que buscam dimensionar os

¹¹² DURRUTI, Buenaventura. Apud: ENZENSBERGER, H. M. **O curto verão da anarquia:** Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola. Companhia das Letras, 1987, p. 260-1.

¹¹³ Um texto clássico nesse sentido pertence a Eric Hobsbawm em seu livro *Rebeldes primitivos*, que chega insinuar que a morte de Buenaventura Durruti foi organizada por um de seus próprios companheiros que não conseguiam lidar com a disciplina presente em sua coluna.

¹¹⁴ SUÁREZ, Michel. **Considerações críticas sobre a Revolução Espanhola (1936 – 1937)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012, p. 47.

princípios anarquistas, e acabam por gerar uma grande variedade de interpretações sobre os mesmos: “vários estudiosos das teorias anarquistas apontam essa diversidade como produto do caráter libertário dessa filosofia. Postula-se que o pensamento anarquista, assim como a ciência, está em permanente transformação. Nenhum teórico anarquista previu o futuro político ou econômico das sociedades, nem fez projeções de estruturas sociais”¹¹⁵. Essa heterogeneidade anarquista não foi estranha a Orwell que ao tentar explicar o ponto de vista do movimento durante a guerra, sentiu dificuldades em trazer à tona uma discussão sobre seus princípios, que enxergava como vagos. “O ponto de vista anarquista é mais difícil de ser definido. Em todo caso, o vago termo “anarquistas” é empregado para cobrir uma multidão de pessoas de opiniões muito divergentes”¹¹⁶.

Atrelado ao argumento sobre a falta de organização que serve à historiografia que busca silenciar o alcance da influência anarquista na Espanha está a proposição de que o processo revolucionário iniciado em 1936 foi fruto de um caráter espontâneo simplista, alheio à necessidade de concretização dos anseios de transformação que moviam a classe trabalhadora espanhola. Orwell em nenhum momento de seu relato enxerga as coletivizações ou a equidade dos salários como produtos espontâneos, resultados de uma confluência de fatores que simplesmente escapam as mãos dos sujeitos históricos. Pelo contrário, para o escritor o que aconteceu em Barcelona só pode se concretizar devido à existência de uma apurada consciência política por parte dos trabalhadores:

As milícias dos trabalhadores, baseadas nos sindicatos e cada uma composta por pessoas com aproximadamente as mesmas opiniões políticas, tiveram o efeito de canalizar para um só lugar todos os sentimentos mais revolucionários do país. Eu tinha caído mais ou menos por acaso, na única comunidade da Europa ocidental em que era muito mais comum se ter consciência política e descreer no capitalismo do que o contrário.¹¹⁷

Mompó , ao debater a espontaneidade na revolução, apesar de considerar as dificuldades relacionadas ao tema, compreende tal fenômeno como a capacidade dos trabalhadores de criarem organismos políticos e econômicos do *nada*, o que revela ao mesmo tempo o nível de suas consciências, e suas *ingenuidades* por desconsiderarem uma

¹¹⁵ RODRIGUES, Ivan. **Op., cit.**, p. 19.

¹¹⁶ ORWELL, George. **Op., cit.**, p. 218.

¹¹⁷ ORWELL, Geroge. **Op., cit.**, p. 105.

direção para suas estruturas, facilitando assim a *derrota* da revolução ¹¹⁸. Todavia o que o texto de Orwell demonstra é que a espontaneidade por trás da suposta indisciplina não é um mero impulso ou comportamento indefinido, mas antes um conjunto de sentimentos e pensamentos, que se formam livres de constrangimentos, em favorecimento de uma nova sociedade construída sem intermediários e de forma igualitária pela coletividade. A “indisciplina” que Orwell revê e divulga aparece em seu texto como fruto de um longo processo de conscientização e autodisciplina.

O horizonte social anarquista consiste em uma sociedade sem classes e propriedade privada, no sentido econômico, e sem poderes constituídos, no político. O anarquista anseia pela transformação de homens e mulheres em sujeitos capazes de tomarem suas próprias decisões e escolherem como construir os seus futuros, nesse sentido, uma lógica organizativa que se reproduz nos moldes capitalistas não serve como base para a construção de uma nova sociedade. Além disso, retratar o movimento anarquista, solidário às milícias do POUM, simplesmente como emotivos e desorganizados é deliberadamente jogar para o tapete a história de várias iniciativas articuladas durante a guerra, expressas não somente em publicações textuais, como também em criação de diversas associações ¹¹⁹. Apesar então de todas as dificuldades do *front* e a inexperiência com as armas, é uma decisão consciente organizar a coletividade através da autonomia dos sujeitos pertencentes a ela. E é essa percepção de uma transformação interna das pessoas que supostamente estariam vivendo como em uma sociedade sem classes ¹²⁰, que George Orwell utilizou para demarcar uma mudança de consciência da sua parte, uma constatação da existência de um socialismo genuíno.

Ao situar a importância histórica dos anarquistas para o conflito, Orwell se colocou em oposição a um discurso que atribui o fracasso da guerra aos anarquistas e poumistas ou caracterizam suas atuações como românticas e fugazes: “durante os dois primeiros meses da guerra, foram os anarquistas, mais do que todos, que salvaram a

¹¹⁸ MOMPÓ, Enrique. **A espontaneidade na revolução espanhola**. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/02momp.html> Acesso em: 03 de out de 2010.

¹¹⁹ É possível identificar textos propositivos sobre a organização social durante o processo revolucionário de cunho anarquista sendo publicados e distribuídos no período, mesmo que em pequena escala, como o texto *Organismo Econômico da Revolução – A autogestão na Revolução Espanhola*, por Diego Abad de Santillán. Quanto a associações anarquistas de expressiva atuação, é importante considerar a atuação do coletivo *Mujeres Libres*, que chegou a possuir 153 agrupamentos locais entre 1937 e 1938, cujos objetivos eram a luta pela autonomia feminina e a emancipação dos dois sexos. O *Mujeres Libres* atuavam com a produção de periódicos, espaços formadores, incluindo escolas, e os laboratórios de prostituição.

¹²⁰ **Op., cit.**, p. 105-6.

situação, e muito mais tarde, a milícia anarquista, apesar de toda a indisciplina, tinha reconhecidamente os melhores combatentes entre as forças unicamente espanholas”¹²¹. Discurso bem alinhado com de Joaquín Maurín, uma das lideranças poumistas, que segundo Gutiérrez-Álvarez:

ofrece una versión mucho más política y matizada del "arraigo del anarquismo en España", afirmando que los anarquistas comprendieron mucho mejor que los "marxistas" el carácter radical de la cuestión agraria en el Sur, la naturaleza de vanguardia obrera de Barcelona frente al Madrid burocrático, fueron propagandistas mucho más capacitados, tuvieron una actitud más receptiva hacia los intelectuales radicales y hacia ciertas características del pueblo español, supieron responder a la violencia institucional (Durruti) y actuar en la clandestinidad, poseyeron también más brío e imaginación que los socialistas liderados por el “estrecho” Pablo Iglesias.¹²²

Concomitantemente, se a experiência do *front* redimensiona a concepção que Orwell possuía do socialismo, vendo na experiência espanhola algo muito diverso do que presenciava através do movimento trabalhista na Inglaterra, fazendo-o se colocar em termos solidários aos anarquistas, textualmente seu relato serve de antessala para os acontecimentos de maio em Barcelona, no seu compromisso de descrição. Após três meses no *front*, o escritor retornou a Barcelona, e foi como se estivesse em uma cidade completamente diferente da que conheceu em dezembro de 1936. Para esta nova cidade, ele se apresentou um homem modificado: talhado pelo *front* experimentado no inverno, por uma guerra de pouco movimento, mas nem por isso menos tensa e frustrante; modificado pelo desconforto, falta de água, muita sujeira; pela desconfiança com as armas recebidas; pelo comportamento diferenciado dos milicianos, que enxergavam o outro espanhol na linha fascista como o homem a ser recuperado e tentam convencê-lo de que luta do lado errado. Orwell aprendeu a ser um miliciano, porque a guerra civil em Barcelona queria mais do que um bom soldado.

Em fins de abril de 1937, Orwell descreveu um retrato completamente diferente da cidade revolucionária que conheceu ao chegar à Espanha. A Barcelona que o havia contagiado e recebido, ignorava-lhe pelo seu estado e pelas insígnias que trazia de onde vinha, o *front*. A atmosfera revolucionária se desvanecia, e as diferenças antes inobserváveis saltavam aos olhos mesmo entre os mais míopes: desfiles burgueses em cafés de garçons servis, pessoas indo à praia como se alguns quilômetros de distância

¹²¹ **Op., cit.**, p. 219.

¹²² GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **La cuestión anarquista en la revolución española**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/gutierrez51.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

não houvesse uma batalha sendo travada, e o desinteresse geral pelo conflito, mesmo diante de grandes filas por comida nas periferias, cujos moradores se reduziam a expectativa de término. No Exército Popular se introduzia elementos hierárquicos antes evitados, cargos e diferenciações salariais passariam a ser ostentados como distinções, onde antes tal atitude era seguramente rechaçada. Enquanto os milicianos apostavam suas vidas, a imprensa ligada a República os menosprezavam por sua “indisciplina”, mas se apropriavam de suas vitórias como se essas pertencessem ao Exército.

Barcelona passara por uma mudança “abrupta”, “assustadora”, “estrangeira”, “extraordinária”, segundo Orwell. As organizações criadas pelos revolucionários em 1936 sofriam a desagregação elaborada pela República, que seguia orientações do *Komintern*; as patrulhas dos trabalhadores passaram a ser consideradas inapropriadas, as coletivizações sofriam com a má propaganda da República, e o discurso que defendia a incorporação das milícias ao Exército destruía a importância autônoma que possuíam. E apesar de toda a tensão descrita pelo escritor, sua ignorância advinda do *front* ainda o mantém alheio ao que poderia acontecer, levando-o a desejar ardentemente um descanso nas praias espanholas: “enquanto isso, queria descansar. Tinha até uma ideia de que nós – eu e minha esposa – poderíamos passar dois ou três dias na praia. Que ideia! A atmosfera política deveria ter me advertido de que este não era o tipo de coisa que se podia fazer naquela época”¹²³.

Assim, considera ainda a possibilidade de ir à Madri, local onde aconteciam inúmeras batalhas, devido ao valor simbólico que as tropas de Franco davam a tomada da capital do governo, e que os combatentes republicanos reconheciam. A cidade sofreu várias investidas e bombardeios, umas das principais em novembro de 36 e em fevereiro de 37. Lá estavam as Brigadas Internacionais propagandeadas com fervor dentro e fora da Espanha como as protagonistas da luta, defensoras de Madri, como se proteger a cidade fosse salvaguardar todo o país. Orwell acreditava que na capital poderia escapar a frustração nascente da falta de embates e da rotina ocasionada por uma guerra estacionária no *front* em que estava. No entanto, decidiu permanecer em Barcelona, e seu primeiro pensamento sobre o que acontecia na cidade considerava a situação “simples e compreensível”: “tratava-se do antagonismo entre aqueles que desejavam que a revolução continuasse e os que desejavam reprimi-la ou evitá-la – em última

¹²³ ORWELL, George. **Op., cit.**, p.118.

análise, entre anarquistas e comunistas”¹²⁴; assim ignorava a priori os efeitos da não intervenção dos governos capitalistas e a complexidade da atuação da URSS que pressionava o governo republicano.

No dia 03 de maio, inicia-se na cidade uma confusão em torno da Barcelona Telephone Exchange. Descrita como boato, sem saber ao certo sobre a veracidade das informações, Orwell foi advertido sobre uma perseguição efetuada pela Guarda de Assalto a alguns membros da CNT que se refugiaram na Telefonia coletivizada e controlada pelo sindicato. O escritor neste momento de sua narração expôs a dificuldade de saber o que acontecia e os motivos para as barricadas, somente sabia que sua solidariedade estava com os trabalhadores e não com a polícia. O POUM seguiu as orientações de se manter na defensiva e não iniciar um conflito aberto, no entanto, seus membros estavam a postos em solidariedade aos anarquistas, esperando o cessar do embate, diante do argumento de que a divisão de forças internas daria a vitória para Franco¹²⁵. Naquele momento, os burburinhos minimizavam os acontecimentos nas ruas, transformando-os em um acerto de contas entre a CNT e a polícia¹²⁶, modelado através de um espírito de conflitos de gangues; e Orwell se sentiu novamente como no *front*: “não estava em perigo, não sofria com nada além de fome e tédio, ainda assim, foi um dos períodos mais insuportáveis de toda minha vida”¹²⁷.

A saída voluntária dos anarquistas, a chegada das tropas valencianas à cidade, melhor vestidas e armadas, e o início de uma propaganda que explicava a ocupação da telefonia como um levante de anarquistas auxiliados pelos poumistas, fez Orwell considerar o jogo de poderes que assistia em Barcelona, mas ainda sem grandes preocupações. E apesar de considerar as futuras represálias que seriam realizadas pelo governo, das mentiras que a imprensa começava a acumular e do clima de suspeita que se abatia sobre as pessoas, Orwell só pensava em descansar: “tudo que eu sentia era um alívio profundo, porque o alarido diabólico do tiroteio tinha terminado e porque podia comprar alguma comida e ter um pouco de paz e de descanso antes de voltar ao *front*”¹²⁸. Antes de retornar ao *front*, apesar da falta de coragem para encarar a nova transformação pela qual passava Barcelona, Orwell pintou seu terceiro retrato,

¹²⁴ **Ibidem**, p. 119.

¹²⁵ Discurso aceito por representantes anarquistas que ocupavam cargos no governo e dentro da CNT e algumas lideranças do POUM, em meio à confusão do acontecimento.

¹²⁶ **Ibidem**, p. 137.

¹²⁷ **Ibidem**, p. 131.

¹²⁸ **Ibidem**, p. 143.

finalizado somente ao retornar à cidade cerca de 10 dias depois com um ferimento no pescoço: “ninguém que esteve em Barcelona então, ou durante os meses seguintes, esquecerá a atmosfera horrível produzida pelo medo, a suspeita, o ódio, os jornais censurados, as cadeias entupidas, as imensas filas de comida e os bandos de homens armados circulando”¹²⁹.

Quando retornou ferido, e percebeu que a situação havia se agravado com uma implementação organizada de uma política de perseguição aos anarquistas e poumistas acusados de minarem a luta por dentro e por suas associações trotskistas, George Orwell conjuntamente com sua esposa Eileen decidiram voltar para a Inglaterra. A partir deste momento da narrativa, Orwell descreveu suas estratégias para evitar a prisão, os trâmites necessários para sua saída do país, sua tentativa de auxiliar a libertação de Georges Kopps, liderança poumista da milícia que Orwell fez parte, o processo de ilegalidade do POUM e a prisão de Andrés Nin: eventos temperados pela suspeita, medo, ódio e incertezas que habitavam Barcelona. Deixou a Espanha aliviado por conseguir sair sem sofrer nenhum tipo de detenção, apesar de travestido de burguês em nome de sua própria segurança, sentiu-se também frustrado quanto a sua participação que considerou limitada, e em determinados pontos cega, frente aos fatos, entendendo inicialmente o que aconteceu naqueles meses como uma guerra confusa¹³⁰.

O fato de ter se alistado no POUM propiciou ao escritor a oportunidade de ver o *front* de perto, e poder descrevê-lo aos seus próprios olhos. Nesse sentido, a experiência por ele retratada acabou por fugir da oficialidade das notícias de retaguarda alardeadas pelos grupos ligados a República e ao *Komintern*, não só dentro como também fora da Espanha.

Apêndices: construindo uma explicação sobre os fatos

Muitos dos acontecimentos retratados nos capítulos de narração, como a tomada da Telefonia, o processo de perseguição ao POUM e o papel da imprensa nesse processo, mereceram uma atenção especial do autor dedicada em dois apêndices, originalmente capítulos da primeira edição. Para além da argumentação já exposta

¹²⁹ **Ibidem**, p. 149.

¹³⁰ **Ibidem**, p. 175.

anteriormente, o presente texto crê que a decisão do autor se insere em um movimento intelectual que, depois de findado o conflito, passa por um processo de justificação, explicação, (des)culpabilização, e denúncias da Guerra Civil Espanhola. Segundo Daniela Lima, “o desfecho da tragédia espanhola determina a abordagem dos escritores na concepção de suas obras, marcada agora por um tom que se dilui entre um realismo objetivo e um pessimismo que reflete frustrações e incertezas quanto ao futuro imediato”¹³¹.

George Orwell inicia sua reflexão sobre os acontecimentos que presenciou na Espanha, caracterizando a Guerra Civil, principalmente, como uma guerra política. A partir desta linha de raciocínio, o escritor objetivava situar o leitor dentro da diversidade ideológica que compunha a frente que lutava contra Franco, e que possuía pautas prioritárias no contexto da guerra. Como estratégia de argumentação repassou aspectos iniciais da guerra, discorrendo sobre a autonomia dos trabalhadores liderados por anarquistas ao escolher pegar em armas não somente contra o fascismo, mas também em nome da revolução social. Ao apresentar esta informação, Orwell, que escrevia para os ingleses, parecia querer desconstruir a noção divulgada com habilidade pela imprensa inglesa que o confronto que acontecia na Espanha era exclusivamente um embate entre o fascismo e as forças republicanas. Ideia que ele compartilhava, antes de experienciar a guerra no *front*. Se em seus capítulos, o escritor iniciou seu relato a partir de sua chegada à Espanha, no início de seu primeiro apêndice¹³², ele optou por situar a visibilidade dada ao que acontecia em território espanhol na Inglaterra, avaliando o papel da imprensa de seu país atrelando-a à democracia capitalista que defendia seus investimentos estrangeiros em Barcelona. Não servia aos interesses capitalistas britânicos uma imprensa que propagandeara outra revolução em curso na Europa; segundo Orwell, “se a revolução fosse adiante, haveria muito pouca ou nenhuma compensação; se a república capitalista prevalecesse, os investimentos estrangeiros estariam a salvo”¹³³.

Ao longo dos dois apêndices que compõem seu texto, Orwell sempre retorna ao papel do jornalismo na narrativa da guerra espanhola. Adepta de princípios conservadores, simpática à tomada de controle pelo Partido Comunista, que buscava

¹³¹ SOARES, Daniela de Lima. **Anarquistas na Guerra Civil Espanhola**: uma abordagem através das obras literárias de Ernest Hemingway e André Malraux. Rio Grande do Sul: Monografia, UFRS, 2010.

¹³² Na primeira edição corresponderia ao capítulo 5.

¹³³ ORWELL, George. **Op., cit.**, p.209.

reorganizar a sociedade espanhola no modelo democrático burguês, a imprensa britânica possuiu um papel decisivo, segundo o autor, em minimizar a luta ao traduzi-la unicamente como antifascista, e, portanto, diminuindo a identificação que os trabalhadores ingleses poderiam ter com os espanhóis que lutavam pela revolução. Posteriormente, após os acontecimentos de maio em Barcelona, Orwell denuncia os jornais ingleses em seu coro às notícias divulgadas pela União Soviética, sem se preocupar com as incongruências no caráter de suas notícias, ora culpando os anarquistas pelo levante e alta traição à república, ora transformando o POUM no vilão, até chegar ao meio termo em que ambos os grupos se tornam uma mesma coisa.

Segundo Beevor, na Grã-Bretanha, a República foi apoiada pelos jornais *News Chronicle* e pelo *Manchester Guardian*; o *The Times* e o *Telegraph* assumiram uma posição de neutralidade frente ao conflito; e o *Observer*, o *Daily Mail* e todos os outros simpatizaram-se com o levante. Suas reportagens, independente dos grupos que apoiavam, sofriam vários tipos de censura e pressão que moldavam seus conteúdos: “iam dos comunicados com tendência propagandística dos encarregados das relações públicas do governo e da censura republicana até os preconceitos políticos ou comerciais do editor”¹³⁴. Em *Homenagem à Catalunha*, os jornais que Orwell mais contestou foram o francês *Inprecor* e o britânico *Daily Worker*, ambos ligados ao *Komintern*.

A percepção de uma falta de ética e compromisso com a verdade da imprensa inglesa, peça de xadrez importante do jogo político, gerou, em Orwell, um estado de ânimo melancólico e descrente sobre aqueles que escreviam: eram sujeitos que nada viram, e somente repetiram as notícias que lhes eram convenientes, pessoas que em sua concepção nunca conheceram um *front* de batalha e andavam sorrateiros na retaguarda¹³⁵; e que talvez por isso não tivessem o direito de escrever. Ao ir além do conteúdo exposto pela imprensa, ao classificar o perfil de quem publica, Orwell de alguma forma estaria se atribuindo uma maior legitimidade na escrita, afinal ele conhecia o *front*, e não poderia deliberadamente ignorar a origem dos fatos.

Para se entender o que aconteceu na Espanha, além de se estar atento ao discurso conservador e à manipulação de informação pela imprensa, Orwell construiu sua compreensão pessoal dos grupos que participavam das disputas políticas internas na Catalunha. O primeiro passo foi admitir a visão reducionista que possuía das minúcias

¹³⁴ **Op., cit.**, p. 349-50.

¹³⁵ **Ibidem**, p. 223.

políticas ao compreender o socialismo como uma voz unívoca opositora do fascismo; o segundo foi entender que havia bem mais em jogo do que a derrota do fascismo, havia também os rumos da revolução. Após isso, Orwell tentou delinear os grupos políticos com influência em Barcelona, considerando como relevantes três partidos ou grupos políticos: CNT-FAI, POUM e PSUC.

O PSUC (Partit Socialista Unificat de Catalunya) foi caracterizado como um partido formado por trabalhadores, pela classe média, e pela pequena burguesia, alinhado com o comunismo soviético, cujo principal argumento era a necessidade de ganhar a guerra parando a revolução. O POUM como oposição stalinista, não necessariamente trotskista, que argumentava sobre a indissolubilidade da guerra e da revolução, e, que, portanto, para se vencer Franco era necessário manter os trabalhadores no controle, pois só a revolução podia se contrapor ao fascismo, e não a democracia burguesa defendida pelo PSUC. A CNT-FAI foi definido como um grupo bastante heterogêneo, difícil de enquadramentos teóricos, que compartilhava do mesmo argumento do POUM, mas que em conjunto Orwell considerava menos dogmático, talvez tendo em vista a participação de alguns anarquistas no governo em determinado momento da Guerra e suas intervenções nos confrontos de maio, convencidos da validade da luta antifascista ser prioritária. Em suma, para Orwell o alinhamento de forças consistia em: “de um lado a CNT-FAI, o POUM e um setor dos socialistas, a favor do controle dos trabalhadores; do outro, os socialistas de direita, os liberais e os comunistas, a favor de um governo centralizado e de um exército militarizado”¹³⁶.

Apesar de estar correto quanto à diversidade ideológica e política da guerra, retratá-la somente por esse viés dá conta de uma única ponta do processo. Embora Orwell tivesse exposto o dilema da revolução, corre-se o risco de pensá-la somente nos termos de Estado e formas de governo, quando a preocupação dos revolucionários era a manutenção das organizações sociais por eles elaboradas em julho de 1936, resultados das coletivizações. Entretanto, é de se pressupor que para ele o aspecto partidário tenha prevalecido de forma mais forte, porque enquanto militante do POUM fora perseguido devido a sua condição política e não social.

George Orwell compreendia que no plano político não bastava considerar os grupos políticos espanhóis, era preciso inserir o contexto espanhol no plano global compartilhado por diversas nações, entre elas aquelas que aderiram ao pacto de não

¹³⁶ **Ibidem**, p. 219.

intervenção e a URSS. No caso da Inglaterra mais especificamente, a negativa de apoio ao governo espanhol não surpreendeu o escritor. Já em *A caminho de Wigan* (1937), na segunda parte de seu livro, ele registrou sobre a impossibilidade dos governos capitalistas em serem sérias oposições ao fascismo, dedicando-lhe mais simpatia do que conseguiam com o socialismo que expressava suas próprias ruínas. Assim,

Os governos capitalistas-imperialistas, embora eles próprios estejam na iminência de serem tomados, não lutarão com nenhuma convicção contra o fascismo enquanto tal. Nossos governantes, ou, entre eles, os que entendem a questão, provavelmente preferiram entregar cada centímetro quadrado do Império Britânico à Itália, à Alemanha ou ao Japão a ver triunfar o socialismo.¹³⁷

Se não era do interesse da Inglaterra intervir na Espanha, para a União Soviética, pressionada a se posicionar¹³⁸, era necessário frear o curso dos acontecimentos de horizonte revolucionário, e reestruturar o governo republicano espanhol. Sem oficializar sua “colaboração” elaborava diretrizes que eram reproduzidas na Espanha pelo PSUC e PCE. As críticas de Orwell a URSS são bem contundentes, a ponto de Orwell culpar os comunistas orientados pelo partido russo pelo fracasso da revolução usando como escudo o discurso do antifascismo. Nesse sentido, para o escritor as atitudes perpetradas pelo comunismo soviético só podiam ser entendidas como parte de um esquema antirrevolucionário¹³⁹, que se revestia em um discurso legitimador de defesa da democracia, se concretizando em uma aliança com a burguesia, uma reorganização da força militar com o desarmamento das milícias, o retorno da polícia e a falta de envio de armas e suprimentos aos *fronts* milicianos.

Segundo Vera Maria Chalmers, a exposição e denúncia da URSS feitas por Orwell sofreram com a política de silenciamento de Stálin: “o silêncio em torno da edição do livro e sua discreta recepção, apesar da reedição de 1951, marcam o êxito da linha política externa do estalinismo de defesa do comunismo soviético contra o avanço do nazi-fascismo e o apagamento da memória da frustrada revolução espanhola”¹⁴⁰. Em termos pragmáticos, tal política se expressou nas sucessivas recusas de publicação, justificadas pelos editores devido ao teor crítico do texto que poderia negativizar a

¹³⁷ ORWELL, George. *A caminho de Wigan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 209.

¹³⁸ Segundo Beever, Trotsky ao acusar Stálin de trair a revolução na Espanha e ajudar os fascistas, teria sido o estímulo para que a URSS mandasse ajuda ao governo republicano, “mas nunca o bastante para que a República vencesse”. *Op., cit.*, p. 214.

¹³⁹ ORWELL, George. *Lutando..., op., cit.*, p. 214.

¹⁴⁰ CHALMERS, Vera Maria. *Op., cit.*, p. 478.

imagem da república que lutava contra o fascismo de Franco; e, posteriormente, nas mínimas vendas do título¹⁴¹, jogado no limbo das prateleiras empoeiradas das livrarias.

No segundo apêndice¹⁴², George Orwell se dedicou a avaliar criticamente os acontecimentos de maio em Barcelona, concebendo-os como representação máxima da influência comunista no conflito espanhol. Sua experiência transformada em testemunho sofreu críticas superficiais de Pierre Vilar, historiador simpatizante ao Partido Comunista, que utilizando as contradições no seio anarquista, entendeu os conflitos de maio como uma atitude de insurreição, e não como uma iniciativa reacionária do governo:

Los “hechos de mayo” han inspirado toda una literatura. Frecuentemente a partir del relato de Orwell, el testigo más despistado del combate más confuso. Esta “Agonía de la revolución” há hecho llorar mucho en las universidades americanas. Pero en aquellos momentos mismos, los informes de Marianet Vázquez a la CNT y de Andréu Nin a la POUM dicen cuidadosamente que la insurrección era absurda, puesto que la atribuyen a una provocación y se felicitan de haberla detenido. En Aragón, los jefes de las milicias cenetistas y poumistas estuvieron tentados de marchar sobre Barcelona, pero no se atrevieron a desguarnecer el frente evidencia de la contradicción entre la revolución y la guerra.¹⁴³

Para o escritor inglês, na contramão do que as imprensas internacionais divulgavam, o que havia acontecido em Barcelona naquele mês não se configurava em um levante fascista planejado contra a República. Mais do que uma estratégia para enfraquecer um governo republicano, as barricadas de maio funcionaram como uma catarse para o estado de tensão que se espalhou pela cidade naquele período, e que já se extravazava em pequenos conflitos de rua e assassinatos individuais; além disso, a ação de anarquistas e poumistas após iniciada luta possuía mais caráter defensivo do que ofensivo. Segundo Pierre Broué,

The leaders of the CNT maintained their policy of pacification, while at the same time they defended the militants, who, they said, were the victims of an act of aggression and of provocation. The same evening, 3 May, there was a meeting of the leaders of the CNT, the POUM and their youth organisations. One of the POUM leaders, Gorkin, declared:

¹⁴¹ Dos cerca de 1500 exemplares impressos, somente 900 foram vendidos. O restante perdurou nas estantes das livrarias, até o lançamento da segunda edição mais de dez anos depois.

¹⁴² No texto original, este apêndice seria o equivalente ao capítulo 10.

¹⁴³ VILAR, Pierre. **La guerra civil española**. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1986, p. 101.

“Either we place ourselves at the head of this movement to destroy the enemy within, or the movement will collapse, and this enemy will destroy us.” No one denies that the situation was favourable for liquidating the undertaking and the forces of the PSUC. However, despite the enthusiasm of its youth section (Young Libertarians), the CNT maintained its waiting stance of ‘protestation’, and the POUM did not want to be isolated from it.”¹⁴⁴

No entanto, o embate urbano fora utilizado pela mídia para descredibilizar anarquistas e poumistas que defendiam a revolução, e justificar a posterior atuação governamental de cassação do POUM, do desmantelamento das milícias e do controle das organizações coletivizadas; ações articuladas pelo comunismo soviético.

Segundo González, mais do que a expressão de rivalidades internas, as barricadas de maio representavam a falência do antifascismo criado dentro do clima revolucionário, e que o governo objetivava inserir dentro de sua nova ordem política: “la crisis de mayo no es sino el resultado de la crisis del antifascismo, es decir, del frentepopulismo adaptado a las condiciones de guerra y revolución, y a las dificultades que éste encontró para convertirse en el fundamento teórico del nuevo orden político que se quiso implantar”¹⁴⁵.

Orwell se posicionou politicamente em favor ao Partido Obrero, contestando o que a imprensa comunista divulgava sobre o partido. Para isso, desconstruiu a argumentação de jornalistas que retrataram o POUM como a quinta-coluna de Franco na Espanha baseado nos seguintes aspectos: 1- o partido não possuía influência para organizar um levante em Barcelona, possuía poucos membros, e quase nenhuma base sindical; 2 – não houve indícios de entrada de alemães ou italianos para reforçar o plano de tomada de controle pelo POUM; 3 – não existiu nenhuma tentativa de sabotagem no *front* ou em Lérida, local de maior influência do POUM¹⁴⁶. Além de contestar a alcunha de trotskista dada ao partido, que apesar de ter possuído membros que em um dado momento seguiam as orientações do russo, mas que há muito, desde sua formação, já haviam cortado relações com Trotsky; para tal, Orwell coleta os inúmeros significados atribuídos ao termo, entre eles a de que um trotskista nada mais é que um fascista, sentido que ganhou forte aceitação e eco a partir da guerra civil, através da perseguição ao POUM.

¹⁴⁴ BROUÉ, Pierre. **The ‘May Days’ of 1937 in Barcelona**. Disponível em: <http://www.marxists.org/history/etol/document/spain/spain04.htm> Acesso em: 15 de out de 2010.

¹⁴⁵ GONZÁLEZ, Josep Antoni Pozo. **Mayo 1937: ¿rivalidad política o crisis del antifascismo?**. Disponível em: <http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=5080> Acesso em: 05 de mai de 2013.

¹⁴⁶ ORWELL, George. **Op., cit.**, p. 241.

A experiência que obteve enquanto fazia parte das milícias do POUM serviu para Orwell repensar sua concepção de socialismo e seu próprio trabalho como escritor. O socialismo que Orwell encontrou na Espanha era vivenciado cotidianamente pelo coletivo de homens e mulheres, sem as burocracias partidárias que observava na Inglaterra, em que maioria das lideranças ditas socialistas em sua concepção não viviam ou experimentavam o cotidiano de um trabalhador. Deparar-se com o contexto espanhol fê-lo então satisfeito por não ter obtido as credenciais comunistas:

Vi coisas maravilhosas e, afinal, realmente acredito no socialismo, coisa que nunca fiz antes. Em geral, embora sinta não ter visto Madri, estou contente de ter ficado num *front* comparativamente pouco conhecido, entre anarquistas e gente do POUM, em vez da Brigada Internacional, como deveria ter ficado, se tivesse vindo para cá com credenciais do PC [Partido Comunista] em vez das do Partido Trabalhista Independente.¹⁴⁷

Para alguns intelectuais, como Ronald Polito¹⁴⁸, o centro do testemunho de Orwell é a denúncia de Stálin. No entanto, a leitura de *Homenagem à Catalunha* sugere uma série de outros elementos que se somam a sua crítica ao governo soviético. Em primeiro lugar, é necessário pontuar para quem Orwell escreve. Ele não produz seu testemunho a priori para os espanhóis, e sim para os ingleses, para dar a conhecer uma versão dos fatos que era silenciada em terras inglesas.

A luta espanhola não havia sido somente um embate contra o fascismo como se faziam crer, ela também se estabelecera como ação para a manutenção da revolução iniciada pelos trabalhadores. Ao escrever sobre isso, Orwell busca situar o leitor no jogo político do qual a imprensa faz parte, denunciando assim não só os atos stalinistas na Espanha, mas a própria apropriação inglesa do fato e a problemática moral por trás disso. É um alerta para a Inglaterra sobre controle soviético, os governos totalitários, o fascismo que avança, mas, principalmente, sobre o caráter do governo inglês capitalista e burguês que aceita ser conivente a um pacto de não intervenção, que não é uma alternativa melhor ou pior ao fascismo, senão lados de uma mesma moeda¹⁴⁹; e a sua imprensa corrupta que o legitima e persegue seus inimigos.

¹⁴⁷ **Op. Cit.**, p. 299.

¹⁴⁸ **Op. Cit.**, p. 15.

¹⁴⁹ Mais especificamente Tweedledum e Tweedledee. ORWELL, George. **Op., cit.**, p. 305.

Em segundo, o texto se destaca por claramente se posicionar ao lado dos perseguidos após maio de 1937, enquanto a maioria dos intelectuais reproduz o discurso oficial sobre um pretense levante dos inimigos da república. Dessa maneira, a Guerra Civil Espanhola apresentada do ponto de vista de um “dissidente” permitiria uma análise da conjuntura internacional de maneira diferenciada, como por exemplo, perceber através das intervenções ou omissões dos países europeus na Espanha a crise capitalista refletida nas organizações políticas tidas democráticas, e a consequente definição de uma brecha para a ascensão do fascismo ¹⁵⁰.

O texto de George Orwell não possui apaziguamentos, pois ele assumiu suas lacunas, parcialidades e a responsabilidade do que estava disposto a dizer. Seu texto se insere em uma lógica denunciativa que se imiscui de amenidades em nome da luta contra o fascismo, rebatendo assim os editores que não aceitaram publicar seu livro. Recortar sua experiência na Espanha em favor de uma aceitação pública era o equivalente a participar da mesma imprensa que o acusou de fascista, devido a sua associação com o POUM; significava colaborar com uma rede política internacional que não se decidia qual inimigo combater: o comunismo soviético ou o fascismo e que, na dúvida, preferia silenciar. Orwell não quis calar, na expectativa de que suas palavras despertassem alguma preocupação da sociedade inglesa quanto ao futuro, e, conseqüentemente, alguma atitude antes que fosse tarde demais para seu país onde estão, em suas palavras: “todos dormindo o sono profundo, profundo da Inglaterra, do qual eu às vezes temo que jamais acordemos, até que sejamos arrancados dele pelo rugido das bombas”¹⁵¹.

¹⁵⁰ Pensamento semelhante é defendido por Albert Camus ao justificar a escolha da Espanha como cenário de fundo para sua peça *Estado de sítio*: “E através da Espanha, amanhã, como hoje, ficaria claro para todo mundo que a condenação feita visa a todas as sociedades totalitárias. (...) sabendo que a tirania totalitária não se edifica sobre as virtudes dos totalitários, mas sobre as falhas dos liberais”. In: CAMUS, Albert. **Estado de sítio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 185-6.

¹⁵¹ **Ibidem**, p. 203.

Capítulo III

Nas trincheiras da escrita, uma luta pela memória

Em 1979, Joe Strummer cantava sobre as bombas que um dia caíram na Espanha: com *Spanish Bombs* prestava reverência a Lorca¹⁵², aos combatentes de vermelho e/ou preto, aos poetas entrincheirados, e, ao mesmo tempo, criticava a nação pós-Franco, e refletia sobre a questão irlandesa na Inglaterra. Para o vocalista principal da banda The Clash, a Espanha mesmo após 40 anos de findado o conflito se desenhava como referência de uma luta por liberdade, e lhe ajudava a encarar sua contemporaneidade.

A Guerra Civil Espanhola foi retratada de diversas formas desde 1936, sendo matéria prima para literatura, música, cinema, pintura; fomentou debates intensos dentro da historiografia, e se tornou exemplo histórico para as lutas sociais defensoras da transformação social e do fim da exploração capitalista. Nesse contexto de produção de memórias e sentidos sobre o conflito espanhol, o historiador Pierre Vilar o destaca como fato não só político, mas também de grande impacto cultural¹⁵³ internamente para os que vivenciaram o conflito, mas também para aqueles que o acompanharam de fora.

De certa forma, contradizendo a máxima de que a História é escrita pelos vitoriosos, as produções de apoio ao lado republicano, segundo Beevor, conseguiram desestabilizar os mecanismos franquistas e contrarrevolucionários que controlavam a construção da memória sobre a guerra fora da Espanha, tornando seus discursos versões mais convincentes, reforçados pelo resultado da Segunda Guerra Mundial¹⁵⁴. O alcance do conflito, mais especificamente dentro de uma variedade de intelectuais como escritores, produziu uma gama de materiais de reflexão e memória sobre o fato com destaque para Salvador Dalí e Pablo Picasso na pintura; Mikhail Koltsov e Luis Buñuel no cinema; Robert Capa e Gerda Taro na fotografia; e Ernest Hemingway, Pablo Neruda, Andre Malraux, entre outros na literatura. O sentido internacional da luta e a adesão de reconhecidos intelectuais produziram uma propaganda sobre a Guerra Civil de estrangeiros para estrangeiros que objetivava a criação de uma rede de solidariedade

¹⁵² Poeta e dramaturgo espanhol morto no início do levante pelos rebeldes.

¹⁵³ VILAR, Pierre. **La guerra civil española**. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1986, p. 143.

¹⁵⁴ BEEVOR, Antony. **A batalha pela Espanha**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 343.

sem fronteiras, mas também, em geral, se opor a um discurso simpático a causa nacionalista que deslegitimava a República.

Inebriados pela atmosfera da época, os intelectuais eram convidados a se posicionar politicamente em relação à Espanha, e escolhendo um lado, a demonstrar o uso da arte como instrumento de luta. Envolvidos por uma questão moral de que não se podia cruzar os braços ante os acontecimentos, a maior parte dos escritores e artistas enxergavam no conflito espanhol a possibilidade de se derrotar o fascismo que se alastrava pela Europa, e modificar os rumos que a humanidade vinha tomando desde o fim da Primeira Guerra Mundial. No entanto, a propaganda em torno da Guerra Civil Espanhola não se iniciou com a chegada e saída dos intelectuais no país, apesar de ter ganhado maiores proporções a partir das suas obras.

Dentro da Espanha, os nacionalistas buscavam convencer o mundo da validade de seu levante ao argumentar que representavam a resistência cristã em nome da ordem e civilização contra o inimigo do mundo: o comunismo. Já o governo republicano se defendia lembrando a legalidade de sua eleição em fevereiro de 1936, e evidenciando o caráter reacionário dos generais golpistas e sua relação com os países fascistas. “assim, a República representava a causa da democracia, da liberdade e do esclarecimento contra o fascismo. A propaganda estrangeira enfatizava que ela era o único governo legal e democrático da Espanha”¹⁵⁵.

As obras literárias escritas por estrangeiros ganharam diversos formatos, sendo produzidas em formas de poemas, novelas, romances, peças e, principalmente, em relatos de guerra. Todas as suas produções refletiam o espaço social no qual foram concebidas e frutos da experiência pessoal de cada autor, o que proporcionou uma multiplicidade de abordagens e de versões sobre a guerra. Como afirma Daniela de Lima Soares: “trata-se de documentar, de alguma forma, a experiência que tiveram como testemunhas, às vezes também como protagonistas do drama espanhol. Nesse sentido, a própria obra literária adotava uma função propagandística, pois as escolhas ideológicas de cada autor eram refletidas no texto literário e por vezes defendidas abertamente”¹⁵⁶.

¹⁵⁵Beevor, Antony. **Op., cit.**, p. 344.

¹⁵⁶SOARES, Daniela de Lima. **Anarquistas na Guerra Civil Espanhola: uma abordagem através das obras literárias de Ernest Hemingway e André Malraux**. Rio Grande do Sul: Monografia, UFRS, 2010, p. 17.

Todavia, seus testemunhos não serviam somente a uma guerra de ideologias que buscavam a simpatia de quem os assistia, eram também armas utilizadas na construção de uma história sobre o conflito espanhol que foi contado e recontado de diferentes formas durante, e, principalmente, após seu término. O objetivo não era somente convencer para se obter algum apoio, a partir de então, era convencer para perpetuar uma memória sobre o acontecimento; nesse sentido, a Guerra Civil Espanhola de desdobrava em uma guerra pela memória.

Se inicialmente as obras literárias possuíam um caráter propagandístico mais forte, após os acontecimentos de maio de 1937 e a vitória franquista em 1939, elas tendem a ser instrumentos para explicações, justificações, denúncias e pedidos de desculpas. Ao defenderem a luta antifascista ou a causa revolucionária, denunciarem estratégias de determinados grupos políticos ou atuação das nações estrangeiras, ou ao explicarem as razões da derrota, os escritores elaboraram memórias próprias que, após divulgadas, foram silenciadas ou amplamente divulgadas a partir de seus locais sociais de produção e conteúdos.

Nesse sentido, o presente texto busca refletir sobre o posicionamento do escritor George Orwell, através de seu texto *Homenagem à Catalunha* (1938), artigos jornalísticos e resenhas literárias, entendendo-os como uma alternativa consciente de disputar a memória histórica do fato, dialogando com outras produções escritas produzidas por escritores estrangeiros acerca da guerra, que ganharam grande importância mundial.

Os intelectuais e a Guerra Civil Espanhola

Um conjunto de fatores foi responsável por conquistar um número significativo de artistas e intelectuais para a luta que se materializava na Espanha. No lado republicano, a adesão desses sujeitos sociais oscilava entre a possibilidade de incorporação a uma luta contra o fascismo ou outra em favor da revolução, pois somado a esse aspecto, havia toda uma conjuntura internacional que encontrava no fenômeno espanhol uma forma de catarse. Era imperativo que, após os acontecimentos durante a Primeira Guerra, aqueles que representassem a arte se posicionassem em termos

políticos, assim como todo coletivo social era convidado a fazer, e a guerra da Espanha se transformou na oportunidade para consertar os erros e omissões da Grande Guerra.

A diversidade de nomes e nacionalidades produziram inúmeras experiências narradas e registradas formando uma parte essencial da literatura de guerra. No entanto, a colaboração dada pelos intelectuais se deu mais no plano moral através da propaganda produzida do que na construção diária dos *fronts* de batalha. Segundo Beevor, as participações de intuito mais prático figuraram através da adesão ao *front* por escritores como André Malraux, George Orwell e John Cornford, e pela presença em vários períodos na Espanha em projetos de solidariedade internacional como Pablo Neruda, Ernest Hemingway, John dos Passos, Antoine de Saint-Exupéry, entre outros¹⁵⁷.

Segundo Miquel Berga, a guerra civil na Espanha demonstrou uma espécie de contestação aos nacionalismos cunhados durante a Primeira Guerra, o que resultou na variedade de nacionalidades das personalidades envolvidas: “aquesta no és una guerra d’interessos imperialistes. Els estrangers que hi participen ho fan en qualitat de voluntaris que se saben militants de vanguarda d’un moviment internacional per a l’alliberament de les classes treballadores”¹⁵⁸.

Sobre a produção escrita efetuada pelos intelectuais que estiveram na Espanha pode-se destacar dois momentos de escrita para suas obras: aquelas escritas durante o conflito, que podem aludir tanto ao período revolucionário (1936-7) como também ao de maior influência comunista e os derradeiros momentos da República; há também aquelas elaboradas após o término do conflito, cujo resultado já se fazia conhecido. No entanto, não se pode ignorar a literatura desenvolvida por aqueles que não chegaram a ir à Espanha, mas que voltaram sua atenção para ela como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, no Brasil; e Virginia Woolf e Aldous Huxley, na Inglaterra, para citar alguns exemplos.

Outra forma de intervenção dos artistas que participavam da guerra foi através da organização feita pelos comunistas do Congresso Internacional de Escritores pela Defesa da Cultura, no ano de 1937, nas cidades de Valência, Madri e Paris. Deste evento participaram André Malraux e Ernest Hemingway, considerados conjuntamente

¹⁵⁷ BEEVOR, Antony. **Op. cit.**, p. 352.

¹⁵⁸ BERGA, Miquel. **Els escriptors estrangers i la guerra civil a Catalunya**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/berga3.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

com Orwell, os responsáveis pelos cânones literários da Guerra Civil Espanhola¹⁵⁹. De acordo com Pepe Gutiérrez-Álvarez, o Congresso foi resultado da aliança de vários intelectuais contra o fascismo iniciada em 1935 na França. A aliança possuía diversos projetos como criação de antologia de poemas de poetas leais à Espanha, e a produção de um romance geral sobre o conflito, que, no entanto, não puderam ser levados adiante, tornando o Congresso de fato sua ação de maior reconhecimento¹⁶⁰.

Apesar de organizado pelos comunistas, o Congresso trouxe em seu seio as contradições expressas nos alinhamentos políticos dos intelectuais, até mesmo no que diz respeito ao debate proporcionado pelo binômio guerra-revolução. Todavia, em julho de 1937, ocasião do Congresso, a perseguição à quinta-coluna representada pela propaganda soviética contra anarquistas e poumistas já se estabelecia pela República, o que minimizou as vozes dissidentes presentes na elaboração do encontro, acordando-se como objetivo central a legitimação do governo republicano, como afirma Gutiérrez-Álvarez: “el Congreso, aun siendo muy circunstancial, no desdeña debatir sobre una serie de temas de cierto interés, aunque su planteamiento central es justificar la política gubernamental, tarea en la que están especialmente comprometido los comunistas”¹⁶¹.

Em termos de propaganda, o trabalho realizado pela aliança foi eficiente entre intelectuais de outros países e trabalhadores, mas não serviu como instrumento de pressão suficiente junto aos governos ditos democráticos, devido ao pacto de não intervenção. Essa relação estabelecida com os trabalhadores é destacada pelo autor espanhol em termos de uma revolução cultural expressada pelo encontro de diferentes vanguardas artísticas com o povo; segundo ele, desde 1917 os intelectuais passaram a olhar mais para os populares, os trabalhadores e se identificarem com a esquerda, enquanto o trabalhador tornava-se um ávido consumidor de artes.

Um dos objetivos do Congresso foi a construção de um novo homem, fruto da reflexão e da prática, um trabalhador manual e intelectual: “este humanismo se entiende "como el intento de restituir al hombre la conciencia de su valor, de trabajar para

¹⁵⁹ **Idem.**

¹⁶⁰ GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Una mirada sobre el II Congreso de Escritores Antifascistas em Valencia, 1937.** Disponível em: <http://www.nodo50.org/despape/Nuestra%20Historia/guerra%20civil/valencia1937.htm> Acesso em: 01 de jul de 2013.

¹⁶¹ **Idem.**

limpiar la civilización moderna de la barbarie capitalista...”¹⁶². Na concepção dos escritores, os valores humanitários destruídos pelo capitalismo e pelo fascismo seriam resgatados pela arte e criação, e, por isso, em última instância a luta da intelectualidade ali presente seria pelo próprio homem:

Porque, efectivamente, somos humanistas, pero del humanismo éste que se produce en España hoy”... “ Entendemos el humanismo como aquello que intenta comprender al hombre, a todos los hombres, a fondo. Entendemos el humanismo como el intento de restituir al hombre la conciencia de su valor, de trabajar para limpiar la civilización moderna de la barbarie capitalista.¹⁶³

O perfil dos participantes era diverso em concepções e nacionalidades, mas concordavam que mais importante que acirrar as diferenças, o ideal era se reunir em um objetivo coletivo contra o fascismo em favor na República. Representando a França estavam Julien Benda, André Malraux, Paul Nizan, André Chamson e Jean-Richard Bloch; a União Soviética, Alexei Tolstoy, Mijail Koltzov e Ylya Eheremburg; a Inglaterra, Stephend Spender e Ralph Bates; a Alemanha, Anna Seghers e Gustav Regler; o Chile, Vicente Huidobro e Pablo Neruda; os Estados Unidos, Malcom Cowley, Langton Hughes, Ernest Hemingway e John Dos Passos; o México, Carlos Pellicer e Octavio Paz; o Peru, César Vallejo; a Cuba, Nicolás Guillén e Juan Marinello; a Holanda, Jef Last e J. Browder.¹⁶⁴

É preciso tomar cuidado para não ver na expressão de tal evento uma espécie de unanimidade conciliativa. Um caso emblemático das discrepâncias da aliança intelectual formada foi a expulsão do escritor André Gide, que efetuou várias críticas ao regime soviético diante dos resultados dos julgamentos de Moscou, e prestou abertamente solidariedade ao POUM que na ocasião sofria perseguição. O escritor francês preparou então uma declaração sobre a ditadura soviética, porém Ylya Eheremburg ciente de tal notícia mobilizou milicianos em Madri para que enviassem telegramas a Gide suplicando para que não publicasse seu texto¹⁶⁵. De acordo com Gutiérrez-Álvarez, não sobraram motivos para que o próprio Stálin ameaçasse boicotar o Congresso e suspender a sua assistência,

¹⁶² **Idem.**

¹⁶³ Documento lido pelo poeta espanhol Arturo Serrano Plaja, durante o II Congresso Internacional de Escritores Antifascistas, em 1937, Valência. Disponível em: <http://www.rosa-blindada.info/?p=120> Acesso em: 01 de jul de 2013.

¹⁶⁴ GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Op. cit.**

¹⁶⁵ BEEVOR, Antony. **Op. cit.**, p. 357.

aunque en la secretaría del Congreso figuraban escritores independientes como Emilio Prados, Serrano Plaja y Gil-Albert, la absoluta mayoría de sus componentes coincidían en un apoyo incondicional al Gobierno de Negrín y a la alianza con los soviéticos, que aparecían como solidarios con la República y sobre cuyo orden interno no se interrogaban; muchos coincidían con Gide y con Trotsky en su posición a favor del arte revolucionario independiente, pero como dirá Bergarnín -después de una violenta discusión con Malraux: "Ante sus ataques -de Gide- al pueblo ruso y a sus escritores (sic), nosotros los españoles rechazamos cuanto pueda crear una enemistad con los que están identificados con nuestra causa". Esta condena es el fruto de un consenso entre los que actuaban abiertamente como "comisarios" del PCE -Ehrenburg, Koltzov, Neruda-, y los que estaban por una respuesta más diplomática. Luego, el Congreso guardó silencio cuando Tolstoy amplió esta condena con una serie de insultos contra el escritor francés que, con el tiempo, emergería como víctima de la maquinación estalinista y como un amigo de la República que supo ser independiente.¹⁶⁶

Nesse sentido, é possível perceber que por mais institucionalizada fosse a atuação dos intelectuais, eles disputavam o conflito espanhol a partir de diversas concepções. Quanto a George Orwell por motivos óbvios não participara do Congresso, todavia a revelia da perseguição sofrida, desde a chegada do escritor ao *front*, apesar de sua intenção de escrever posteriormente um livro, ele se via na condição de miliciano e não intelectual, o que também o afastava ainda mais da incorporação a este grupo intelectual.

A partir das produções desses intelectuais é possível assistir uma batalha pela memória, seus textos ressoariam pelo tempo como ecos permanentes do confronto espanhol, superando os limites impostos pelos grandes marcos e datas.

Em *Confesso que vivi* (1974), Pablo Neruda, poeta chileno, dedicou algumas páginas para rememorar sua trajetória na Espanha durante a ocasião da Guerra Civil. Em 1936, com o estopim do levante nacionalista, Neruda se encontrava na Espanha na condição de diplomata, cônsul em Barcelona, desde 1934. A essa altura já havia conhecido Frederico Garcia Lorca, dramaturgo e poeta espanhol, em uma de suas apresentações em Buenos Aires.

Em Barcelona, logo encetou contatos e amizades com os poetas espanhóis, sendo convidado por Manuel Altolaguirre para compor junto a eles a revista *Caballo Verde*. No dia 19 de julho de 1936, aguardava o amigo Lorca para assistir um espetáculo circense, sem que esse chegasse, para dar lugar à notícia de sua morte:

¹⁶⁶ GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Op. cit.**

“Frederico faltou ao encontro marcado. Já estava a caminho da morte. Nunca mais nos vimos. Seu encontro era com os estranguladores. E, desse modo, a guerra da Espanha, que mudou minha poesia, começou para mim com o desaparecimento de um poeta”¹⁶⁷. Em suas memórias, Neruda dedicou palavras de honra ao amigo, e expõe sua consternação pela perda.

A partir de então, Pablo Neruda se engajou aos movimentos de solidariedade internacional a Espanha Republicana, como membro do Partido Comunista, perdendo seu cargo de cônsul. Participou da organização do congresso de escritores antifascistas, e na França junto a Nancy Cunard organizou a publicação *Los poetas del mundo defienden el pueblo español*, sem saber sobre o êxito da publicação em preparo. Mas sua atuação destacada pela presente pesquisa foi a produção de um poema intitulado *Espanha no coração* iniciado em novembro de 37, já no Chile, e publicado na Espanha somente em 1938 pelo Comissariado do Exército de Leste. Seu poema foi distribuído nos *fronts*, e poucas cópias foram recuperadas após o término do conflito. O poeta Altolaguirre foi o responsável pela impressão, e quando faltou papel os soldados do *front* passaram a imprimir em outros materiais como os tecidos dos uniformes.

Seu longo poema foi dedicado a diversos sujeitos envolvidos na luta direta e indiretamente. Entregou versos aos seus críticos e leitores, se posicionando diante dos acontecimentos, justificando a ausência da poesia costumeira que oferecia flores:

Perguntareis porque sua poesia
 Não nos fala do solo e das folhas,
 Dos grandes vulcões do seu país natal?
 Vinde ver o sangue correr nas ruas,
 Vinde ver
 O sangue pelas ruas,
 Vinde ver o sangue
 Pelas ruas!¹⁶⁸

Às mães dos milicianos mortos, mas de uma maneira geral a todos aqueles que perderam um ente querido na batalha, pois era necessário que alguém dissesse que seus esforços e mortes não haviam sido em vão; aos brigadistas, expressando seu

¹⁶⁷ NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**: memórias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002., p. 144.

¹⁶⁸ NERUDA, Pablo. **A terceira residência**. Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 73.

agradecimento pelo significado da chegada dos voluntários, como luzes de esperança em meio ao padecimento, sofrimento e desilusão acerca do desfecho da luta; aos inimigos (Mola, Sanjurjo, Franco) Neruda ofereceu a exposição de seus crimes com suas óbvias condenações, aquilo que os espera ao chegarem aos portões do inferno; aos trabalhadores que se destacavam nos *fronts*, e combatiam os tanques apesar da inexperiência como soldados; à Madri um ano após o início do conflito ofereceu seu retrato marcado pelas agruras da guerra e pela iminência da tomada pelos rebeldes franquistas.

Neruda finalizou seu poema com clamores de encorajamento, sobre a necessidade do exército do povo se armar e seguir adiante por toda a Espanha. Todo seu texto soa como uma forma de entusiasmar aqueles que ainda batalhavam, mas pareciam esmorecer. Distribuído no *front*, provavelmente o poema almejasse colocar mais lenha na fogueira, que se transformava pouco a pouco em fracas brasas, e garantir a ordem interna das tropas. Escrito a partir de novembro de 1937, já não trazia referências às milícias do início do conflito, nem fazia alusão aos conflitos internos que ecoavam dos acontecimentos de maio, aparentemente funcionando como panfleto de propaganda aos ânimos, dirige-se somente àqueles que se encontram na Espanha.

Hemingway e a Guerra Civil Espanhola

Ernest Hemingway foi o escritor mais famoso a apoiar a República. Não demonstrou preocupação a priori com a situação política espanhola, apesar de ser confessavelmente admirador do país, teve na luta antifascista seu principal motivo para ir à Espanha como correspondente jornalístico. Em seu discurso, *O escritor e a guerra*, ele situava o impacto do fascismo no cotidiano de um escritor:

El problema del escritor no cambia. Siempre es el de escribir la verdad (...) Pero el fascismo no es compatible con esa exigencia... Porque el fascismo es una mentira fabricada por los tiranos. Un escritor que no mienta no puede vivir ni trabajar en el fascismo... Porque el fascismo es una mentira, está condenado a esterilidad literaria... una vez que haya desaparecido, el fascismo no tendrá otra historia que la sangrienta historia del asesinato.¹⁶⁹

¹⁶⁹ HEMINGWAY, Ernest. Apud: SOARES, Daniela de Lima. **Anarquistas na Guerra Civil Espanhola**: uma abordagem através das obras literárias de Ernest Hemingway e André Malraux. Rio Grande do Sul: Monografia, UFRS, 2010, p. 36.

Na Espanha, o escritor era considerado uma celebridade, o que lhe permitiu uma maior aproximação com os partidos comunistas e os membros da Brigada Internacional, propiciando-lhe acesso a uma série de informações que eram negadas a outros correspondentes. Segundo Beevor, “é difícil assegurar até que ponto Hemingway foi influenciado pelas informações privilegiadas que recebia de quadros importantes do partido e de assessores soviéticos. Ser levado a sério pelos especialistas distorceu sua visão”¹⁷⁰. Todavia, Hemingway é o mesmo sujeito, que apesar dessa proximidade se assumia em termos individualistas, e que apoiava as ações comunistas, enquanto respostas ao fascismo, e não por convicções políticas.

A sua experiência na retaguarda dos *fronts* espanhóis rendeu a Hemingway duas produções de natureza diferenciadas. A primeira foi sua única peça teatral, publicada em 1937, intitulada *A quinta-coluna*; e a segunda foi uma de suas obras mais conhecidas que originou uma versão cinematográfica *Por quem os sinos dobram* (1940).

Hemingway é dono de vários escritos de caráter humanitário, em que defendeu a valorização da vida e abominou a guerra como meio de desequilíbrio humano. Sua peça não foge a esse modelo, mesmo escrito durante as explosões dos bombardeios à Madri. A trama gira em torno do clima que tomava a cidade sobre a ação efetuada pelos membros da chamada quinta-coluna, que deu origem ao título da peça. A quinta-coluna consistia numa derivação das forças de Franco compostas de quatro colunas militares que encontrariam em Madri uma quinta composta por simpatizantes, que funcionavam como uma rede interna dos nacionalistas no lado republicano.

Seus personagens em *A quinta-coluna*, através de suas falas marcadas pelo sarcasmo e aceitação da morte, demonstram o pessimismo do avançar da guerra e desgaste psicológico ocasionado pelo clima de desconfiança e traição que pairava pela cidade. O cenário da peça é um dos hotéis da cidade utilizado por repórteres e membros das Brigadas, e seu personagem principal chamado Philip, que intencionalmente era visto como um repórter relapso, representava uma autoridade socialista que combatia secretamente os membros da quinta-coluna, cujo objetivo principal era acabar com a classe trabalhadora:

PETRA

¹⁷⁰ BEEVOR, Antony. **Op. cit.**, p. 353.

O pessoal da quinta-coluna. A gente que luta contra nós dentro da própria cidade.

DOROTHY

Mas por que iriam atirar nele? Ele era apenas um pobre operário.

PETRA

Podiam ver, pelas suas roupas, que ele era um trabalhador.

DOROTHY

Naturalmenet, Petra.

PETRA

Foi por isso que atiraram nele. São nossos inimigos. Até mesmo meus. Se eu fosse morta, eles ficariam felizes. Pensariam que era uma pessoa a menos da classe trabalhadora.¹⁷¹

Em seu texto Hemingway só dá visibilidade aos soldados ligados ao komitern, considerando o partido socialista como a força política mais antiga em Madri¹⁷², efetuando poucas, quase nenhuma, referências aos anarquistas, que ele só retrata como desocupados¹⁷³.

Em termos de propaganda e memória o texto de Hemingway acaba por servir aos interesses soviéticos na Espanha. A época de sua publicação, os eventos de maio já haviam acontecido em Barcelona, e o POUM apoiado pelos anarquistas já havia sido declarado como parte da quinta-coluna do fascismo a serviço da espionagem anti-republicana¹⁷⁴. Mesmo que Hemingway não tenha escrito seu texto pensando nos milicianos poumistas ou anarquistas a publicação de sua obra neste momento do conflito, não deixa de remetê-los, até mesmo porque o inimigo a ser combatido na peça não possui contornos, talvez justamente pela dificuldade no período de se diferenciar estratégias de guerra de fato da paranoia desmedida da imprensa local.

Por quem os sinos dobram possuiu uma dinâmica de criação diferenciada de *A quinta-coluna*. Quando Ernest Hemingway começou a escrevê-lo, em 1939, o resultado da guerra já estava desenhado, e sem o imediatismo da luta do *front*, ele o concluiu em 1940. Foi um sucesso de público e crítica, vendendo 500 mil exemplares nos primeiros seis meses após o lançamento. A história se desenvolve em poucos dias, e narra o

¹⁷¹ HEMINGWAY, Ernest. **A quinta – coluna**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 119.

¹⁷² **Ibidem**, p. 97.

¹⁷³ **Ibidem**, p. 162.

¹⁷⁴ CHALMERS, V. M. **A escrita da Guerra Civil Espanhola por George Orwell**. In: DIOGO, R. C. M., ALBUQUERQUE, A. E. D. de, FIGUEIREDO, D. A e FIRMO, E. B. (org). *Hispanismo 2006 – Literatura Espanhola*. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius: ABH, 2008, p. 482.

estratagemas de um americano junto a milicianos para a destruição de uma ponte no momento exato de uma das investidas do exército republicano, tendo como fundo a descoberta do amor entre Robert Jordan, o americano, e Maria, uma das vítimas da guerra.

Apesar da proximidade com os comunistas durante o conflito, a obra escrita por Hemingway sofreu fortes críticas da imprensa esquerda. Segundo Soares,

Mike Gold, no jornal *Daily Work* afirmou que Hemingway era um homem sem princípios e que não entendia nem a democracia nem o comunismo. Além disso, ele não havia sido capaz de empenhar-se com a guerra e esteve na Espanha apenas por motivos pessoais, apesar da aparência de lealdade. Afirmou ainda que quando a causa parecia perdida ele preferiu ir embora deixando um rastro de calúnias e lamentações. Uma carta aberta assinada, entre outros, por Freddy Keller, Alvah Bessie, Milt Wolf, publicada no mesmo jornal, afirmava que ele havia ainda fracassado em mostrar a importância que a guerra teve para o mundo de 1940, quando o fascismo ainda era uma grande ameaça.¹⁷⁵

Enquanto correspondente, Hemingway se mostrava claramente alinhado ao Partido Comunista Espanhol, sua participação no Congresso Internacional de Escritores pela Defesa da Cultura demonstra um mínimo de anuência com as diretrizes comunistas tendo em vista a vitória da República. No entanto, após o conflito seu personagem evidencia certas críticas ao partido que podem ser detectadas como frutos de algum exame de consciência, mesmo que não se configure como uma ruptura total. Para Robert Jordan e para Hemingway o importante era ganhar a guerra e derrotar o fascismo, para isso haveria de se fechar os olhos por alguns momentos, não pensar detidamente sobre o curso das ações: “minha mente ficará em suspenso, até que ganhemos esta guerra”¹⁷⁶.

A escrita do livro intercala momentos de reflexão do narrador com a descrição do decorrer dos dias, tornando Robert Jordan um narrador distante, buscando interpretar mais a visão de mundo dos outros personagens. Nos diálogos construídos entre as personagens é possível identificar uma percepção sobre a República como sinônimo da democracia, e por isso uma grande exaltação de sua defesa; ainda que o livro detone uma assimilação da multiplicidade de interesses que envolvem a república espanhola.

Assim como Orwell, Hemingway também identifica a problemática do armamento ultrapassado ou danificado, os limites da experiência militar dos

¹⁷⁵ SOARES, Daniela de Lima. *Op. cit.*, p. 41.

¹⁷⁶ HEMINGWAY, Ernest. *Por quem os sinos dobram*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 336.

guerrilheiros, no entanto, há uma fartura em gêneros alimentícios devido ao fato de não se encontrarem exatamente em um *front* de batalha; o frio, a fome, os parasitas, a sujeira não compõem o retrato modelado pelo escritor americano. Novamente, seu texto se reveste de um conteúdo humanitário em que o personagem principal constantemente pondera sobre o valor de uma vida:

“Quantos você já matou?”, perguntou para si mesmo. “Não sei. Você pensa que tem o direito de matar qualquer pessoa? Não. Mas tenho que matar. Quantos você matou que eram realmente fascistas? Bem poucos. Mas eles são inimigos, a cuja força nós opomos força. (...) Você não sabe que é errado matar? Sei. Mesmo assim você mata? Mato. E continua acreditando que a sua causa é justa? Sim.”¹⁷⁷

Além de reflexões sobre a autoridade de um assassinato, Hemingway usa o relacionamento desenvolvido entre o Robert Jordan e Maria como válvula para reflexões sobre a validade da guerra, transformando assim o amor em algo maior que a causa¹⁷⁸, que consistia no ponto de vista do americano em salvar a República. Mas a guerra já havia começado, lutar passava a ser inevitável, então o jeito era ganhá-la o mais rápido possível.

Hemingway elabora críticas a vários grupos participantes da guerra civil. Os anarquistas ele retrata através de um viés de irracionalidade, que em sua concepção emperra o andamento positivo da guerra para os republicanos. O início do movimento contado através da personagem Pilar é pontuado com muito sangue, tortura, loucura, e os anarquistas são vistos como bêbados sentimentais, infantis, geradores de violência e confusão, incapazes de refletir coerentemente sobre a guerra¹⁷⁹. Esses são os mesmos anarquistas que atrasam a entrega da mensagem de Robert Jordan ao comandante Golz, e a possibilidade de se evitar um ataque em condições adversas. Apesar de conceber os anarquistas dessa forma, Hemingway não atribuiu a nenhum de seus personagens a condição anarquista para ser um interlocutor, o que demonstra total desconsideração acerca do papel das organizações e milícias anarquistas no confronto. Já o POUM quando citado, aparece como um grupo de rebeldes infantis nos acontecimentos de maio de 1937, financiados por dinheiro fascista, mas sem maturidade para organizar um levante¹⁸⁰. Já em 1938, Hemingway publicou textos criticando a atuação dos anarquistas e do POUM, agravados por um tom negativo consequência do pessimismo

¹⁷⁷ **Op. Cit.**, p. 409.

¹⁷⁸ **Op. Cit.**, p. 234.

¹⁷⁹ **Op. Cit.**, p. 145, 172, 180.

¹⁸⁰ **Op. Cit.**, p. 337.

em torno do fluxo dos acontecimentos na Espanha, após o abafamento do processo revolucionário, e também devido à própria propaganda stalinista, que ele ajudara reproduzir no exterior como correspondente.

Quanto aos comunistas, o personagem principal justifica sua adesão à disciplina do PCE acreditando que ela represente a melhor forma de se avançar na guerra: “aqui, na Espanha, os comunistas ofereceram a melhor disciplina, a mais lúcida, para o prosseguimento da guerra. Ele aceitara essa disciplina durante a guerra porque, na conduta da guerra, eles eram o único partido cujo programa e cuja disciplina poderia respeitar”¹⁸¹. Apesar de enxergar no Partido Comunista a força locomotora da Guerra, Hemingway constrói um personagem arruinado pela guerra, psicótico quanto às traições: André Marty, um comissário das Brigadas. O personagem é tratado como louco, com uma inclinação para resolver suas suspeitas com um paredão de fuzilamento; através de Marty, Hemingway enceta uma crítica às perseguições exageradas efetuadas no campo republicano, no entanto, a estratégia utilizada tornou-se uma faca de dois gumes, transformando em prática irracional, procedimentos bem estruturados, pensados e avaliados pelos comunistas na lógica de controle do conflito.

Além disso, o texto de Hemingway apresenta uma visão um tanto ingênua da República e do Estado, da composição da guerra espanhola. Quando passa a discutir sobre uma “reforma agrária” em terras americanas ocasionada pela quantidade de impostos controlados pelo Estado¹⁸², que os mais ricos pagariam, não haveria por fim a necessidade de se chegar ao patamar de luta que a Espanha havia chegado, dando a sensação que latifundiários e camponeses ocupavam o mesmo patamar. A compreensão do personagem de Hemingway sobre o conflito espanhol muitas vezes remete a história da Guerra Civil Americana como modelo comparativo e de entendimento da guerra espanhola: nas lideranças espanholas Robert Jordan busca os equivalentes das lideranças americanas, buscando reproduzir a mesma lógica de embate do conflito americano, talvez como forma de reviver o que não foi vivido, a não ser pela narração de outrem.

Robert Jordan, mesmo dedicado à luta antifascista, defende e argumenta a partir dos valores burgueses de democracia, liberdade, igualdade e fraternidade, em nome de

¹⁸¹ **Op. Cit.**, p. 230.

¹⁸² **Op. Cit.**, p. 287.

uma futura felicidade ¹⁸³. Como um burguês estrangeiro, mesmo arriscando sua vida no *front*, sem saber o que o futuro reserva, ele faz planos românticos com Maria considerando a possibilidade de eles possuírem uma criada¹⁸⁴. A cena não indica delírios febris tendo em vista a iminência de um ataque, devido às lembranças do estrangeiro em suas viagens por Madri e seu desejo de retorno:

Em Madri, gostaria de comprar alguns livros, ir para o Hotel Florida, ficar num quarto e tomar um banho quente. Pediria ao Luis, o porteiro, para sair e comprar uma garrafa de absinto, se ele pudesse achar uma em *Matenquerías Leonesas* ou em qualquer lugar fora da *Gran Via*, e ficaria deitado na cama, lendo, após o banho, e beberia duas doses de absinto e depois telefonaria para fazer uma reserva no restaurante do *Gaylord*.¹⁸⁵

Mas são tempos difíceis, sombrios para Orwell, e por assim ser, ter cenas retratadas com certo conforto e tranquilidade em uma cidade em guerra, gera um questionamento, no momento sem resposta, sobre o quão profunda foi a experiência de Hemingway na Espanha.

De alguma forma, tanto a experiência de Neruda, quanto a de Hemingway, se diferem da vivenciada por Orwell, que provou a guerra civil mais como soldado do que como escritor, e que apesar de se ver como opositor do fascismo, não pode deixar de avaliar os conflitos internos que buscavam dimensionar o conflito a partir de determinados interesses, bem como emperrar a atuação popular não dirigida por uma vanguarda.

As memórias orwellianas

A experiência da Guerra Civil Espanhola marcou profundamente os escritos de George Orwell. Ele dedicou ao evento histórico mais do que uma versão dos fatos a partir da escrita de suas memórias. Na forma de inúmeros artigos para os jornais britânicos e leituras críticas de livros publicados sobre o acontecimento histórico, Orwell tornava a Guerra Civil um assunto constante de suas reflexões.

Uma das modificações pessoais proporcionadas por essa experiência diz respeito à forma como o próprio autor enxergava seu trabalho como escritor. Em *Por que*

¹⁸³ **Op. Cit.**, p. 411.

¹⁸⁴ **Op. Cit.**, p. 466.

¹⁸⁵ **Op. Cit.**, p. 313.

escrevo (1946), Orwell afirma que a guerra espanhola teria funcionado como um divisor de águas em sua carreira e um emblema sobre o que ele deveria escrever: “cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, *contra* o totalitarismo e a *favor* do socialismo democrata, da forma que eu o entendo”¹⁸⁶ (grifos do autor). Desde seu retorno à Inglaterra em 1937, é possível acessar textos do autor em que ele debate seriamente sobre a questão política da literatura, a importância do escritor se posicionar e a definição do que seria um livro político¹⁸⁷. Mesmo percebendo que vivia em uma época dita política, em que notícias sobre assassinatos, violência militar, ameaças de bombardeios, campos de concentração se incorporavam no cotidiano das pessoas, Orwell defendia uma atitude honesta dos escritores e rejeitava quem por vezes fechava os olhos com justificativas partidárias¹⁸⁸.

A explicação do escritor para seus trabalhos desde então se deu no plano do posicionamento político, no qual ele possuía “o desejo de lançar o mundo em determinada direção, de mudar as ideias das pessoas sobre o tipo de sociedade que deveriam se esforçar para alcançar”¹⁸⁹. Orwell compreendia que tal processo de escrita se resultava de parcialidades e seleções frutos da experiência de cada indivíduo, e o admitia e alertava aos seus leitores de *Homenagem à Catalunha*:

Caso eu não tenha dito isso em alguma parte antes neste livro, direi agora: cuidado com meu partidarismo, meus enganos sobre os fatos e a distorção inevitável causada por ter visto apenas uma parte dos acontecimentos. E tenha cuidado exatamente com essas mesmas coisas quando ler qualquer outro livro sobre esse período da guerra espanhola.¹⁹⁰

Como mudança significativa na vida do escritor após a guerra, Elisabete do Rosário Mendes Silva destaca a concepção de socialismo que Orwell elaborou, de cunho liberal e humanista sem a preocupação com formulações teóricas mais

¹⁸⁶ ORWELL, George. **Dentro da Baleia e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 28.

¹⁸⁷ *Escritores e Leviatã* (1948), *Política versus literatura: uma análise de Viagens de Gulliver* (1943), *Dentro da Baleia* (1940), *Por que escrevo* (1946).

¹⁸⁸ COSTA, Carolina da Purificação. **“Bons romances são escritos por pessoas sem medo”**: nos caminhos das distopias, a denúncia política de George Orwell. Feira de Santana: Monografia, UEFS, 2009, p 49-51.

¹⁸⁹ ORWELL, George. **Op., cit.**, p. 25.

¹⁹⁰ ORWELL, George. **Lutando na Espanha: Homenagem à Catalunha**, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos. São Paulo: Globo, 2006, p. 202.

apuradas¹⁹¹. Antes de ir à Espanha, Eric Arthur via no socialismo um antagonista eficaz contra o fascismo, no entanto, ele só poderia se realizar através da decência comum que o escritor visualizava e acreditava ser próprio da classe trabalhadora. Segundo a autora, “a guerra civil de Espanha confirmou a crença de Orwell de que somente a classe trabalhadora, e não os intelectuais, representava o verdadeiro inimigo do fascismo”¹⁹². Assim, Orwell escreveria sua proposta contra o capitalismo privado e a proximidade aos regimes totalitários, a fim de modificar o sistema sócio-econômico e político da Grã-Bretanha. Em *O leão e o unicórnio* (1941), o autor se pautou em princípios de honestidade, pragmatismo e liberdade de expressão para elaboração constitutiva do seu socialismo, que se concretizaria através de nacionalizações das propriedades pelo Estado, o controle das disparidades salariais, a reforma no sistema educacional, estabelecimento de relações igualitárias entre a Inglaterra e a Índia. Apesar dos pontos debatidos em seu texto, Orwell não soube responder acerca do papel da classe trabalhadora nesse processo de mudança, em como ela alcançaria o Estado e o dirigiria.

Tais considerações sobre sua concepção de socialismo, que buscava se diferenciar das correntes ligadas ao marxismo predominantes em seu país, ou a forma como George Orwell enxergava seu papel como escritor, ganham destaque no presente texto por terem sido particularmente afetadas pela vivência dele em solo espanhol e através do embate que ele se atribuiu a favor dos perseguidos pousistas e anarquistas contra a imprensa inglesa. Assim, a guerra o moldou intelectual e politicamente.

No segundo capítulo desta dissertação, falou-se sobre a divisão do relato Homenagem à Catalunha em capítulos e apêndices com o intuito de separar seu texto mais descritivo e mais imaturo de uma explicação mais sólida dos fatos. Antes da publicação de seu livro, Orwell publica algumas resenhas críticas sobre relatos e estudos sobre os acontecimentos na Espanha¹⁹³, o que permite inferir a influência de informações posteriores em seu texto, em outras palavras, ele não avalia o conflito somente do ponto de vista empírico, imediato e sensitivo, tenta também relacionar o que

¹⁹¹SILVA, Elisabete do Rosário Mendes. **O Socialismo de Orwell**: uma nova proposta social em plena Segunda Guerra. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6580.pdf> Acesso em: 09 de fev de 2013.

¹⁹² **Idem.**

¹⁹³ *The Spanish Cockpit*, de Franz Borkenau; *Volunteer in Spain*, de John Sommerfield; *Spanish Circus*, de Martin Armstrong; *Heroes of the Alcazar*, de R. Timmermans; *Red Spanish Notebook*, de Mary Low e Juan Brea; *Storm Over Spain*, de Martin Mitchell; *Spanish Rehearsal*, de Arnold Lunn; *Catalonia Infelix*, de E. Allison Peers; *Wars of ideas in Spain*, de José Castillejo; e *Invertebrate Spain*, de José Ortega Y Gasset.

presenciou com outros relatos. A necessidade de revestir seu texto em uma veracidade, que pudesse ser constatada através de pesquisas, sugere-se como fator determinante para Orwell escolher publicar seu livro em formato de testemunho e não de romance.

Segundo Bárbara Caldas,

em relação ao romance, o testemunho dele se difere devido ao seu perfil não literário, “genuíno” e fático. E, mais especificamente falando, a diferença está no fato de que no romance não há espaço para esse novo sujeito cultural proposto pelos discursos testemunhais, ou seja, nos romances burgueses o sujeito textual está, ao menos ficcionalmente, vinculado à história, enquanto que na literatura testemunho está comprometido política e ideologicamente em trazer à tona a voz daquele que não está inserido na história.¹⁹⁴

O formato escolhido por Orwell propõe-se ser uma narrativa que busca repensar a História, redimensionando o olhar para aqueles que foram excluídos de um discurso oficial; no seu caso, anarquistas e membros do POUM, aqueles que em sua maioria compuseram o *front* ao qual pertenceu. Dessa maneira, seu texto enceta um processo de recuperação de memória silenciada em detrimento de outras memórias oficializadas. Narra-se não somente para resgatar a história que foi escondida, mas também para preencher um vazio ocasionado pelo silêncio imposto aos marginalizados, e para combater o que se diz sobre eles em um processo de reconstituição de identidades, que só se dá através da luta.

Ao analisar a memória dos soldados alsacianos e lorenos que foram obrigados a se alistar nas tropas do Eixo durante a Segunda Guerra, Michael Pollak consegue perceber nesse embate de memórias subterrâneas em oposição à memória oficial, a tentativa de reconstrução de suas identidades que foram construídas sob o estigma da traição e covardia ao denunciar não a estratégia de alistamento alemão, mas da barbárie efetuada pelas tropas russas e da indiferença e covardia francesa. Isso acontece, segundo ao autor, porque “no momento do retorno do reprimido, não é o “autor” do crime (a Alemanha) que ocupa o primeiro lugar entre os acusados, mas aqueles que, ao forjar uma memória oficial, conduziram as vítimas da história ao silêncio e à renegação de si mesmas”¹⁹⁵. O exemplo dos soldados alsacianos e lorenos permite uma reflexão

¹⁹⁴ CALDAS, Bárbara. **A voz do outro em evidência**: a literatura testemunho na América Latina. Disponível: http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/vozdooutro_barbara.pdf Acesso em: 10 de jun de 2013.

¹⁹⁵ POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 02 de jun de 2013.

relativa à relação que George Orwell estabeleceu com a imprensa em seu país, principalmente, aquela ligada as diretrizes da propaganda do Partido Comunista.

O escritor dedicou grande parte de seu segundo apêndice para refutar argumentos referentes aos acontecimentos de maio divulgados por vários jornais e revistas publicados na Inglaterra. Para ele era necessário disputar a memória sobre os acontecimentos, já que a maior parte das notícias disseminadas associavam os membros do POUM e anarquistas ao fascismo, e as barricadas de 37, a um levante da quinta-coluna. Orwell se sentia parte das tropas poumistas, e como combatente ao lado do POUM sentiu intimamente o peso de ser considerado um traidor fascista. Em um artigo que publicou pouco mais de um mês após ter saído da Espanha, o escritor escreveu com amargura sobre a imprensa orientada pelos comunistas e suas estratégias para desacreditar aqueles que sustentavam um discurso diferenciado:

No começo, fazemos isso ao chamá-lo de visionário intratável. Dizemos a ele que está confundindo a questão, que está dividindo as forças antifascistas, que não é o momento para alardear slogans revolucionários, que, por enquanto, temos que lutar contra o fascismo, sem perguntar-nos tão miudamente *a favor do quê* estamos lutando. Posteriormente, se ele ainda se recusar a calar, mudamos o tom e o chamamos de traidor. Mais precisamente, nós o chamamos de trotskista.¹⁹⁶ (grifo do autor)

As críticas mais severas de Orwell não foram direcionadas para atuação das tropas nacionalistas, ou o apoio fascista de Hitler e Mussolini, elas foram dedicadas à imprensa britânica e suas versões consideradas pelo escritor como mentirosas, e à URSS que ajudou a transformar os milicianos anarquistas e poumistas, que arriscaram suas vidas, em traidores. Então, assim como os alsacianos de Pollack, Orwell também faz uso da figura do “incompreendido” para superar a marginalização imposta e restituir o que considerava ser a verdade e a justiça; desconstruindo uma memória que lhe associava a suposta traição do POUM, reconstruía através do seu relato não somente a história do partido, mas uma nova memória de si no outro que o lê, uma memória que se fortalece no reconhecimento do outro.

A disputa pela memória da Guerra Civil não se deu somente em *Homenagem*, Orwell a ampliou em forma de artigos e resenhas críticas para jornais e revistas, sendo que destas resultam diversas cartas-respostas a editores e seus leitores ou escritores insatisfeitos com algum comentário produzido pelo autor.

¹⁹⁶ ORWELL, George. *Lutando...*, op. cit., p. 305.

A partir da análise de parte desse material “excedente”, percebem-se dois fatores característicos das críticas produzidas por Orwell. A primeira diz respeito à ampliação de seu alvo de críticas, isto é, o escritor não somente se preocupou com as publicações efetuadas pelos jornais, mas debruçou-se sobre uma produção cultural livresca que ganhou contorno entre os intelectuais. Ao efetuar resenhas literárias de inúmeros livros produzidos durante e após o conflito, Orwell transforma em seu antagonista pela memória em disputa não somente a imprensa ou o governo, mas também os intelectuais que estavam determinados a explicar os acontecimentos na Espanha.

A presente pesquisa teve acesso a diferentes resenhas publicadas entre 1937 e 1946, e foi da escolha dos livros a serem resenhados que emana a segunda característica das discussões de Orwell: nenhuma resenha foi dedicada a um romance sobre a Guerra Civil Espanhola. Não foi possível encontrar nenhum texto do autor que se referisse à literatura produzida pelos intelectuais icônicos do conflito como Pablo Neruda, André Malraux e Ernest Hemingway.

Rodden e Rossi escreveram sobre um possível encontro entre Orwell e Hemingway na França durante a Segunda Guerra¹⁹⁷. Segundo eles, esse encontro ganhou no meio literário uma roupagem de anedota, sendo contada pelos fãs dos autores, sem necessariamente haver certeza sobre a veracidade do contato. Sabia-se que ambos os escritores eram admiradores mútuos, mas não foi documentado nenhum tipo de correspondência entre eles que pudesse evidenciar algum tipo de contato mais próximo. O que gerou três versões diferentes para um mesmo encontro: uma contada por Hemingway em 1952 através de uma carta dirigida para Harvey Breit, onde o escritor narra um Orwell psicótico que bate a porta de seu quarto no hotel em busca de uma arma; outra narrada pelo poeta Paul Potts, pessoa a quem Orwell teria compartilhado a história do encontro, nessa versão Orwell teria se apresentado ao americano com seu nome de batismo, o que causou uma estranheza rude em Hemingway dissipada somente com a menção de seu pseudônimo e um convite para tomar uma bebida; e a última versão, contada também por Hemingway, seria uma versão mais completa da anterior, em que o autor preocupado com a atitude do outro escritor coloca um de seus homens para acompanhá-lo de longe para garantir assim sua segurança.

¹⁹⁷ RODDEN, John, e ROSSI, John. **Papa and “St. George”**: the (um)meeting. Disponível em: <http://www.finlay-publisher.com/archives/May-July%202009.pdf> Acesso em: 13 de jul de 2013.

Os autores avaliaram a veracidade das versões, e mesmo sem saber qual seria a mais factível, identificam um dado que parece tornar real o encontro:

Can we say definitively that a meeting did not place? No. In a March 1948 letter from Hemingway to Cyril Connolly, who had lunched together a few times in London and Paris in the early 1940s, Hemingway closes along, chatty missive with are quest that Connolly convey his regards to Orwell: If you ever see Orwell, remember me to him, will you? I like him very much and it was a moment when I had no time when I me thim. ¹⁹⁸

Apesar de não ser o indício tão forte, mesmo que não houvesse nenhuma espécie de contato entre eles, a análise dos dados desenha um questionamento acerca das preferências de Orwell na produção de suas resenhas. Os textos, que escolheu, foram produzidos por voluntários, filósofos, professores, estudiosos sobre a hispanidade: todos com caráter de testemunho ou compêndios explicativos da história espanhola. Em algumas críticas Orwell destacou a originalidade dos pontos de vista, em outras as classificou como mais do mesmo comunista. A relação que estabeleceu com esses escritos, para esse estudo, revela a visão que o Orwell tinha de seu próprio livro como uma não ficção, que mesmo assumidamente parcial possui um compromisso indissociável com a verdade. Nesse sentido, buscou interlocutores que tivessem pressuposto semelhante ao seu, e nesse caso nem as mais famosas novelas poderiam se ajustar.

Orwell carregou seus textos sobre a Guerra Civil de um tom quase sempre amargo, fruto do ressentimento daqueles que foram silenciados; apesar de Homenagem à Catalunha ser seu relato pessoal, a construção de sua memória individual, é importante salientar que mesmo singular essa memória também se faz coletiva a depender da conjuntura que compõe o cenário de sua disputa. A memória é seletiva e, conseqüentemente, construída; organizada em função das preocupações sociais e políticas de cada época. E como fenômeno coletivo, aponta Pollack, ela está submetida a flutuações, transformações e mudanças constantes ¹⁹⁹.

George Orwell pode ser interpretado como modelo de uma testemunha não autorizada até os anos 50. Como foi dito no capítulo anterior, seu testemunho sofreu uma política de silenciamento evidenciada nas negativas de publicação e na propaganda

¹⁹⁸ **Idem.**

¹⁹⁹ POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf Acesso em: 02 de jun de 2013.

opositora que gerou o encalhe da primeira edição. No entanto, as conjunturas favoráveis ou desfavoráveis ajudam a reposicionar as memórias nos processos de disputas, e o discurso anticomunista fortalecido na década de 50 encontra nos textos do escritor o anti-stalinismo ideal para a reformulação das memórias. O sucesso de *A revolução dos bichos* e 1984 trouxe a *Homenagem à Catalunha* um novo destaque: o de uma memória que desconstruiu o mito soviético. Segundo Berga, o relato de Orwell evidenciava uma passagem política: “el inicial ardor antifascista sin matices debe, obligado por la experiencia personal, conllevar una activa militancia antiestalinista”²⁰⁰, percurso que estava sendo proposto pela sociedade capitalista, depois da derrota do Eixo, afinal, um “novo” inimigo precisava ser forjado e legitimado historicamente.

²⁰⁰ BERGA, Miquel. **Orwell em España**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/berga1.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

Considerações Finais

Em 1942, ao publicar mais um de seus textos que revia a Guerra Civil Espanhola, George Orwell homenageou o miliciano italiano, que emotivamente o influenciou ao chegar à Espanha:

O soldado italiano apertou a minha mão
Junto da mesa da sala de guarda;
A mão forte e a mão delicada
Cujas palmas são apenas capazes

De se encontrarem ao som das armas,
Mas, que paz senti então
Ao olhar seu rosto maltratado,
Mais puro que o de uma mulher!

As palavras corrompidas que me faziam vomitar
Eram ainda sagradas aos seus ouvidos,
Ele nasceu sabendo o que só aprendi
Lentamente a partir dos livros.

As armas traiçoeiras contaram uma história
E nós dois acreditamos,
Mas o soldado displicente tinha muito valor –
Oh! Quem poderia adivinhar?

Boa sorte, soldado italiano!
Mas a sorte não é para os bravos;
O que o mundo perderia lhe devolver?
Sempre menos do que você tem dado.

Entre a sombra e o fantasma,
Entre o branco e o vermelho,
Entre a bala e a mentira,
Onde você se esconderia?

Pois onde está Manuel Gonzalez,
E onde está Pedro Aguilar,
E onde está Ramon Fenellosa?
Os vermes sabem onde cada um está.

Seu nome e feitos foram esquecidos
Antes dos ossos secarem,
E a mentira que o matou foi enterrada
Debaixo de uma mentira ainda maior;

Mas o que vi em seu rosto
Nenhum poder consegue deserdar:
Nenhuma bomba irá jamais
Quebrar o cristal do espírito.²⁰¹

Esse poema, que serviu de conclusão para seu ensaio Recordando a Guerra Civil Espanhola, ganha na presente pesquisa contornos semelhantes, devido ao fato de resumir em poucas palavras aspectos abordados sobre a experiência de Orwell sobre a Espanha.

George Orwell, ao chegar à Espanha no bimestre final de 1936, era um crítico do socialismo como o via na Inglaterra e crente da transformação social realizada pelos trabalhadores. O seu contato inicial em um ambiente revolucionário com um sujeito que representaria não só nas atitudes, mas na expressão física, aquilo que Orwell imaginava

²⁰¹ ORWELL, George. **Lutando na Espanha**: Homenagem à Catalunha, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos. São Paulo: Globo, 2006, p. 288-9.

iniciar o processo de mudança através do homem comum, soou como um alerta positivo do que estava para acontecer.

No entanto, Orwell era o sujeito que só conheceu o socialismo através da experiência dos seus dias junto à classe trabalhadora, avaliando os partidos ingleses, lendo livros. Apesar de não ter concordado com as diferentes correntes socialistas dentro da Inglaterra, formulando então seu próprio ideal social, Orwell *escolheu* lutar pelo socialismo, enquanto aquele miliciano só efetuou àquilo ao qual estava destinado a fazer como membro da classe trabalhadora. Nesse sentido, os versos iniciais do poema revela minúncias do escritor que foi à Espanha naquele período, algo que tentou ser realizado no primeiro capítulo desta dissertação.

O conjunto de experiências avaliado anteriormente foi importante para perceber que com todos os limites de suas vivências, os retratos que autor compôs em seus livros e artigos demonstraram, na imnência da ida a Espanha, uma forte sensação de desvelamento de sua realidade inglesa. Assim, ao redescobrimos suas experiências escolares, sua atuação na Birmânia, a medicância na Inglaterra, a pobreza na França, o contato com os mineiros na região de Wigan, verificamos sua própria redescoberta sobre educação, o imperialismo, a pobreza e o socialismo, cujo impacto consiste em transformá-lo em um sujeito histórico capaz de sair de sua terra natal para pegar em armas em outro país.

Verter um olhar para sua experiência anterior à guerra permitiu também perceber com quais convicções e sentimentos iniciais ele identificou o conflito. O escritor se dirigiu à Espanha em nome de um compromisso político contra o fascismo e em favor da classe trabalhadora, trazendo consigo fortemente articulado o discurso antifascista, e um militarismo próprio de sua educação que o permitiu avaliar o *front* de batalha.

Orwell, em um dado momento, se sentiu enganado acerca da guerra, a propaganda política inglesa associada ao Partido Comunista a respeito da luta contra o fascismo, só dava conta de um dos aspectos do processo: “as armas traiçoeiras contaram uma história e nós dois acreditamos”. O segundo capítulo surgiu então com a necessidade de pensar a caracterização e reflexão que Orwell havia dedicado à guerra.

Para o escritor inglês, a luta espanhola não havia sido somente um embate contra o fascismo como se faziam crer, ela também se estabeleceu como ação para a

manutenção da revolução iniciada pelos trabalhadores. Ao escrever sobre isso, Orwell buscou situar o leitor no jogo político do qual a imprensa fazia parte, denunciando assim não só os atos stalinistas na Espanha, mas a própria apropriação inglesa do fato e a problemática moral por trás disso para a contribuição da política de não intervenção e o impacto dos resultados desta para o avanço do totalitarismo.

Buscou-se mostrar também através deste capítulo o posicionamento assumido pelo escritor ao lado dos perseguidos pelo governo republicano, anarquistas e pousistas, permitindo uma abordagem da história da Guerra Civil que fugia da hegemonia de produções atreladas ao discurso republicano orientado pelo governo soviético; tentava assim situar o miliciano que estava entre a bala e a mentira. Ao mesmo tempo em que Orwell efetuava suas críticas ao modo como a guerra na Espanha havia sido tratada, ele tentou dar às suas memórias um caráter de denúncia que servisse de alerta aos ingleses, nesse sentido, o autor deixava explícito por qual público queria ser prioritariamente lido.

Se havia uma denúncia a ser feita, significava que os fatos narrados pelo discurso oficial marginalizavam ou excluía alguém do processo de rememoração dos acontecimentos e da construção da história. Dessa maneira, o escritor a partir de suas reflexões sobre o conflito se inseriu em uma disputa sobre a memória. Fez-se necessário re-narrar a Guerra Civil para impedir que os nomes e feitos daqueles, que o miliciano italiano representava, não fossem esquecidos, e seus espíritos revolucionários perdurassem inquebráveis, como exemplos de uma luta válida e coerente, e não como excessos e forças de traição.

Ao escrever *Homenagem à Catalunha*, Orwell assumiu um compromisso ético e político de solidariedade com aqueles que compartilhou o *front*, além de concretizar seu objetivo pessoal, enquanto escritor, de denunciar aquilo que ele considerava falso e mentiroso, transformando escrita política em arte.

Lista de Fontes

ORWELL, George. **A caminho de Wigan**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ORWELL, George. **A filha do reverendo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

ORWELL, George. **Dentro da Baleia e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ORWELL, George. **Dias na Birmânia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

ORWELL, George. **Literatura e Política**: jornalismo em tempos de guerra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ORWELL, George. **Lutando na Espanha**: Homenagem à Catalunha, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos. São Paulo: Globo, 2006.

ORWELL, George. **Na pior em Paris e Londres**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.

Referências Bibliográficas

BEEVOR, Antony. **A batalha pela Espanha**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BEILGUELMAN-MESSINA, Giselle. **Hemingway e a Guerra Civil Espanhola**. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/05/14-giselle.pdf> Acesso em: 10 de set de 2011.

BERGA, Miquel. **Els escriptors estrangers i la guerra civil a Catalunya**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/berga3.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

BERGA, Miquel. **Orwell en España**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/berga1.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

BERGA, Miquel. **George Orwell i Homenatge a Catalunya**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/berga4.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

BONALUME NETO, Ricardo. **George Orwell**. Série Encanto Radical. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BROUÉ, Pierre. **The ‘May Days’ of 1937 in Barcelona**. Disponível em: <http://www.marxists.org/history/etol/document/spain/spain04.htm> Acesso em: 15 de out de 2010.

CALDAS, Bárbara. **A voz do outro em evidência: a literatura testemunho na América Latina**. Disponível em: http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/vozdooutro_barbara.pdf Acesso em: 10 de jun de 2013.

CAPA, Robert. **Ligeiramente fora de foco**. São Paulo: Cosa Naify, 2010.

CHALHOUB, Sidney; MIRANDA, Leonardo Affonso de. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALMERS, V. M. **A escrita da Guerra Civil Espanhola por George Orwell**. In: DIOGO, R. C. M., ALBUQUERQUE, A. E. D. de, FIGUEIREDO, D. A. e FIRMO, E. B. (org). **Hispanismo 2006 – Literatura Espanhola**. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius: ABH, 2008, p. 479.

COSTA, Carolina da Purificação. **“Bons romances são escritos por pessoas sem medo”**: nos caminhos das distopias, a denúncia política de George Orwell. Feira de Santana: Monografia, UEFS, 2009.

DURGAN, Andy. **El legado de las Brigadas Internacionales**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/durgan4.htm> Acesso: 30 de mai de 2013.

ENZENSBERGER, H. M. **O curto verão da anarquia**: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola. Companhia das Letras, 1987.

GOHN, Carlos. **George Orwell e os desdobramentos literários de uma presença no front**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%20N%C3%BAmero%20Especial%20Guerra%20Civil/12-Carlos-Gohn.pdf Acesso em: 05 de out de 2010.

GONZÁLEZ, Josep Antoni Pozo. **Mayo 1937: ¿rivalidad política o crisis del antifascismo?**. Disponível em: <http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=5080> Acesso em: 05 de mai de 2013.

GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **La cuestión anarquista en la revolución española**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/gutierrez51.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Orwell, antes de la revolución**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/gutierrez34.htm> Acesso em: 31 de mai de 2013.

GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Orwell, um poumista atípico**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/gutierrez5.htm> Acesso em: 05 de out de 2010.

GUTIÉRREZ-ÁLVAREZ, Pepe. **Una mirada sobre el II Congreso de Escritores Antifascistas en Valencia, 1937**. Disponível em: <http://www.nodo50.org/despape/Nuestra%20Historia/guerra%20civil/valencia1937.htm> Acesso em: 31 de mai de 2013.

HEMINGWAY, Ernest. **A quinta – coluna**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HEMINGWAY, Ernest. **Paris é uma festa**. São Paulo: Círculo do Livro, 1964.

HEMINGWAY, Enerst. **Por quem os sinos dobram**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HITCHENS, Christopher. **A vitória de Orwell**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Intellectuals and the Spanish Civil War**. Disponível em: <http://theorwellprize.co.uk/george-orwell/about-orwell/eric-hobsbawm-intellectuals-and-the-spanish-civil-war/> Acesso em: 22 de mar de 2013.

HOBBSAWM, E. J. **Rebeldes primitivos**: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

LEGUINA, Joaquín. **La llamada de España**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/leguina.htm> Acesso em: 30 de mai de 2013.

MANFRÉDONIA, Gaétano. **Espanha libertária**: a revolução social contra o fascismo. São Paulo: Imaginário: Expressão e Arte, 2002.

MARTORELL I GIL, Encarnació. **Com olhos de menina**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MATOS, Jacinta Maria. **“The road from Mandalay”**: Orwell e o imperialismo. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6579.pdf> Acesso em: 09 de fev de 2013.

MAYER, Arno J. **A Força da Tradição**: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MOMPÓ, Enrique. **A espontaneidade na revolução espanhola**. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/02momp.html> Acesso em: 03 de out de 2010.

MOMPÓ MARTINEZ, E. **El Comité Central de Milicias Antifascistas de Catalunya y la situación de doble poder en los primeros meses de la Guerra Civil Española**, 1994. 629p. Tese (Doutorado em História Contemporânea) - Faculdade de Geografia e História, Universidade de Barcelona.

MOMPÓ, Enric. **Ficção e verdade na Guerra de Espanha**: o redescobrimto da história: Reflexões e comentários sobre o filme Terra e liberdade (1995), dirigido por Ken Loach. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/01ficcao.html> Acesso em: 01 de out de 2010

NERUDA, Pablo. **A terceira residência**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**: memórias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NÓVOA, Jorge. **A Espanha incandescente**. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/02nova.html> Acesso em: 01 de out de 2010.

PAVLOSKI, Evanir. **A distopia do indivíduo sobre controle**. Curitiba, 2005.

Disponível em: <http://dSPACE.c3sl.ufpr.br/dSPACE/bitstream/1884/2996/1/A+Distopia>

+do+Indiv%3Fduo+Sob+Controle.pdf. Acesso em: 04 de dez de 2006.

PAZ, Abel. **Durruti y la revolución**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/paz.htm>
Acesso em: 17 de mar de 2013.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Disponível em:
http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf Acesso em: 02 de jun de 2013.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Disponível em:
http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 02 de jun de 2013.

RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Mujeres Libres da Espanha: documentos da Revolução Espanhola**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

RODDEN, John, e ROSSI, John. **Papa and “St. George”**: the (um)meeting. Disponível em: <http://www.finlay-publisher.com/archives/May-July%202009.pdf> Acesso em: 13 de jul de 2013.

RODRIGUES, Ivan. **Locus e ecos da ética libertária** – A novela ideal e a propaganda anarquista espanhola. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 2005.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: 2008.

SANTILLÁN, Diego Abad de. **Organismo Econômico da Revolução**: a autogestão na Revolução Espanhola. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SEVECENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, 2ª edição: Brasiliense, 1985.

SILVA, Antonio Ozaí. **Os dilemas do intelectual militante de esquerda**. Disponível:
http://www.espacoacademico.com.br/026/26pol_orwell.htm. Acesso em: 11 de mar de 2009.

SILVA, Elisabete do Rosário Mendes. **O Socialismo de Orwell**: uma nova proposta social em plena Segunda Guerra. Disponível em:
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6580.pdf> Acesso em: 09 de fev de 2013.

SILVA, Paulo Santos. **Uma história da guerra mundial**. Salvador: Quarteto, 2003.

SOARES, Daniela de Lima. **Anarquistas na Guerra Civil Espanhola**: uma abordagem através das obras literárias de Ernest Hemingway e André Malraux. Rio Grande do Sul: Monografia, UFRS, 2010.

SUÁREZ, Michel. **Considerações críticas sobre a Revolução Espanhola (1936 – 1937)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Narrativa e fronteira cultural**. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF3/Artigo%20Felipe%20Charbel%20Teixeira.pdf>
Acessado em: 06 de jun de 2012.

VERA, Juan Manuel. **Orwell y el socialismo inglés**. Disponível em: <http://www.fundanin.org/vera14.htm> Acesso em: 31 de mai de 2013.

VILAR, Pierre. **La guerra civil española**. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1986.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.